

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS – DCG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA-PPGG

**MARIA JOSÉ GONÇALVES DE MELO**



**A INSERÇÃO DO ECOTURISMO NO BREJO DE  
SERRA NEGRA /BEZERROS/ PE: UMA  
PROPOSTA CONCRETA DE DESENVOLVIMENTO**



**SOCIOESPACIAL?**



**Recife - 2005**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS – DCG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA-PPGG

**MARIA JOSÉ GONÇALVES DE MELO**

**A INSERÇÃO DO ECOTURISMO NO BREJO DE  
SERRA NEGRA /BEZERROS/ PE: UMA  
PROPOSTA CONCRETA DE DESENVOLVIMENTO  
SOCIOESPACIAL?**

Dissertação apresentada ao  
Curso de Mestrado em Geografia,  
da Universidade Federal de  
Pernambuco, para obtenção do  
grau de Mestre

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Jorge Moura de Castilho

**Recife - 2005**

**Melo, Maria José Gonçalves de**

**A inserção do ecoturismo no brejo de Serra Negra/Bezerros/PE : uma proposta concreta de desenvolvimento socioespacial ? / Maria José Gonçalves de Melo. – Recife : O Autor, 2005.**

**124 folhas : il., tab., fotos, gráf., mapas.**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Geografia, 2005.**

**Inclui bibliografia e apêndices.**

**1. Geografia e turismo – Ecoturismo. 2. Formação do espaço geográfico – Município de Bezerros(PE). 3. Turismo – Conceitos e tipos – Espaço e turismo – Impactos socioeconômicos, espaciais e culturais. 4. Ecoturismo – Segmentos e interesses envolvidos – Desenvolvimento socioespacial em Serra Negra, Bezerros(PE). I. Título.**

**913 : 379.85  
910**

**CDU (2.ed.)  
CDD (22.ed.)**

**UFPE  
BC2005-070**

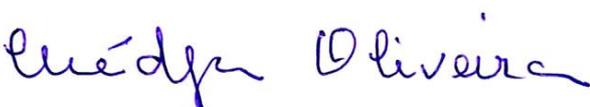
# MARIA JOSÉ GONÇALVES DE MELO

## A INSERÇÃO DO ECOTURISMO NO BREJO DE SERRA NEGRA /BEZERROS/ PE: UMA PROPOSTA CONCRETA DE DESENVOLVIMENTO SOCIOESPACIAL?

Aprovada em : 28 / 02 / 2005

### BANCA EXAMINADORA

  
PRESIDENTE Prof. Dr. Cláudio Jorge Moura de Castilho - UFPE

  
MEMBRO Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Niédja Maria Galvão Araújo e Oliveira - UPE

  
MEMBRO Prof. Dr. Nilson Cortez Crócia de Barros - UFPE

MEMBRO Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria de Fátima Rodrigues - UFPB

MEMBRO Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanice Selva Santiago - UFPE

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meu pai (*in memoriam*) que, apesar de não ter tido oportunidade para estudar, exigiu de seus filhos que concluíssem, no mínimo, o ginásial.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus

Por ter encontrado forças todas as vezes que me senti cansada e pensava que não conseguiria concluir este trabalho

A meu esposo e filhos

Pela compreensão, pela torcida e pelo apoio que encontro no amor de vocês. Eu os amo.

A minha mãe e irmãos

Pois a família é a base para enfrentarmos as dificuldades e dividirmos as alegrias. Vocês são muito importantes para mim!

A família de meu esposo

Pelo carinho, acolhida, solidariedade que me deram todas as vezes que fui a Bezerros para realizar a pesquisa de campo.

Aos amigos, Luciana e Eribelton

Pela colaboração imensurável que vocês concederam a mim na realização deste trabalho.

A Prefeitura de Bezerros

Representada por todas as pessoas que tão bem me receberam e deram sua contribuição para a conclusão deste trabalho.

A Laís Guimarães Vieira

Por sua assessoria e paciência em agüentar o meu estresse, e por suas palavras de incentivo que tanto me encorajaram.

Ao povo de Bezerros

Que contribuiu com suas respostas, sem as quais esta pesquisa não teria se concretizado.

Aos Professores do Mestrado

Pela contribuição para meu aprimoramento cultural, permitindo que eu me tornasse um agente multiplicador mais capaz.

Aos companheiros de Mestrado da turma de 2002, em especial a Jeanete

Pelo companheirismo, atenção e cumplicidade.

A Prof. Dr. Cláudio Castilho

Pela confiança, disponibilidade, exigência, amizade e orientação, fundamentais para a realização deste trabalho.

A todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão desta dissertação

A todos minha gratidão, porque leva-los-ei em minha carreira.

## RESUMO

A inserção do turismo em uma área rural modifica a dinâmica do espaço e faz com que as formas espaciais adquiram novas funções, resultantes do sistema de ações, refletindo-se visivelmente na paisagem e na vida da sociedade local. Com o objetivo de constatar se a inserção do ecoturismo pode ser considerada uma proposta concreta de desenvolvimento socioespacial, beneficiando a população ligada direta ou indiretamente a essa atividade e ensejando condições não somente para o crescimento econômico local, elegeu-se o Brejo de Serra Negra, situado no Município de Bezerros – Pernambuco, no qual está sendo implantado o ecoturismo. Para o estudo científico de cunho geográfico tomou-se o método dialético como principal recurso de análise, alicerçado teoricamente em documentos oficiais, oriundos das esferas federal, estadual e municipal, bem como na literatura específica. Para melhor apreender a influência do turismo em Serra Negra, procedeu-se a uma pesquisa de campo para investigar a percepção dos cidadãos quanto às mudanças que poderiam derivar da implantação da atividade ecoturística na região. Ao constatar que os entrevistados perceberam que o ecoturismo promoveu aumento de renda, de vendas, de empregos e o crescimento econômico da área de Serra Negra, apesar do descaso com que a Prefeitura do Município tem tratado as questões relativas ao turismo desde 2002, e considerando que o ecoturismo foi a única atividade desenvolvida na região, a autora concluiu que essa modalidade de turismo é uma proposta para a concretização do desenvolvimento socioespacial de Serra Negra. Todavia sugere que os gestores municipais devem planejar as atividades turísticas tecnicamente, como um processo contínuo de benefício socioespacial, dissociando-o das contendas pelo poder e do jogo de conveniências.

Palavras-chave: 1. Ecoturismo      2. Desenvolvimento socioespacial      3. Dinâmica espacial

## **ABSTRACT**

Tourism insertion in a rural area modifies the spatial dynamic as well as it promotes new functions to special forms, consequential to action system, clearly reflected on landscape and on community life. Objectifying to detect if ecotourism insertion can be considered as a real socio-spatial developmental proposition, acting as a benefit to the population dependent, directly or indirectly, on this activity, and creating best conditions also to local economic development, the author select marsh of Serra Negra, located at Bezerros City, Pernambuco, Brazil, where ecotourism has been instilled. Dialectical method has been used as the main analysis resource for a scientific geographical study, theoretically based on official documents, derived from federal, departmental and municipal, as well as on specific literature. For best understanding the tourism influence in Serra Negra, a research was performed to investigate citizens' perception on possible changes, derived from ecotourism implantation in the region. Based on the identification that citizens considered that ecotourism increased incomes, sailings, employments and economic growth at Serra Negra area, despite of neglect of Prefect concerning to tourism activities, since 2002, and considering that ecotourism has been the unique activity developed at this region, the author concluded that this tourism modality is a proposal to socio-spatial development of Serra Negra. Otherwise the author suggested that municipal managers should technically plan tourist activities, as a continuum process of socio-spatial benefits, dissociated of power dispute and also of interest gambling.

Key-words: 1. Ecotourism 2. Socio-spatial development 3. Spatial dynamic

## LISTA DE FOTOS

FOTO 1 – PEDRA PINTADA.....	26
FOTO 2 – PEDRA DO TUBARÃO.....	26
FOTO 3 – CAMPOS FLORIDOS.....	26
FOTO 4 – AÇUDE DO DEDA.....	26
FOTO 5 – MIRANTE PADRE CÍCERO.....	93
FOTO 6 – GRUTA DO DEDA.....	93
FOTO 7 – PÓLO CULTURAL DE SERRA NEGRA.....	94
FOTO 8 = APRESENTAÇÃO FOLCLÓRICA FEITA POR JOVENS, NA FRENTE DO CCI.....	95
FOTO 9 – ANFITEATRO.....	95
FOTO 10 – LOCALIZAÇÃO DO ANFITEATRO EM RELAÇÃO AO QUIOSQUE E AO CCI.....	95
FOTO 11 – ENTRADA DO PARQUE ECOLÓGICO.....	96
FOTO 12 – EXPOSIÇÃO NO CCI DE ARTESANATO, PRODUZIDO PELOS MORADORES DA SERRA NEGRA, A SER VENDIDO.....	110

## LISTA DE MAPAS

MAPA 1– SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DE BEZERROS NA ZONA AGRESTE DO ESTADO DE PERNAMBUCO ..	23
MAPA 2–DIVISÃO ADMINISTRATIVA DO MUNICÍPIO DE BEZERROS.....	25

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – DISTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS DESENVOLVIDAS PELOS ENTREVISTADOS – BEZERROS – SETEMBRO 2004.....	103
GRÁFICO 2 – DISTRIBUIÇÃO DOS 146 ENTREVISTADOS SEGUNDO PERCEPÇÃO DA INFLUÊNCIA DO TURISMO NOS SETORES DE ATIVIDADE DA CIDADE – BEZERROS – SETEMBRO 2004.....	105

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – FREGUESIAS DO AGRESTE – SÉCULO XVIII .....	20
TABELA 2 – BEZERROS: EVOLUÇÃO POPULACIONAL .....	27
TABELA 3 – BEZERROS: POPULAÇÃO POR SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO – 1940-2000 .....	28
TABELA 4 – EMPREGADOS POR SETOR DE ATIVIDADE .....	29
TABELA 5 – ÁREAS DOS ESTABELECIMENTOS SEGUNDO UTILIZAÇÃO DAS TERRAS .....	30
TABELA 6 – BEZERROS: PRODUÇÃO AGRÍCOLA DE CULTURAS TEMPORÁRIAS – 1980-2000 .....	31
TABELA 7 – BEZERROS: PRODUÇÃO AGRÍCOLA DE CULTURAS PERMANENTES– 1980-2000 .....	31
TABELA 8 – BEZERROS: EFETIVO E VALOR DOS REBANHOS - 1990-2002 .....	32
TABELA 9 – BEZERROS: VACAS ORDENHADAS E PRODUÇÃO LEITEIRA – 1990 - 2002 .....	33
TABELA 10 – BEZERROS: EFETIVO DAS GALINHAS E VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO NO PERÍODO DE 1980 - 2002 .....	33
TABELA 11 – BEZERROS – NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS POR SETOR DE ATIVIDADE – 1997 - 2002 .....	35
TABELA 12 – CHEGADAS E RECEITA GERADA COM O TURISMO INTERNACIONAL POR REGIÃO 1997-2002 .....	49
TABELA 13 – PARTICIPAÇÃO DAS CHEGADAS DE TURISTAS NO BRASIL .....	49
TABELA 14 – NÍVEL DE EMPREGO E GERAÇÃO DE IMPOSTOS NO MUNDO E NO BRASIL, NO PERÍODO DE 1990 A 2006.....	49
TABELA 15 – DISTRIBUIÇÃO DO LOCAL DE HABITAÇÃO DOS 146 CIDADÃOS PESQUISADOS – BEZERROS – SETEMBRO 2004.....	102
TABELA 16 – DISTRIBUIÇÃO DOS PERÍODOS DE AUMENTO DA POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BEZERROS SEGUNDO INFORMAÇÃO DE 105 ENTREVISTADOS – BEZERROS – SETEMBRO 2004.....	103
TABELA 17 – CARACTERIZAÇÃO DA INFLUÊNCIA EXERCIDA PELO TURISMO NOS SETORES DE ATIVIDADES DA CIDADE, SEGUNDO 51 ENTREVISTADOS – BEZERROS – SETEMBRO 2004 .....	107

# SUMÁRIO

DEDICATÓRIA .....	IV
AGRADECIMENTOS.....	V
RESUMO .....	VII
ABSTRACT .....	VIII
LISTA DE FOTOS.....	IX
LISTA DE MAPAS .....	IX
LISTA DE GRÁFICOS .....	IX
LISTA DE TABELAS.....	X
INTRODUÇÃO .....	13
<b>CAPÍTULO 1 - A FORMAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE BEZERROS .....</b>	<b>17</b>
1.1 A formação histórico-geográfica de Bezerros.....	21
1.2 Aspectos socioeconômicos do Município de Bezerros .....	27
<b>CAPÍTULO 2 – TURISMO: UMA BREVE DISCUSSÃO CONCEITUAL .....</b>	<b>38</b>
2.1 Conceitos e tipos de turismo.....	38
2.2 Espaço e turismo .....	45
2.3 Impactos socioeconômicos e espaciais do turismo.....	48
2.4 Impactos culturais.....	57
2.5 - Turismo como fator de desenvolvimento socioespacial .....	58
<b>CAPÍTULO 3 – ECOTURISMO E DESENVOLVIMENTO .....</b>	<b>65</b>
3.1 Principais segmentos e interesses sociais envolvidos.....	71
Setor ambientalista .....	71
Setor empresarial .....	72
O Estado .....	73
As populações locais .....	74
O ecoturista.....	75
As instituições de ensino .....	77

<b>CAPÍTULO 4 - O TURISMO EM SERRA NEGRA E AS PERSPECTIVAS CONCRETAS DO DESENVOLVIMENTO SOCIOESPACIAL.....</b>	<b>86</b>
4.1 Uma breve visão sobre as ações governamentais do turismo no Brasil.....	86
4.2 PNMT em Bezerros.....	88
4.3 Potencialidades e atrativos turísticos do Brejo de Serra Negra .....	93
4.4 Aspectos socioeconômicos do Brejo de Serra Negra .....	97
<b>CAPÍTULO 5 –CONTEXTO ATUAL DO TURISMO EM SERRA NEGRA – DISCUSSÃO E CONCLUSÕES .....</b>	<b>101</b>
5.1 Contexto atual do papel do turismo em Serra Negra.....	101
Método de coleta de dados da pesquisa de campo.....	101
O contexto turístico atual segundo a pesquisa de campo.....	102
5.2 Conclusões e considerações finais .....	110
5.3 Referências Bibliográficas .....	115
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>120</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho busca analisar a inserção do ecoturismo em uma área rural, Brejo de Serra Negra, como uma proposta concreta de desenvolvimento socioespacial, para entender o processo de produção de um espaço, no qual as formas espaciais adquirem novas funções, resultantes do sistema de ações ligadas ao turismo, modificando visivelmente a paisagem e a vida da sociedade local.

Tal análise tem como objetivo demonstrar que a modalidade de turismo, que está sendo inserida na área, o ecoturismo, apresenta-se como uma proposta concreta de desenvolvimento socioespacial, que vem beneficiando a população ligada direta e indiretamente à atividade turística. Parece também que a dita modalidade consegue influenciar o crescimento econômico do Município, trazendo possibilidades reais de melhoria de vida para sua população.

A pesquisa enfoca os aspectos socioeconômicos do Município; analisa, de maneira geral, o conceito de turismo, bem como os impactos e os agentes envolvidos. Todavia ressalta, de maneira especial, o ecoturismo e a questão do desenvolvimento socioespacial, por ser de maior interesse para o presente trabalho.

No intuito de estudar o tema, elegeu-se o Brejo de Serra Negra, situado no Município de Bezerros - Pernambuco. A escolha de Serra Negra deu-se ao fato da autora conhecer a área desde o final de 1980 e ter tido a oportunidade de observar as mudanças ocorridas na área desde então. Trata-se de um brejo de altitude e exposição, que tem como atividade principal a agricultura.

O contato da autora com a Serra Negra tornou-se mais próximo no início de 2000, quando da realização de pesquisa, que se constituiu em trabalho para conclusão de Curso de Especialização em Ensino de Geografia do Mundo Tropical, tendo por tema as transformações agrícolas ocorridas no Brejo de Serra Negra. Naquela ocasião, observaram-se já as rápidas

mudanças, que ocorriam na paisagem para a instalação da infra-estrutura visando a atender à atividade turística, que despontava na região. Disso derivou o interesse em investigar a forma pela qual essa atividade está efetivamente beneficiando as comunidades locais.

Buscou-se uma abordagem que, em sua essência, contemplasse a complexidade que a temática incita. Com isso, levou-se em consideração o percurso teórico de aliar um estudo científico de cunho geográfico, à influência do turismo na organização da dinâmica socioespacial da área. Para tanto, tomou-se o método dialético como principal recurso de análise, em virtude de seu instrumental possibilitar a apreensão da relação turismo-espço, como um processo de uma realidade que não é acabada, mas, sim, em constante transformação em algum sentido.

Para dar o suporte necessário à avaliação de seus resultados, teoricamente este estudo alicerçou-se em documentos oficiais, oriundos das esferas federal, estadual e municipal, bem como em diversos autores tais como: Rodrigues (2003, 2002a,b, 2001); Torres (2002); Fennell (2002); Pires (2002); Ignarra (2002); Benevides (2002); Wearing; Neil (2001); Barreto (2001); Santos (2002, 1998, 1997); Souza (2002, 1996); Castilho (2000, 1999); Yázigi (1999); Andrade (1998); Barros (1998), entre outros.

Após os levantamentos bibliográfico e documental, necessários à construção da base teórica do estudo, foi realizada pesquisa de campo, com o intuito de investigar *in loco* a percepção dos bezerrenses quanto às mudanças, que poderiam derivar da implantação da atividade ecoturística na área, dados esses com os quais elaborou-se o documento final, a seguir descritos.

No Capítulo 1, fez-se uma análise da formação do espaço geográfico do Município de Bezerros, partindo de sua ocupação e resgatando os aspectos de sua história e de seus elementos físicos e socioeconômicos, que pudessem influir na dinâmica do presente, entendendo-a melhor.

No Capítulo 2, foi feito um estudo sobre o conceito e a historicidade do turismo, para fundamentar a melhor compreensão da atividade turística. Analisou-se também a inter-relação do espaço com o turismo, com base nas categorias de análise do espaço geográfico, ressaltando os tipos de turismo existentes em Bezerros. Os impactos do turismo foram analisado nos

enfoques econômicos, físicos e culturais, tentando chegar à análise do papel do turismo, como fator de desenvolvimento socioespacial.

O Capítulo 3 trouxe uma análise do ecoturismo, abrangendo sua origem, conceito, setores envolvidos, bem como os principais enfoques do Programa Nacional de Ecoturismo. Destacou-se o ecoturismo, por ser a modalidade que se encontra na área de estudo e por possuir o papel de promover a integração sócio-territorial, buscando a preservação do patrimônio natural e cultural da sociedade, assim como a garantia da melhoria das condições de vida da população local.

No Capítulo 4, expuseram-se alguns aspectos da política de turismo no Brasil, até a criação do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), por meio do qual o turismo passou a ser inserido no Município de Bezerros. Analisaram-se as potencialidades e os atrativos turísticos de Bezerros, constantes do Inventário Turístico de Pernambuco (EMPETUR, 1998), bem como os aspectos socioeconômicos de Serra Negra, que permitiram analisar a possibilidade de o turismo constituir-se numa perspectiva concreta de desenvolvimento socioespacial para a região.

O Capítulo 5 contemplou os resultados da pesquisa de campo, no qual se verificaram o envolvimento da população com a atividade turística e a maneira como o turismo influencia na vida da população de Serra Negra e no Município.

Partindo-se para a análise conclusiva, a hipótese básica preliminar de que a inserção do ecoturismo é uma proposta para o processo de concretização do desenvolvimento socioespacial foi confirmada. Apresentaram-se, outrossim, algumas sugestões para que a mesma se concretize, de modo mais efetivo em bases científicas. Espera-se que os resultados obtidos e as críticas construtivas, feitas nesse trabalho, sirvam para contribuir para o planejamento conseqüente do Município, bem como para a análise das relações turismo-espaço na Geografia.

**CAPÍTULO 1 - A FORMAÇÃO DO ESPAÇO  
GEOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE  
BEZERROS**



# CAPÍTULO 1 - A FORMAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE BEZERROS

Nenhum estudo de geografia urbana, que se respeitasse, podia começar sem alusão à história da cidade, portanto faz-se necessária uma visão histórico-geográfica do passado para entendermos o presente.

(SANTOS, 1998, p. 69)

O Nordeste brasileiro estende-se por uma área de mais de 1.542.000 km<sup>2</sup>. Tem o clima como elemento que marca mais sensivelmente sua paisagem, decorrente do regime pluvial e exteriorizado pela vegetação natural. Devido às condições climáticas diversificadas, distinguiram-se quatro grandes regiões naturais e geográficas: Mata, Agreste, Sertão e Meio-Norte.

A região da Mata estende-se desde o Rio Grande do Norte até o Sul da Bahia, ocupando terras situadas a leste da região nordestina. Possui elevadas taxas pluviométricas, com clima quente e úmido e duas estações bem definidas, uma chuvosa e outra seca, além de solos bem desenvolvidos.

Na região da Mata e litoral oriental, concentra-se grande parte da população nordestina (32%), apesar de representar menos de 18,2% da área do Nordeste. É considerada também a região mais importante porque, além da concentração demográfica, nela se localiza a parte mais importante de seu parque industrial e sua atividade agrícola de *plantation*.

O Sertão possui clima semi-árido, com temperaturas médias anuais elevadas; solos arenosos e rasos, que não favorecem a prática agrícola. Juntamente com o Litoral Setentrional ocupa mais da metade do território nordestino, abrigando aproximadamente 27,4% da população da região.

O Meio-Norte ocupa cerca de  $\frac{1}{4}$  do território nordestino; abriga cerca de 16,6% de sua população. Compreende as áreas do Piauí e do Maranhão, nas quais dominam os cerrados; possuem clima diversificado, variando do semi-árido do Sertão nordestino ao úmido da Amazônia.

O Agreste, onde se acha o Município de Bezerros, é uma região de transição entre Mata e Sertão. Às vezes é bem característico em seus aspectos, mas em outras ocasiões pode ser confundido com a Mata em seus trechos úmidos e com o sertão, nos mais secos. Abriga cerca de 27,4% da população nordestina.

Segundo Andrade (1998, p. 32): *“O que caracteriza o Agreste é a diversidade de paisagens que ele oferece em curtas distâncias, funcionando quase como uma miniatura do Nordeste, com suas áreas muito secas e muito úmidas”*. Diversidade, aliás, que muitas vezes é percebida e trabalhada como potencial do desenvolvimento do turismo na região.

Como a região da Mata nordestina era o grande centro de comércio açucareiro, os senhores-de-engenho destinavam a criação para áreas distanciadas dos canaviais. Para o plantio da cana, também era necessário capital para montar engenhos e adquirir escravos. A criação de gado tornou-se uma alternativa para outros lugares, que não tinham recursos suficientes para cultivar a cana e que não queriam se submeter à hierarquia social rígida da civilização açucareira.

Os criadores de gado procuravam estabelecer-se sempre nas proximidades da costa ou dos rios navegáveis, devido ao transporte que era feito apenas por via fluvial.

Com o advento da guerra dos holandeses, os criadores, com medo de perderem seus animais, os quais poderiam ser requisitados pelos invasores, subiram o rio São Francisco em demanda ao Sertão.

O Agreste, apesar de próximo da área açucareira e de possuir condições climáticas e pastagens favoráveis à pecuária, só após a guerra holandesa foi conquistado e economicamente integrado ao Nordeste.

Os pernambucanos também tiveram que liquidar a chamada Confederação dos Cariris, a maior revolta dos índios brasileiros, derivada do fato dos pecuaristas tomarem suas terras e escravizarem-nos, possibilitando o desbravamento do Agreste e de parte do Sertão, o que aniquilou o poderio indígena fazendo com que os remanescentes das poderosas tribos se recolhessem às serras e aos brejos, que eram menos acessíveis aos brancos e menos cobiçados pelos criadores de gado.

Com a destruição do Quilombo dos Palmares e a liquidação das tribos indígenas, passaram os governadores a doar sesmarias, que eram propriedades com extensão superior a 10.000 hectares, nas ribeiras dos rios Parnaíba do Norte, Capibaribe, Ipojuca e Una, nas quais grandes fazendas se instalaram.

Como o relevo do Agreste é acidentado, isto é, apresenta áreas aplainadas e áreas elevadas, as elevações dão origem aos brejos<sup>1</sup>. Nas extensas áreas aplainadas das propriedades, praticava-se a pecuária, já nas áreas de brejos, plantavam-se culturas de subsistência. Dispunham de água no leito dos rios, durante a estação chuvosa, e em cacimbas, durante as estações secas.

Os brejos formavam estabelecimentos que se auto-abasteciam, pois era uma área na qual, devido aos acidentes do relevo, tornava-se difícil abastecer-se com produtos de outra região. Só o gado era destinado ao abastecimento da Mata, por se autotransportar.

A criação extensiva não necessitava de muitos escravos; a fazenda era quase sempre administrada por um vaqueiro e o proprietário vivia na cidade ou nos engenhos na região da Mata. O vaqueiro administrador não recebia salário em dinheiro; era remunerado com um quarto da produção da fazenda. Além dos vaqueiros havia na fazenda alguns mestiços forrós, que recebiam uma pequena remuneração, casa e comida para fazer os serviços auxiliares. Para proverem-se de alimentação, os vaqueiros e os agregados derrubavam trechos de matas existentes no brejo e faziam roçados, onde cultivavam alimentos.

---

<sup>1</sup> Segundo Andrade (1998, p. 36), "*brejos são áreas úmidas ilhadas, quase ilhadas ou marginais à caatinga semi-árida*". Para Lima e Cavalcanti (1975, p. 38): "*Brejos são áreas higrofilizadas, resultantes da altitude e da exposição às massas úmidas advectivas, localizadas em região cuja paisagem vegetal seja predominantemente xerófila*". Andrade (1964, p. 23), em seu estudo sobre brejos pernambucanos, afirma: "*Por exigência sistemática de sua conceituação, também, como subunidade regional, brejo deve ser nome reservado para manchas úmidas isoladas em áreas subúmidas e semi-áridas, do Agreste e do Sertão...*". Para Lins (1989, p. 95): "*Brejos são áreas de exceção, que se destacam dos espaços semi-áridos*". Coutinho (1982, p. 41) discute os conceitos de brejo, afirmando que se faz necessário englobar as características físicas e humanas para melhor definir brejo, sugere algumas definições como: "*Brejos são espaços úmidos situados dentro da zona semi-árida e subúmida do Nordeste, com ocupação agrícola diversificada e voltada para a produção de alimentos*". Assim sendo não há divergências no que tange à definição de brejo, conceituando como uma área de exceção no Sertão e no Agreste e em razão de suas especificidades geomorfológicas-climáticas.

As instalações das sedes das fazendas eram humildes. Ao lado ficavam as casas dos vaqueiros e dos agregados, habitualmente cobertas por palhas.

Como a pecuária extensiva não necessita de mão de obra numerosa, não absorveu a população agrestina que aumentou consideravelmente. As secas foram fazendo com que os habitantes da caatinga se abrigassem nos brejos úmidos e se dedicassem à agricultura e à cultura da cana-de-açúcar para produção de rapadura e de aguardente. Com a concentração da população nos brejos, surgem os sítios<sup>2</sup> e até pequenas vilas. Assim sendo, os que foram agregados das fazendas, tornavam-se agricultores, foreiros e rendeiros, os quais abasteciam de gêneros alimentícios inicialmente o Agreste e após a cultura e o comércio de algodão, também a Mata e o Sertão.

Conforme Andrade (1998, p. 142), “na segunda metade do séc. XVIII, existiam no Agreste seis freguesias com uma população de 14.068 habitantes” (Tabela 1).

**Tabela 1** – Freguesias do Agreste – Século XVIII

FREGUESIAS	NÚMERO DE HABITANTES
Bezerros	1.838
Bom Jardim	4.687
Campina Grande	2.480
Cimbres	1.140
Garanhuns	3.669
Limoeiro	272

FONTE: Adaptado de Andrade (1998)

A população de Cimbres, Bom Jardim e Garanhuns dedicava-se à agricultura de subsistência, enquanto as demais localizavam-se à margem dos caminhos de penetração. Campina Grande era como a porta de penetração para o Sertão paraibano; Limoeiro, localizado no vale do Capibaribe, e Bezerros, no vale do Ipojuca, eram pousos à espera de tropeiros que saíam do

<sup>2</sup> A estrutura fundiária predominante nos brejos são os minifúndios, que são denominados de sítios, onde em quase 100% deles, só os proprietários trabalham na agricultura, habitualmente não se adota o regime de parceria, e sempre que necessária, a contratação de mão de obra é feita por diária.

Recife para o Agreste ou para o Sertão, e ainda para aqueles que retornavam para o Recife.

Observa-se que Bezerros, no período da ocupação do Nordeste, foi uma área estratégica, por se localizar no percurso entre duas sub-regiões que sempre tiveram grande intercâmbio. Esta localização geográfica de Bezerros e os aspectos naturais, como a presença de Brejo de Serra Negra, são alguns dos elementos que favoreceram as atividades econômicas desenvolvidas no Município.

Santos (1997, p. 186) afirma que *“podemos admitir que a história do meio geográfico pode ser grosseiramente dividida em três etapas: o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional”*.

Sob esta perspectiva, pode-se afirmar que a fase da ocupação do Nordeste, com o surgimento da Freguesia de Bezerros, refere-se à etapa do meio natural, ou seja, à primeira etapa da periodização do meio geográfico, na qual o homem escolhia da natureza as partes ou aspectos considerados fundamentais ao exercício da vida. Nesse período, o meio natural era utilizado pelo homem sem empreender grandes transformações no espaço.

### **1.1 A formação histórico-geográfica de Bezerros**

Conforme a tradição, pelos fins do Século XVII, o antigo sítio, onde hoje está assentada a cidade de Bezerros, pertencia a dois irmãos Taciano e Zenóbio Torres, estabelecidos com fazendas de gado, e foi vendido a José e Francisco Bezerra, também irmãos.

Segundo a lenda, os irmãos Bezerra fizeram edificar uma capelinha, sob o patrocínio de São José, no local onde teriam encontrado um dos filhos do fazendeiro José que se perdera na mata da fazenda. Tal como ocorreu no início do povoamento das colônias, nas cercanias dessa capela formou-se um núcleo habitacional constituído pelas casas de moradores, sendo conhecido como São José de Bezerros. Esse povoamento foi crescendo a ponto de ser elevado a curato em 1768, e, em 22 de novembro de 1805, foi

elevado à categoria de freguesia. Seu primeiro vigário, Padre Antonio Jácome Bezerra, porém, somente foi empossado dois anos após.

As fazendas, que posteriormente foram se implantando, desenvolviam também a agricultura, notadamente a da cana-de-açúcar e do café. Esta contava, em 1884, com dezesseis sítios ou fazendas de plantaço. Da produção da cana, surgiram os engenhos dedicados à fabricação da rapadura e de aguardente vendidas para o Sertão.

Localizada a uma altitude de mais de 400 metros e cercada por vários cursos d'água tributários do rio Ipojuca, a região se prestava também à agricultura de subsistência, notadamente de feijão, mandioca, milho, fumo, algodão, e para a pecuária, que marcou o início de seu povoamento.

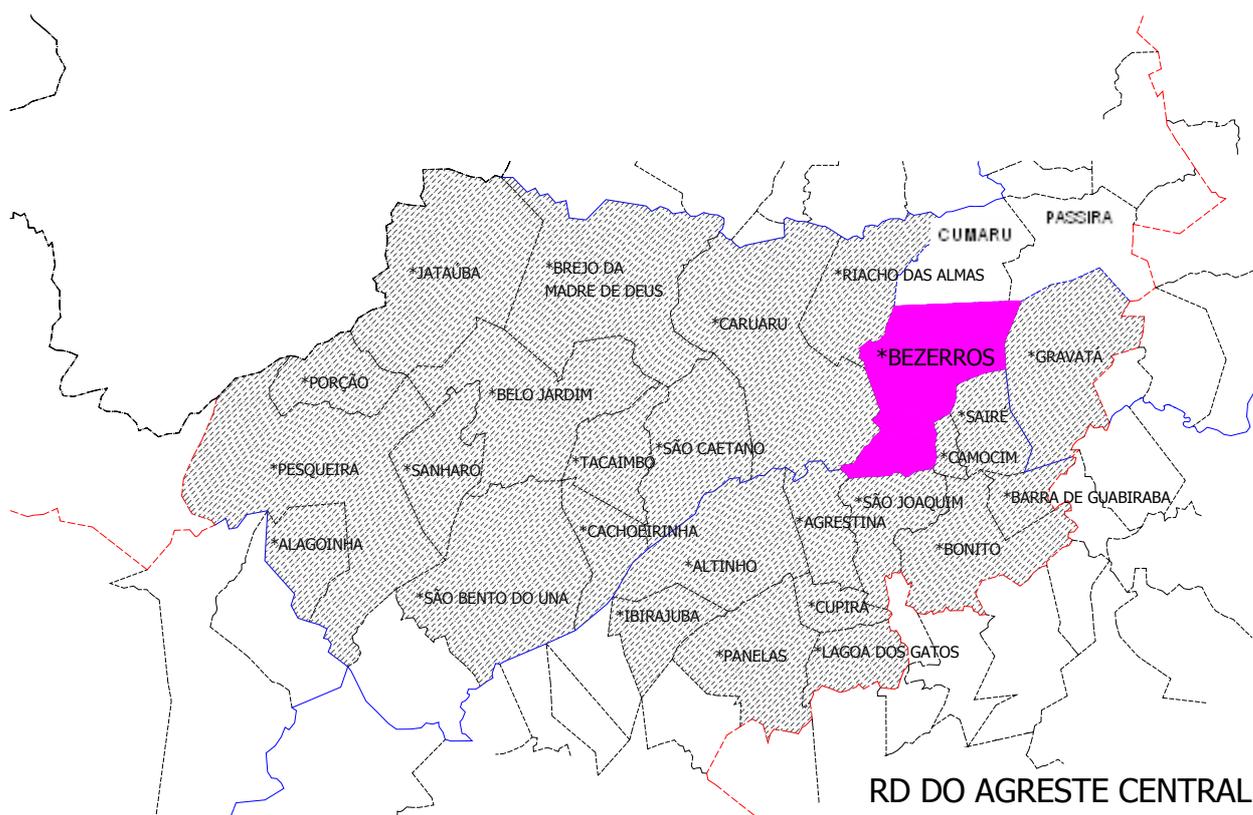
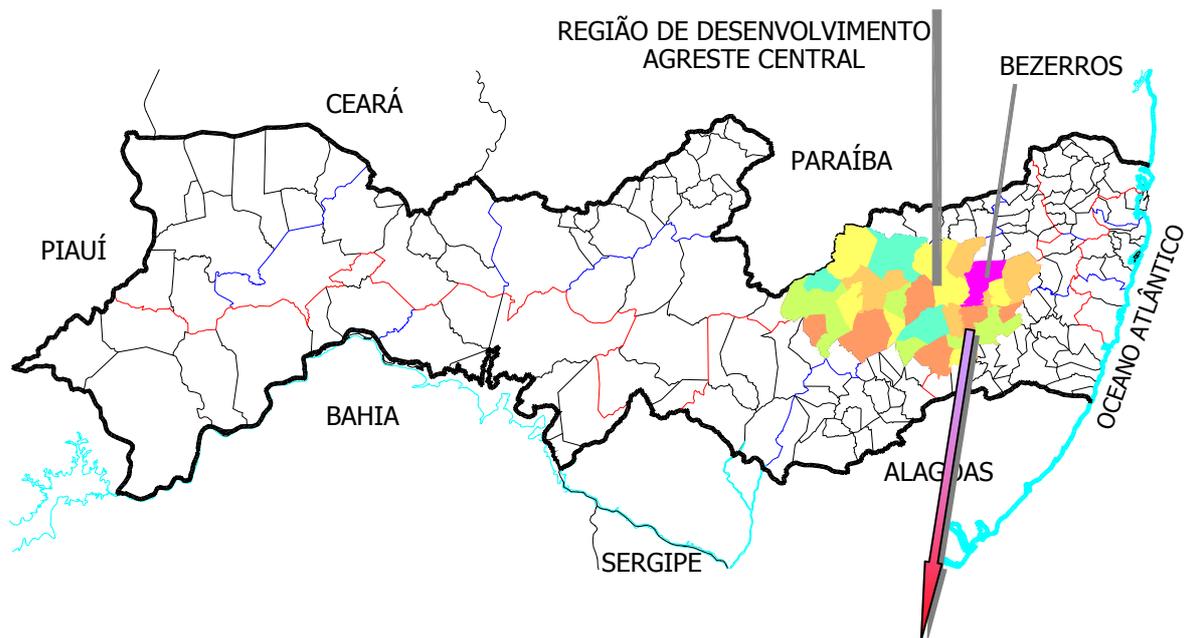
A freguesia de Bezerros foi incorporada ao Termo de Santo Antão em 1811, ao de Caruaru em 1848 e ao de Bonito em 1851. Em 1870, as freguesias de Gravatá e Bezerros constituíram um município separado do de Bonito. Em 1881, Bezerros foi elevado à categoria de cidade e constituiu-se em município autônomo por força da Lei 52 de 03 de agosto de 1892, tendo por primeiro prefeito, Joaquim José Bezerra da Silva, empossado em 23 de abril de 1893 (PERNAMBUCO, 1982, p. 21).

Quanto à origem do nome, existem duas versões, uma relacionada ao sobrenome dos antigos proprietários das fazendas, os irmãos José e Francisco Bezerra, e outra referente ao local onde estava instalada a sede da fazenda que, em tempos remotos, teria sido uma queimada de bezerros.

Atualmente a cidade de Bezerros está inserida na zona fisiográfica do Agreste e incluída na microrregião do Vale do Ipojuca, ocupando 543,4 km<sup>2</sup> de área, pertencendo atualmente à Região de Desenvolvimento do Agreste Central. A sede do Município fica localizada a 471 m acima do nível do mar e apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 8° 12' 00" de latitude Sul e 35° 49' 00" de longitude "W Gr." Rumo N-O.

Limita-se com os municípios: Cumaru e Passira, ao Norte; São Joaquim do Monte, Camocim de São Felix e Agrestina, ao Sul; Gravatá e Sairé, ao Leste e Riacho das Almas e Caruaru, ao Oeste (Mapa 1).

# PERNAMBUCO



**Mapa 1– Situação geográfica de Bezerros na Zona Agreste do Estado de Pernambuco**

FONTE: Adaptado de Pernambuco (2003, p. 13-14)

A sede municipal dista da capital estadual 105 km por rodovia, 112 km por ferrovia e, em linha reta, 96 km. Está beneficiada pela rodovia federal – BR-232 e pela ferrovia da RFFSA.

Quanto aos aspectos do seu sítio, destaca-se o clima, o relevo, a hidrografia e a geologia a fim de mostrar, posteriormente, as particularidades do brejo de Serra Negra, área objeto desta pesquisa, em relação ao Município em que está inserido.

O clima, segundo a classificação de Köppen, é do tipo As', quente e úmido, com período chuvoso de outono-inverno e máximas mensais compreendidas entre os meses de fevereiro e maio. A pluviosidade média anual varia de 1.000mm a 2.000mm e a temperatura média anual está em torno de 24°C.

Quanto ao relevo, o Município está situado na porção oriental do maciço da Borborema, sobre uma superfície aplainada, cujas cotas altimétricas situam-se acima dos 400m e onde se elevam alguns testemunhos com altitudes que oscilam entre 600m e 800m. Observa-se ainda a presença de algumas formas isoladas, denominadas *inselbergs*, disseminadas no Município. Essas irregularidades do terreno associam-se à atividade turística, pois possibilitam melhores condições de conforto térmico e de beleza natural a ser apreciada.

O solo da cidade é calcário, predominando a caatinga como vegetação e, em pequena escala, a mata serrana.

A rede de drenagem superficial está constituída por rios de duas bacias hidrográficas, do rio Capibaribe e do rio Ipojuca. A bacia hidrográfica do rio Capibaribe está representada por pequenos afluentes da margem direita, destacando-se entre eles Cocos e Salgado, ambos situados ao norte da sede municipal, tendo regime pluvial de intermitência. A bacia hidrográfica do rio Ipojuca está representada pelo próprio rio, que cruza transversalmente a cidade de Bezerros, e por pequenos riachos afluentes da margem direita (Riachos Verde, Cágados e Pitombas) e da margem esquerda (Riachos Maravilha e Manuíno ou Serra Negra). O Rio Ipojuca no Município é perene, enquanto alguns afluentes têm regime de intermitência.

Tratando-se da geologia, o Município de Bezerros está localizado na província cristalina e, litoestratigraficamente, está ainda representado por

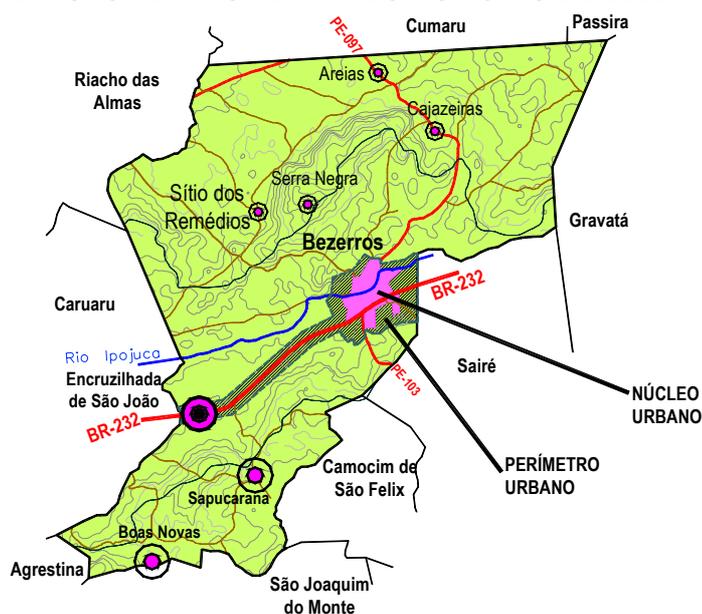
granitos, encontrados em todo o município; complexo migmatítico-granitóide situado numa faixa E-W, cruzando a sede municipal, e, por último, xistos, gnaisses e metarcósios, situados ao Norte. O trabalho erosivo dos agentes externos na paisagem favorece a existência de grutas e mirantes, que se tornam atrativos turísticos de Serra Negra, que serão analisados posteriormente.

O Município apresenta duas grandes unidades estruturais: o Lineamento Pernambuco que o cruza transversalmente, e uma falha de empurrão, que se situa ao Norte da cidade. Há ainda ocorrências minerais de amianto e feldspato.

Desse conjunto de características, destaca-se a diversidade de paisagens encontradas no Município, especialmente em Serra Negra, que, por se tratar de um brejo de altitude e exposição, com base nos diversos conceitos de brejo, na presente dissertação, foi considerado como as áreas, que se destacam do espaço de zonas semi-áridas e subúmidas do Nordeste, devido a sua temperatura mais amena, maior umidade, diversidade de vegetação, solos mais desenvolvidos, tendo a estrutura fundiária baseada em pequenas propriedades – sítios – e a economia, voltada para a produção de alimentos.

Serra Negra localiza-se a 10 km do Município-sede (Mapa 2). Possui uma altitude média de 800 m, porém, nas áreas mais elevadas, atinge 960 m.

### DIVISÃO ADMINISTRATIVA DO MUNICÍPIO DE BEZERROS



**Mapa 2—Divisão administrativa do Município de Bezerros**

FONTE: Adaptado de Pernambuco (2003, p. 16)

Tem um excelente clima típico de montanha. Encontram-se ainda em Serra Negra as formações rochosas de granito, em que o trabalho de erosão esculpiu verdadeiras obras de arte como: Pedra da Carambola (Foto 1), Pedra do Tubarão (Foto 2), Pedra do Sino e outras. Das irregularidades das rochas resultam grutas e cavernas. As rochas também propiciam mirantes, de onde os visitantes podem ter uma bela visão das regiões próximas.



**Foto 1 – Pedra da Carambola**  
FONTE: Foto da autora



**Foto 2 – Pedra do Tubarão**  
FONTE: Foto da autora

Serra Negra possui também flora rica em variedades, destacando-se as bromélias, as orquídeas, o ubá-ubá, o bem-me-quer, o ipê, o jatobá, a maçaranduba e os campos floridos (Foto 3), que emolduram a beleza de açudes (Foto 4) e águas cristalinas.



**Foto 3 – Campos floridos**  
FONTE: Foto da autora



**Foto 4 – Açude do Deda**  
FONTE: Foto da autora

Tal diversidade constitui um fator preponderante para a inserção do turismo na região, principalmente do ecoturismo, em que se busca explorar as paisagens naturais para oportunizar aos turistas um contato direto com um ambiente diferenciado, no qual convivem diariamente, como bem explica Barros (1998, p. 20):

A vida agitada, artificializada e cheia de estresses, nos contextos das grandes cidades, acabou por empurrar parte de seus habitantes para o turismo em paisagens naturais, como meio de um reequilíbrio através do contato ou religação com a natureza, ou para a procura de sítios e assentamentos de civilização urbano-industrial na qual estão imersos.

## 1.2 Aspectos socioeconômicos do Município de Bezerros

Como se pode observar na Tabela 2, o primeiro registro sobre a população de Bezerros data de 1774. Os censos seguintes permitiram constatar que a população cresceu, alcançando um máximo em 1940. A partir daí, as taxas de crescimento tornaram-se negativas, voltando a serem positivas a partir do período 1970/1980 e, mesmo continuando o crescimento positivo, em 2000, ainda era inferior à existente em 1940.

**Tabela 2** – Bezerros: evolução populacional

ANOS	NÚMERO DE HABITANTES	VARIAÇÃO (%)
1774	1.836	-
1872	10.961	496,4
1890	17.484	59,5
1920	48.190	175,6
1940	67.081	39,2
1950	63.168	-5,8
1960	53.900	-14,7
1970	37.775	-29,9
1980	48.803	29,2
1991	52.134	6,8
2000	57.371	10,0

FONTES: 1774 – O Processo de Ocupação do Espaço Pernambucano. Recife, CONDEPE, 1946.

1872 – Recenseamento do Brasil – 1982. Rio de Janeiro.

1890 – Recenseamento do Brasil – Ministério da Industria Viação e Obras Públicas. Rio de Janeiro. Oficina de Estatística, 1901.

1920 – Recenseamento do Brasil – Ministério da Agricultura Industria e Comercio. Rio de Janeiro Typ. de Estatística, 1926.

1940/1980 – Anuário Estatístico de Pernambuco, Recife, FIDEPE, 1980.

1991/2000 – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Censo Demográfico

A evolução populacional de Bezerros seguiu a tendência de todos os municípios do Nordeste, ou seja, a partir de uma forte emigração, conforme explica Scarlato (2003, p. 393):

Encarando-se a mobilidade espacial da população, sob a ótica da localização rural e urbana, entre os anos 40 e 80 houve uma verdadeira inversão das duas, por ampliação das relações capitalistas no campo, desestruturando as antigas relações tradicionais de trabalho (a parceria, o arrendamento, etc.), a mecanização da agricultura, a substituição da lavoura, a fuga da população do campo para as cidades. Associados a esses fatores, tivemos os efeitos da intensificação das comunicações entre essas duas realidades geográficas. Os atrativos das cidades, veiculados pela mídia, sobre uma população que cada vez mais perdia suas raízes com a terra, contribuíram para o êxodo rural. Ao mesmo tempo em que o campo expulsava, a cidade atraía.

A população de Bezerros no período de 1940 a 1970 era predominantemente rural, embora, período a período, viesse diminuindo sua participação na população total, sem o correspondente aumento da população urbana, fato que indicou a migração para outros centros urbanos que não Bezerros. Em 1980, ocorre a inversão de posição passando a população urbana a representar 52,6% da população do Município, com 25.677 residindo na zona urbana e 23.126 na zona rural (Tabela 3).

**Tabela 3 – Bezerros: população por situação de domicílio – 1940-2000**

ANOS	NÚMERO DE HABITANTES			VARIÇÃO (%)	
	urbana	rural	total	urbana/total	decenal
1940	14.829	52.252	67.081	22,1	39,2
1950	11.056	52.112	63.168	17,5	-5,8
1960	13.694	40.206	53.900	25,4	-14,7
1970	16.175	21.600	37.775	42,8	-29,9
1980	25.677	23.126	48.803	52,6	29,2
1991	35.828	16.306	52.134	68,7	6,8
2000	44.566	12.805	57.371	77,7	10,0

FONTE: 1940/1980 - Anuário Estatístico de Pernambuco. Elaboração FIDEPE  
1990/2000 – Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia

Entre 1980 e 1990, o Município apresentou uma taxa de crescimento decenal da população de 6,8% e entre 1991 e 2000 a mesma taxa igualou-se a 10%. Segundo o censo de 2000, a população urbana aumentou para 44.566 e a rural diminuiu para 12.805, elevando-se a taxa de urbanização

para 77,7%. Talvez este crescimento populacional esteja relacionado ao surgimento de novas alternativas econômicas no Município, predominantes no setor terciário (Tabela 4).

**Tabela 4 – Empregados por setor de atividade**

<i>Atividades</i>	<i>1997</i>	<i>1998</i>	<i>1999</i>	<i>2000</i>	<i>2001</i>	<i>2002</i>
Serviços	479	475	502	975	1.692	1.831
Construção Civil	9	90	109	571	1.308	1.036
Administração. Pública	1.100	1.116	1.108	1.038	1.251	1.803
Comércio	183	183	197	269	297	467
Indústria de Transformação	390	383	415	449	432	411
Agropecuária	85	92	79	88	116	69
Extrativa mineral	76	46	46	20	-	-
Serviços de Indústria e Utilidades Públicas	26	27	18	-	-	-
Total	2.348	2.472	2.474	3.419	5.096	5.617

FONTE: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Conforme o censo de 1970, o setor primário emprega 64,9% e o setor terciário 22,9% da população economicamente ativa do município de Bezerros, em 2002, a realidade é bem diferente, pois o setor primário emprega 1,2% e o setor terciário 73,0%. As atividades que mais cresceram foram a construção civil e os serviços. Percebe-se, portanto, o dinamismo das atividades ligadas ao processo de urbanização, dentre as quais, hoje, destacam-se aquelas do turismo, lazer e entretenimento.

Na zona agrogeográfica, onde se insere o Município de Bezerros, percebe-se a ocorrência de duas faixas bastante distintas: uma faixa mais úmida, situada na parte meridional composta por áreas de brejos, e a outra faixa, situada mais ao norte, com menor pluviosidade, resultando numa atividade produtiva pouco diversificada.

Nessa área mais seca, a atividade econômica resume-se basicamente à criação de bovinos e ao cultivo de lavouras de curto ciclo, efetuadas sempre no período das chuvas, semelhantemente ao ocorrido nas caatingas, enquanto na área mais úmida se constata a existência de atividade agrícola amplamente diversificada, conseqüência das peculiaridades das áreas dos brejos. Nelas se percebe que as características dos fatores ambientais, tais como: floresta serrana típica, solos desenvolvidos e permanentes recursos hídricos, têm favorecido as condições ideais ao desempenho das lavouras, que constituem a atividade econômica básica da zona dos brejos.

Na tabela 5, evidencia-se como vem sendo utilizado o recurso terra.

**Tabela 5 – Áreas dos Estabelecimentos segundo utilização das terras**

<i>UTILIZAÇÃO DAS TERRAS</i>	<i>ÁREA POR HECTARE</i>		
	1980	1985	1995
Lavouras	10.964	13.092	6.759
permanentes	2.888	2.315	1.597
temporárias	7.114	7.890	4.342
em descanso	962	2.887	820
Pastagens	21.150	21.939	20.902
naturais	13.298	15.539	16.917
plantadas	7.852	6.400	3.985
Terras não utilizadas	4.860	3.046	1.513
Matas e Florestas naturais	1.373	2.539	1.182
Florestas plantadas	-	-	36
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>38.347</b>	<b>40.616</b>	<b>30.392</b>

FONTE: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Percebe-se que, do total das terras aproveitáveis, em 1980, (38.347 ha), 28,59% são utilizadas nas lavouras, onde 26,34% delas são dedicadas às lavouras permanentes e 64,89% às temporárias e, 8,8% das terras estavam em descanso. 55,15% das terras aproveitáveis são utilizadas na pecuária, dessa área 62,87% são compostos de pastos naturais e 37,13% de pastos plantados para suprir as deficiências alimentares. As terras produtivas não utilizadas compreendem 12,67% e as matas e florestas a 3,58% das áreas aproveitáveis. No ano de 1985 houve um aumento de áreas aproveitáveis aproximadamente 5,59%, ocorrendo um maior percentual nas terras utilizadas para as lavouras, os demais permanecem dentro de uma regularidade (MELO, 2001, p. 17-18).

Em 1995 existe uma redução de 25,17% das áreas aproveitáveis (30.392ha), onde apenas 22,24% utilizadas para lavouras, 68,77% para pecuária. Das terras efetivamente utilizadas nas lavouras, 23,63% delas são dedicadas às culturas permanentes, 64,24% às temporárias e 12,13% das terras estavam em descanso. No caso das terras utilizadas pela pecuária 80,93% dessa área é composta de pastos naturais e apenas 19,07% de pastos plantados. Percebe-se que a área utilizada para pastagens quase não se modificou, havendo redução dos pastos plantados. Quanto às terras produtivas não utilizadas reduziu para 4,98% das terras aproveitáveis. As matas e florestas reduziram-se, tornando-se necessário o plantio das mesmas.

Com efeito, nas áreas de clima úmido, denominadas brejos, a atividade agrícola evidencia-se intensa e diversificada, essas áreas, na verdade, abastecem a sede municipal e demais centros urbanos próximos, dos produtos agrícolas usualmente cultivados em climas úmidos. Nas áreas mais secas, predominam as culturas de subsistência mais precisamente as culturas tradicionais como o milho, o feijão, a mandioca e a fava.

As lavouras temporárias, culturas municipais que utilizam maior percentual das terras cultivadas, têm maior expressividade econômica que as permanentes e apresentam certa regularidade em alguns tipos de culturas. Conforme a Tabela 6, as principais culturas temporárias a destacar, são: o tomate, a mandioca, o feijão e o milho.

**Tabela 6 – Bezerros: produção agrícola de culturas temporárias – 1980-2000**

<i>CULTURAS TEMPORÁRIAS</i>	<i>ÁREA COLHIDA (ha)</i>			<i>QUANTIDADE PRODUZIDA</i>		
	1980	1991	2000	1980	1991	2000
Tomate (t)	125	75	78	5.583	3.150	3.980
Mandioca (t)	1.120	800	32	14.400	12.800	384
Feijão (em grão) (t)	1.000	1.300	2.040	420	650	310
Algodão herbáceo (t)	600	40	200	368	9	60
Milho (em grão) (t)	1.500	1.197	20	1.080	622	48

FONTE: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Os dados de produção agrícola de culturas permanentes são apresentados na Tabela 7.

**Tabela 7 – Bezerros: produção agrícola de culturas permanentes– 1980-2000**

<i>CULTURAS PERMANENTES</i>	<i>ÁREA COLHIDA (ha)</i>			<i>QUANTIDADE PRODUZIDA</i>		
	1989	1991	2000	1989	1991	2000
Banana (1.000 cachos)	260	240	60	312	360	48
Café (t)	180	180	-	135	135	-
Laranja (1.000 unidades)	18	15	-	990	825	-

FONTE: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Ao analisar as Tabelas 6 e 7, verifica-se ter havido uma redução na produção, tanto nas culturas temporárias como nas permanentes. Na produção das culturas temporárias, observa-se que os produtos básicos, feijão, mandioca e milho, no período de 1991 a 2000, sofreram uma queda considerável na produção de 26%, 97,83% e 95,55%, respectivamente. Ressalte-se que a área colhida de feijão aumentou em 2000 e, mesmo assim, a

produção diminuiu. Quanto às culturas permanentes, a situação se agrava, uma vez que o café e a banana sequer constam da produção de 2000 (MELO, 2001, p. 18).

A área de Serra Negra já foi quase totalmente ocupada pela lavoura de café, cuja produção, associada à de outros brejos das regiões circunvizinhas, embora pequena, foi considerada como da melhor qualidade de café do Brasil.

A cultura da banana, que era tão expressiva nas encostas de Serra Negra que possibilitava o abastecimento inclusive de Municípios vizinhos, vem sofrendo uma enorme redução. De um modo geral, no período de 1989 a 2000, a queda de produção atingiu cifras tão elevadas quanto 84% para a banana e 100% para o café.

A atividade criatória do Município é bastante intensa, constituindo-se até no mais expressivo subsetor agropecuário da economia local. Em que pese sua importância econômica, observa-se crescimento inexpressivo que não evidencia dinamismo do setor da pecuária.

A pecuária praticada é extensiva e os principais rebanhos são o bovino e o caprino, com larga predominância do primeiro, conforme se constata na Tabela 8.

**Tabela 8 – Bezerros: efetivo e valor dos rebanhos - 1990-2002**

REBANHO	EFETIVO (cabeças)			
	1990	1995	2000	2002
Bovino	19.630	19.500	20.349	20.133
Caprino	6.410	3.862	4.374	4.595
Ovino	2.960	2.676	2.918	3.125
Suíno	2.758	2.240	2.232	2.216
Eqüino	1.075	978	960	949
Asinino	1.175	643	620	588
Muar	495	408	348	328

FONTE: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produção Pecuária Municipal

A bovinocultura foi de fundamental importância no processo de povoamento dos municípios agrestinos; como consequência, se percebem, principalmente no Município de Bezerros, áreas com população bastante rarefeita, em função do tipo de atividade econômica. Sendo uma atividade que ocupa um contingente de mão de obra bastante reduzido e ainda emprega métodos tradicionais de criação, é compreensível o fenômeno da baixa

produtividade observado nesse setor e, em decorrência, a perda gradual de sua importância econômica.

A exploração leiteira, por sua vez, não se configura expressiva economicamente, segundo se percebe na Tabela 9. Observa-se que o número de vacas ordenhadas é pouco significativo, resultando numa produção insuficiente para atender o consumo interno de leite. No período contemplado pela tabela, identifica-se ter havido, no período de 2000 a 2002 uma redução de aproximadamente 50% na produção de leite.

**Tabela 9 – Bezerros: vacas ordenhadas e produção leiteira – 1990 - 2002**

ANO	VACAS ORDENHADAS	PRODUÇÃO DE LEITE QUANTIDADE (1.000L)
1990	3.115	3.047
2000	3.320	3.130
2002	1.673	1.557

FONTE: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

No caso da avicultura, observa-se que a atividade possui relativo dinamismo, muito embora não represente, no contexto geral, atividade de grande expressão econômica. Na Tabela 10, constata-se um crescimento significativo da produção de galináceos no período de 1980 a 2002.

**Tabela 10 – Bezerros: efetivo das galinhas e variação da produção no período de 1980 - 2002**

ANOS	EFETIVO DE GALINHAS <sup>†</sup> E VARIAÇÃO DE PRODUÇÃO	
	Cabeças	Variação (%)
1980	80.000	-
1990	85.720	107.15
2000	178.400	208.19
2002	196.563	110.18

FONTE: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

<sup>†</sup>Incluídos galos, frangos(as) e pintos.

Bezerros, Município agropecuário, permanece com uma pecuária inexpressiva e a agricultura sofre alterações com a substituição da cultura permanente pela cultura temporária, à qual requer sistema de irrigação, uso de agrotóxicos e adubos. Conforme Santos (1997, p. 188-189):

O período técnico vê a emergência do espaço mecanizado. Os objetos que formam o meio não são objetos

culturais, eles são culturais e técnicos, ao mesmo tempo. Quanto ao espaço, o componente material é crescentemente formado do “natural” e do “artificial”.

Assim sendo, o Município encontra-se, neste momento, na segunda etapa de periodização do meio geográfico, isto é, o meio técnico, onde a globalização, a celeridade, os tempos rápidos atingem a agricultura e a pecuária, requerendo um aumento de produção em resposta às exigências do mercado. O sistema técnico necessita ser eficaz, a razão do comércio é que preside sua instalação; o espaço torna-se mecanizado e os objetos naturais e culturais começam a ser substituídos por objetos técnicos.

Em Bezerros, percebe-se que a agricultura e a pecuária não acompanharam as exigências do mercado, apesar de se utilizarem do sistema de irrigação e de mecanismos de fertilização. Não houve aumento de produção, todavia, o setor dos serviços, no período de 1997 a 2002, cresceu, em média, 282,25% (Tabela 4), dado a partir do qual se verifica a influência do turismo na economia do Município.

Segundo a Fundação de Informações para o Desenvolvimento de Pernambuco (FIDEPE), em 1982, a falta de infra-estrutura econômica era o fator restritivo da atividade industrial do Município de Bezerros. Embora fizesse parte do grupo de Municípios do Vale do Ipojuca, detentores de relativa concentração industrial, essas atividades desenvolvidas em Bezerros não se constituíam em atividades de grande porte. Predominavam as indústrias tradicionais, estruturadas muitas vezes de forma quase artesanal, apresentando reduzidos índices de produtividade e ocupando mão-de-obra raras vezes qualificada.

O censo de 1975 registrou a existência de 141 estabelecimentos industriais. Observa-se na Tabela 11, em 2002, o aumento de um estabelecimento industrial no período de 17 anos. No entanto, analisando a evolução temporal, identifica-se ter havido acentuado decréscimo do número desses estabelecimentos, chegando a 50 em 1998, mas passando a 142 em 2002, portanto correspondendo a um aumento de 184%, em quatro anos, devido exclusivamente ao aumento na indústria de transformação de cerâmica.

Tabela 11 – Bezerros – Número de estabelecimentos por setor de atividade – 1997 - 2002

ESTABELECEMENTOS POR SETOR DE ATIVIDADE	ANOS					
	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Industrial	55	50	60	128	130	142
Extrativa mineral	3	3	4	3	2	1
Indústria de transformação	52	47	56	125	128	141
Serviços industriais e utilidade pública	1	1	1	1	-	1
Construção Civil	4	4	8	26	24	28
Comércio	75	72	84	326	399	436
Serviços	33	33	37	178	208	259
Administração pública	5	5	5	5	8	5
Agropecuária	8	9	13	19	24	23
TOTAL	181	174	208	719	793	891

NOTA: <sup>(1)</sup> Inclui o valor dos serviços prestados a terceiros e a estabelecimentos da mesma empresa.

FONTE: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Censo Industrial 1975 – Pernambuco - 1975

Elaboração: FIDEPE

Destacam-se esses aspectos socioeconômicos para mostrar que o Município de Bezerros encontrava-se com uma economia quase estagnada antes de 1997 e buscou uma nova alternativa e, mais uma vez, seguindo a tendência universal, investe no turismo.

Salienta-se o crescente aumento dos estabelecimentos nos setores de comércio e serviços, a partir de 2000, data em que começou um intenso trabalho de divulgação do turismo na região, especialmente do ecoturismo em Serra Negra, portanto marcando o início da terceira etapa da periodização do meio geográfico, o meio técnico-científico-informacional, no qual a ciência se coloca a serviço da tecnologia, tornando-se inseparáveis. Essa união dá-se sob a égide do mercado, que se torna global. Conforme Santos (1997, p. 190):

Neste período, os objetos técnicos tendem a ser, ao mesmo tempo, técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação, e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação; já hoje, quando nos referimos a manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata. Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de meio técnico-científico-informacional.

A informação, com o advento dos satélites, ganhou a possibilidade de fluir instantaneamente. Destarte, uma área rural, que aos seus objetos fixos, ou seja, às formas espaciais pré-existentes, acrescentam-se objetos artificiais, cheios de intencionalidade, tornou-se um lugar capaz de oferecer rentabilidade aos investimentos, podendo atender à atividade turística.

## **CAPÍTULO 2 – TURISMO – UMA BREVE DISCUSSÃO CONCEITUAL**



## **CAPÍTULO 2 – TURISMO: UMA BREVE DISCUSSÃO CONCEITUAL**

### ***2.1 Conceitos e tipos de turismo***

O conceito de turismo está longe de suscitar alguma unanimidade. Independente do conceito que se admita para turismo, seus elementos essenciais consistem em: deslocamento do local de residência, voluntariedade, temporalidade (BENI, 2001, p. 37) e motivação (BARRETO, 2001, p. 13).

Lembrando que os conceitos atuais tiveram sua origem no passado, é necessário lembrar que a voluntariedade exclui os deslocamentos motivados por falta de condições ambientais para subsistência, como ocorreu na Pré-História, determinando em algumas regiões o nomadismo, assim como pela hostilidade entre os povos, como ocorreu com babilônicos e judeus. A temporalidade pressupõe o retorno ao local de residência, excluindo assim os deslocamentos para povoamento de territórios distantes. A motivação deve ser recreação, descanso, saúde ou cultura, ficando excluídos os deslocamentos para negócios, tais como conquista de território, tão freqüentes na Antiguidade, e transações econômicas, prática atual no mundo todo, ou seja, viagens desenvolvidas por motivos que visem lucros.

Delimitado o tema, é coerente admitir que o turismo parece ter se originado na Grécia, no Século VIII a.C., com os deslocamentos para ver e participar dos Jogos Olímpicos quadrianuais. Nos Séculos I e II d.C., registraram-se grandes peregrinações a Jerusalém e à Igreja do Santo Sepulcro (BARRETO, 2001, p. 45), que podem ter se constituído nas primeiras viagens de turismo de lazer.

A partir de então a história registra diversas viagens de entretenimento, sem referir ao tipo de intra-estrutura destinada especificamente aos turistas da época. Só no Século XVI aparecem as primeiras acomodações destinadas a viajantes, tendo sido o hotel Wekalet-Al-Ghury, no Cairo, o primeiro com o objetivo único de atender aos mercadores. Ainda neste Século registravam-se 12 *spas* no continente, para pobres e doentes, com programas de entretenimento.

No Século XVII, houve uma considerável melhora nos transportes, surgindo as primeiras linhas regulares de diligências, que foram de Frankfurt a Paris e de Londres a Oxford, levando, cada viagem, seis dias. Os turistas começam a freqüentar os *spas* para usufruir a recreação organizada, se misturando aos doentes e, pouco a pouco, surgem os *spas* só para ricos.

No Século XVIII tornou-se comum os jovens visitarem a Itália, o que os colocariam em posição superior aos que não o faziam. Em Londres, fundou-se o clube Dilttanti, reservado só para quem tivesse viajado para a Itália. Com o advento da revolução industrial, caía o domínio pela força e a nova arma seria a diplomacia. O turismo passou a ser educativo, sendo complemento indispensável da educação.

O Século XVIII também marcou a etapa do chamado turismo romântico, quando as pessoas começaram a gostar de ar, montanhas, natureza (BARRETO, 2001, p. 50).

Nos séculos seguintes, foi a busca da saúde do corpo e da alma o novo estímulo para empreender viagens. Surgem o *spa*, estabelecimento comercial com instalações para exercícios físicos, banhos de piscina, termas e saunas, as casas de banho de praia e de rio e as clínicas especializadas no restabelecimento da saúde, cuja utilização foi facilitada pelo capitalismo e pela melhoria dos meios e das vias de transporte, secundária à necessidade de maior rapidez na circulação de bens e montantes financeiros (BARRETO, 2001, p. 49; IGNARRA, 2002, p. 18).

No Brasil, Castilho (1999, p. 32) afirma que:

O “turismo aristocrático” teve seu início com os banhos de rio e, posteriormente, com os banhos de mar, este último tipo entre o final

do Século XIX e o começo do Século XX. As instâncias hidrominerais proliferaram no Sudeste do país (Águas de Lindóia, Águas da Prata, Serra Negra e Águas de São Pedro) dos anos 20 até 1946, com a proibição do jogo no Brasil.

A prática social do turismo vem mudando de significado ao longo da história, levando em sua dinâmica a diversos enunciados em busca de uma conceituação.

A primeira definição remonta a 1911 e tem sua autoria atribuída ao economista austríaco Hermann van Schullern, que compreendia turismo como a soma das operações, especialmente as de natureza econômica diretamente relacionadas com a entrada, a permanência e o deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região (ANDRADE, 1997, p. 33).

Mais tarde, surgiu a Escola de Berlim, que estudou o turismo nos seus aspectos econômicos. Arthur Bormann definiu turismo como:

... o conjunto de viagens que têm por objetivo prazer ou motivos comerciais, profissionais ou outros análogos, durante as quais é temporária sua ausência da residência habitual. As viagens realizadas para locomover-se ao local de trabalho não se constituem em turismo (IGNARRA, 2002, p. 23).

Mais recentemente, outros conceitos foram enunciados:

Turismo é o conjunto de serviços que tem por objetivo o planejamento, a promoção e a execução de viagens e os serviços de recepção, hospedagem e atendimento aos indivíduos e aos grupos, fora de suas residências habituais (ANDRADE, 1997, p. 38).

Turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (BARRETO, 2001, p. 13).

A Organização Mundial do Turismo (OMT) define o turismo como “o deslocamento para fora do local de residência por período superior a 24 horas e inferior a 60 dias, motivado por razões não econômicas”. Tal definição serve para padronizar o conceito de turismo nos vários países membros da OMT, mas não serve para definir a real magnitude desse fenômeno, que envolve a formação de sistemas indissociáveis inter-relacionados, como ressalta Castilho (1999, p. 26):

Por ser uma prática socioespacial inerente à sociedade contemporânea muito complexa e multifacetada, o turismo constitui também um fenômeno complexo e multifacetado, definido constantemente e concomitantemente pelas suas dimensões: econômica – dimensão do aumento e da distribuição de rendas, promovidas pelo crescimento e pela diversificação do número de empregos; cultural – dimensão inerente ao sistema de valores e ao estilo de vida; social – mecanismo de integração social; ideológica – mecanismo de manutenção e de reformulação das práticas de ordem, da ordem social estabelecida pelo capitalismo; política – intervenções do Estado nos seus mais variados estilos de gestão nas suas mais variadas instâncias político-administrativas e espacial – produto e meio de produção, consumo, organização e controle do espaço e da sociedade.

Diante do exposto, neste trabalho admitiu-se que o turismo é uma prática socioespacial complexa, que promove a inter-relação dos indivíduos de diferentes espaços, nos aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos. Devido a essa complexidade, apresenta-se de forma diferenciada de região para região e de país para país, mas, no Brasil, o turismo precisa ser analisado e, até mesmo, re-estruturado, pois, segundo Yázigi (1999), as teorias formuladas em países desenvolvidos não podem ser generalizadas para o Brasil. Afirma ainda o autor que:

Somente muitas pesquisas de campo, em profundidade, poderão ajudar a reunir subsídios para a construção de uma teoria do que deve ser o planejamento territorial do turismo no Brasil: pesquisas que alimentem debates políticos (YÁZIGI, 1999, P. 25).

Procurando contribuir para a construção desta teoria, analisam-se inicialmente os tipos de turismo segundo os critérios adotados.

Os diversos tipos de turismo podem ser classificados por diferentes critérios, variáveis conforme o foco de atenção seja o turista, a viagem ou a economia, critérios utilizados pelos autores que vêm pesquisando esse fenômeno.

As características do turista incluem faixa etária, nacionalidade, composição social, autonomia e motivação. A viagem classifica o turismo pelos critérios de territorialidade, volume, duração, frequência, tipo de alojamento, modo de viajar, meio de transporte, permanência e âmbito geográfico. O enfoque econômico adota como critérios o movimento econômico local, os efeitos na balança comercial e o financiamento.

Embora a classificação seja feita com base em diversos critérios, resumidos no Quadro 1, freqüentemente eles se apresentam associados. A composição social de turismo de classes privilegiadas geralmente é turismo de minorias ou seletivo, embora possa haver exceções.

Quanto ao tipo de alojamento, a residência secundária (na praia, na montanha), permite liberdade total de tempo de permanência e época da viagem, no entanto a alugada (casa, apartamento, pensão, quarto em casa de família) deve ser contratada como um hotel, reservada e paga por tempo determinado.

Quanto ao objetivo ou a motivação, o turismo pode ter muitas classificações. As mais comuns são: descanso, lazer, cura, desportos, gastronomia, religião e profissão ou de eventos. A classificação de turismo de eventos é discutível, assim como o turismo profissional. O turismo de eventos é feito pelas pessoas que visitam feiras e exposições, mas só estarão nessa classificação as pessoas que não irão realizar negócios, pois que a lucratividade não condiz com qualquer conceito de turismo.

Quadro 1 – Tipos de turismo segundo critério adotado

CRITÉRIO	SUBDIVISÃO	CONCEITO
Faixa etária	infanto-juvenil adulto para a terceira idade familiar	Turistas com idade até 19 anos Turistas com idade entre 20 e 65 anos Turistas com mais de 65 anos
Nacionalidade dos turistas	nacional  estrangeiro	Membros de um mesmo núcleo familiar praticado pelos turistas de um determinado país Interno ⇒ quando realizado dentro das próprias fronteiras; Externo ⇒ quando envolve a saída do país composto pelo contingente de pessoas que entram em determinado país
Composição social	de classes privilegiadas de classe média popular	Alto dispêndio pecuniário, opções caras Dispêndio regular, opções mais baratas e promoções Estada curta, opções populares
Autonomia	livre dirigido	o turista escolhe a temporada e a destinação o turista respeita determinado calendário anual
Objetivo ou motivação	de interesse geral  de interesse específico, seletivo ou alternativo  de importação (corresponde ao nacional externo)	Inclui descanso, lazer, cura, desportivos, gastronômicos, religiosos, profissionais (ou de eventos) Aventura, negócios. São direcionados e caros Inclui o turismo cultural, em que se objetiva conhecer os bens materiais e imateriais produzidos pelo homem Turista, que sai do país, gasta seu dinheiro fora dele
Territorial	Nacional Internacional	Não se atravessam fronteiras do país de residência Atravessa-se uma ou várias fronteiras
Volume	de minorias ou seletivo de massas	As destinações turísticas são opção de poucos turistas as destinações turísticas são preferência da maioria dos turistas
Duração	excursionista fim de semana férias tempo indeterminado	viagem com menos de 24 horas Viagem de dois ou três dias Duração máxima de 30 dias Sem limite de tempo, mas máximo de seis meses
Freqüência	regular esporádico	A intervalos fixos (anual, mensal, de férias, feriados) Sem intervalo fixo
Tipo de alojamento	hoteleiro extra-hoteleiro	utiliza rede hoteleira local <i>camping</i> , residência alugada, residência secundária, <i>apart-hotel</i>
Modo de viajar	coletivo particular	um grupo viaja com o mesmo pacote viaja-se com um roteiro contratado e não ao meio de transporte utilizado
Meio de transporte		Aéreo, terrestre, aquático e combinações
Permanência	estável  itinerante	o tempo de permanência no local é maior que o tempo de deslocamento o turista passa mais tempo viajando, visitando vários núcleos
Âmbito geográfico		De litoral, de montanha, urbano e combinações
Movimento econômico local (Barreto, 2001, p. 17)	Emissivo ou economicamente passivo Receptivo ou ativo	Não rende dividendos ao núcleo emissor  Rende dividendos, ou seja, movimenta a economia local do país que recebe os turistas
Efeitos na balança comercial	De exportação (corresponde ao estrangeiro)	o turista que entra no país, gasta o dinheiro ganho fora
Financiamento	auto-financiado social gratuito	pago pelo usuário com subvenção do estado pago por uma terceira pessoa

FONTE: Adaptado de Ignarra (2002); Barreto (2001), Andrade (1997).

Tomando como base os critérios do Quadro 1, em Bezerros encontram-se turistas de todas as faixas etárias, em sua maioria de nacionalidade brasileira, tanto de classe média quanto privilegiada, com autonomia livre. Apresentam motivação de interesse geral. Quanto ao volume, é de minoria. A duração inclui turistas de final de semana e excursionistas. Com frequência regular ou esporádica, habitualmente, chegam à cidade por via terrestre e hospedam-se na rede hoteleira local. Com relação ao âmbito geográfico, em Bezerros, estão presentes o urbano e o de montanha. O movimento econômico é receptivo e autofinanciável.

A Organização Mundial de Turismo (OMT) reconhece dois segmentos, o turismo cultural e o ecoturismo, cujas características estão contempladas no Quadro 1, embora não constem explicitamente com essas denominações. Ambos os tipos são encontrados em Bezerros.

O turismo cultural, para Beni (2001, p. 428):

... refere-se à afluência de turistas a núcleos receptores que oferecem, como produto essencial, o legado histórico do homem em distintas épocas, representado a partir do patrimônio e do acervo cultural em ruínas, nos monumentos, nos museus e nas obras de arte.

Em Bezerros, os atrativos históricos culturais são representados pelas igrejas. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário foi construída em 1851. A Igreja de São José dos Bezerros, datada do Século XIX, em estilo barroco, possui altar-mor banhado a ouro. Quanto ao conjunto arquitetônico, destacam-se a estação ferroviária e a Prefeitura Municipal. Na gastronomia típica, os atrativos são os bolos barra branca e de macaxeira; as carnes de bode, de sol e a galinha a cabidela; os doces e farináceos, como a mariola, o nego bom, a ração de cabra, a raiva, o tareco e a ticaca. No artesanato, utilizam-se: madeira, papel machê para confecção das máscaras decorativas, peças em cerâmica e xilogravuras. Quanto ao folclore, encontram-se no município: bacamarteiros, banda de pífanos, bumba-meu-boi, cambindas, forró, literatura de cordel, papangu, violeiros e grupos de danças populares.

As agremiações carnavalescas, no primeiro inventário da EMPETUR, eram sete. Após a implantação do PNMT, o inventário aponta 22 agremiações carnavalescas em Bezerros. As festas populares e religiosas são: carnaval do papangu, festa de São José (a maior festa religiosa do município) e comemorações juninas.

O ponto alto do turismo cultural em Bezerros é o Ciclo Carnavalesco, com a tradição popular dos papa-angu, originário do agrupamento de homens da cidade que, mascarados, brincam o carnaval e andam de casa em casa, saboreando angu, sendo anunciados e aclamados como o papa-angu (MELO e SILVA, 2002, p. 108).

Como realizações esportivas, no primeiro inventário, só constava a vaquejada, uma vez que o município está incluído no Circuito Pernambucano de Vaquejada. No atual inventário, foi incluído o Circuito de Aerodelismo. Além desses atrativos, o município oferece casas de farinha, praças, parques, pólo granítico e museus.

O ecoturismo é representado pela estação ecológica de Serra Negra, objeto da presente pesquisa, ao qual se deu destaque, por ser o tipo de turismo que atualmente vem dinamizando de modo mais visível o crescimento do turismo no Município, uma vez que existe um fluxo constante de turistas buscando conhecer as “belezas naturais” de Serra Negra, assunto que será abordado no Capítulo 3.

## **2.2 Espaço e turismo**

Segundo Castilho (1999, p. 38), com base em Milton Santos, *“para se fazer análise do turismo, a partir de sua organização espacial, não se pode prescindir da utilização das quatro categorias de análise do espaço geográfico: forma, função, estrutura e processo”*.

Conforme Santos (1988, p. 50), *“a forma é aspecto visível de uma coisa, Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos”*. A forma ajuda a apreender o espaço concreto. Com referência ao turismo, pode-se afirmar que

a forma é representada pelos atrativos e equipamentos turísticos que se fixam no espaço. Elas podem ser:

- naturais - aqueles nos quais não houve intervenção do homem, tais como florestas, grutas e formações rochosas. Atualmente é difícil encontrar recursos naturais em estado puro, pois a maior parte dos turistas procura, quando viaja, um nível de conforto semelhante ao que lhe oferece a vida urbana.
- artificiais – os quais são representados pela infra-estrutura. Por infra-estrutura, entende-se a base material, o conjunto de edificações, obras e serviços públicos que garantem o mínimo conforto da vida urbana atual. A infra-estrutura turística está constituída pela soma de:
  - infra-estrutura de acesso - estradas, aeroportos, portos, rodoviárias, estações de trem;
  - infra-estrutura básica urbana - ruas, sarjetas, iluminação pública, etc.;
  - equipamentos turísticos - as construções que permitem a prestação dos serviços turísticos (alojamentos, nos núcleos receptores; agências, nos núcleos emissores; transportadoras entre ambos);
  - equipamentos de apoio - as instalações que permitem a prestação de serviços que, embora não sejam exclusivamente turísticos, são quase indispensáveis para o desenvolvimento desta atividade (rede de atenção médico-hospitalar, rede de atenção ao automóvel, rede de entretenimento, etc.).

A função aborda o papel de cada elemento na totalidade socioespacial. Assim, segundo Santos (1982, p. 38),

... os movimentos da totalidade social, modificando as relações entre os componentes da sociedade, alteram os processos; incitam as novas funções. Do mesmo modo, as formas geográficas se alteram, mudam de valor, e o espaço se modifica para atender às transformações da sociedade.

Rodrigues (2001, p. 73) explica que a função do turismo expressa uma tarefa ou atividade de cada elemento, num determinado momento do processo espacial. No caso do estudo do espaço turístico, significa abordar a função dos elementos da oferta e da demanda no diagnóstico, de fundamental importância, que antecede qualquer intervenção explicada pelos planos e programas do planejamento, visto por Milton Santos, como instrumento de uma “racionalidade perversa”. Do ponto de vista técnico, consiste em avaliar todos os recursos disponíveis e os que se pretende implementar, tendo como parâmetro a demanda atual, a futura e a potencial, assim como sua sazonalidade.

Em Serra Negra, os aspectos naturais pré-existentes, identificados no capítulo anterior, com o advento da atividade turística, mudaram a função para atender aos interesses do turismo, ou melhor, do ecoturismo.

A estrutura é definida por Santos (1988, 50) como sendo “*a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização*”. Rodrigues (2001, p. 74) esclarece, quando afirma:

Nos estudos de turismo, só se logra em avanço, em relação aos trabalhos meramente técnicos e operacionais, quando a análise espacial capta a complexa engrenagem que expressa todos os elementos da oferta e todos os elementos da demanda e da população residente, em ação e interação recíproca.

A outra categoria de análise é o processo que dá conta das ações e interações de todos os elementos, contemplando as categorias, a forma, a função e a estrutura, num movimento diacrônico, sendo inserido um elemento importante - o tempo, mais precisamente, o tempo social.

A noção de tempo é fundamental para se entenderem os objetos, que se transmudam, durante o processo histórico, mas, também, as ações, que, de maneira distinta, evoluem com o tempo, produzindo novas relações, que se expressam em novas formas. Assim, formas antigas convivem em sincronia com novas formas, embora expressas em tempos distintos. Só o processo pode dar conta da totalidade ambiente.

Em Serra Negra, a forma antiga, referente aos recursos naturais - florestas, grutas, formações graníticas - convive com as formas artificializadas, que foram construídas no local ao longo do tempo.

A estrutura é a inter-relação de todas as partes envolvidas, consolidando a organização socioespacial. O processo é a ação contínua que se desenvolve em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo e mudança.

### ***2.3 Impactos socioeconômicos e espaciais do turismo***

O turismo é propiciado por um conjunto de prestadores de serviços, que exercem grande impacto na economia mundial. O faturamento anual do turismo no mundo supera a casa dos três trilhões de dólares. Se o turismo fosse um país, seria o terceiro do mundo, pois apenas os EUA e o Japão possuem PIB superior a três trilhões de dólares.

Quando se pensa na importância econômica do turismo, imaginam-se países como Espanha, México, Aruba, entre outros. Na verdade, o turismo possui grande participação no PIB desses países; no entanto, observa-se que o setor de viagens e turismo é um dos principais em termos de geração de renda e emprego nos EUA, no Japão, na Alemanha e na França, os quatro países mais ricos do mundo.

Analisando os dados fornecidos pela Organização Mundial de Turismo do período de 1997 a 2002, identifica-se ter havido crescimento constante do setor de turismo, exceção feita ao ano de 2001, no qual se verificou decréscimo, com rápida, porém discreta recuperação, em 2002 (Tabela 12).

**Tabela 12 – Chegadas e receita gerada com o turismo internacional por região 1997-2002**

REGIÕES	ANOS											
	1997		1998		1999		2000		2001		2002	
	Che-gada	Re- ceita	Che- gada	Re- ceita								
Europa	361,5	218,2	373,7	231,7	380,2	232,8	402,8	231,1	401,4	229,5	411,0	233,6
Américas	118,5	118,8	119,5	117,2	122,2	124,4	128,3	137,4	121,0	127,8	120,2	130,0
Ásia Oriental/Pacífico	88,0	76,6	87,9	70,7	97,4	75,2	109,2	82,6	115,2	85,7	124,7	89,6
África	23,2	9,0	25,0	9,9	26,5	10,3	27,0	11,2	27,7	11,6	28,7	11,9
Região oriental média	14,8	9,1	15,3	8,7	18,1	9,7	22,7	10,5	21,8	9,6	24,1	9,7
Ásia meridional	4,8	4,3	5,2	4,3	5,8	4,6	6,1	5,1	5,8	7,8	5,9	8,2
Total mundial	610,8	436,0	626,6	442,5	650,2	455,0	696,1	477,9	692,9	472,0	714,6	483,0

**NOTA:** Chegadas em milhões de turistas e receita em bilhões de dólares americanos (US\$)

**FONTE:** EMBRATUR. Anuário estatístico Embratur. 2003.

Ao comparar a participação da chegada de turistas no Brasil em relação à América do Sul e ao mundo, detecta-se o crescimento do setor no país e de sua participação no continente, representando, em 2002, respectivamente 27,94% e 0,53% do total de turistas (Tabela 13).

**Tabela 13 – Participação das chegadas de turistas no Brasil**

REGIÕES COMPARADAS	ANOS					
	1997	1998	1999	2000	2001	2002
	%	%	%	%	%	%
Brasil na América do Sul	20,74	30,97	33,77	34,19	33,14	27,94
América do Sul no Mundo	2,21	2,47	2,32	2,22	2,09	1,9
Brasil no Mundo	0,47	0,77	0,78	0,76	0,69	0,53

**FONTE:** OMT – Organização Mundial de Turismo

Além da grande participação no produto interno bruto, o turismo tem grande importância na geração de empregos e de impostos, conforme se pode verificar na Tabela 14. Estima-se que, no mundo, um em cada 11 trabalhadores está empregado no setor de viagens e turismo.

**Tabela 14 – Nível de emprego e geração de impostos no mundo e no Brasil, no período de 1990 a 2006**

REGIÃO	1990	1992	1995	1996	2006 <sup>‡</sup>
Nível de emprego <sup>†</sup>					
Mundo	186	192	212	255	385
Brasil	5,7	5,6	6,0	-	-
Geração de impostos					
Mundo	-	627	-	653	1.300
Brasil	7,14	5,13	7,86	-	-

**NOTA:** <sup>†</sup> Valores expressos em milhões de empregos

<sup>‡</sup> Estimativa com base no período de 1995 a 2000.

**FONTE:** WTTC

Essa importância se deve a algumas características particulares do turismo. O produto turístico é constituído por um conjunto enorme de diferentes serviços, os quais, por sua vez, recrutam um grande número de fornecedores. Os diversos equipamentos e serviços utilizados pelos organizadores de eventos fazem com que o setor turístico tenha um efeito multiplicador. Além dos fornecedores, existem outros subsectores como hotelaria, que é grande consumidora de diversos produtos como: alimentos, bebidas, produtos de limpeza, papelaria, equipamentos de informática, entre outros. É também grande empregadora de mão de obra. Em função desse relacionamento com inúmeros fornecedores e da utilização intensiva de mão-de-obra, o turismo possui um fator de multiplicação de renda muito elevado.

Em estudo desenvolvido pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo (FIPE - USP), determinou-se um multiplicador de 1,8 para o turismo das Regiões Norte e Nordeste do Brasil. Significa dizer que R\$ 100,00 gastos por um turista nessas regiões, acabam por se transformarem em R\$ 180,00, em virtude da circulação desses recursos na economia. Esse multiplicador está inversamente relacionado com a propensão da localidade a importar, isto é, quanto maior esta propensão, menor será o multiplicador de renda. Tomando a realidade das Regiões Norte e Nordeste como exemplo, pois precisam importar muitos itens da Região Sudeste brasileira, é de supor que no Centro-Sul do país o efeito multiplicador seja ainda maior.

O comportamento da economia turística relaciona-se a três premissas básicas:

- a) O turista procura obter o máximo de satisfação com sua viagem;
- b) As empresas que oferecem bens e serviços turísticos procuram obter o máximo de lucro;
- c) A comunidade e o governo da localidade turística procuram maximizar os benefícios primários e secundários dos gastos dos turistas.

Há necessidade de que os três objetivos sejam convergentes para que a destinação tenha um desenvolvimento harmônico. Quando esses objetivos coincidem, ocorre um desenvolvimento turístico favorável.

Da mesma forma que o turismo pode trazer benefícios para uma comunidade, pode também provocar alguns impactos negativos. O principal deles é a pressão inflacionária, que pode se manifestar de diversas formas, sempre oriunda da concentração de demanda em períodos muito curtos, provocando, inevitavelmente, pressão de preços sobre os produtos e serviços turísticos.

Outro fator negativo é atinente a possíveis mudanças estruturais em função da presença da atividade turística. Uma região agrícola, por exemplo, pode descobrir o turismo rural como fonte de renda adicional. Como os rendimentos do turismo podem ser mais elevados do que os da agricultura tradicional, ocorre uma tendência a ir deixando a atividade agrícola de lado e se concentrando na atividade turística. Dessa forma, a produção agrícola decai e a região passa a depender de importações e, em um segundo estágio, a própria atividade turística decai, pois a produção agrícola era exatamente o atrativo do turismo rural.

Em Bezerros, esses elementos negativos não são contemplados, pois os agricultores de Serra Negra, apesar de aceitarem o turismo, não mostram interesse de abandonar suas atividades, uma vez que o turismo em nada influenciou suas vidas, tal como verbalizado nas entrevistas:

*O turismo não trouxe benefício nenhum e só desenvolveu os ricos. Os pobrezinho, que precisa de trabalho, continua a mesma coisa. (Agricultora de Serra Negra).*

*Eu acho, na minha opinião, né, que o turismo trouxe benefício, porque um hectare na Serra Negra era um mil real, dois mil real. Hoje, dependendo do local, hoje tem hectare que vale até 30 mil real. Na minha mente, houve desenvolvimento e a Serra Negra cresceu. Na minha opinião depois da morte de Dr. Luca, diminuiu um pouco. Sempre vem, mas quando Dr Luca era vivo, tinha mai gente, mai moto, mai*

*movimento, nera? Continuo na minha vida de sempre. (Agricultor de Serra Negra).*

A dependência econômica do turismo de muitas destinações turísticas também deve ser citada como impacto negativo. Algumas estâncias turísticas, por não possuírem outra atividade produtiva além do turismo, sofrem problemas graves de desemprego. Há uma forte demanda por mão-de-obra, concentrada na grande estação, assim, na baixa estação, estes trabalhadores não possuem atividade, criam-se problemas sociais graves. Cidades como Campos do Jordão, Guarujá e outras possuem parcela ponderável de sua população vivendo em favelas.

Em Bezerros, não existe a dependência econômica do turismo. Como se exemplificou anteriormente, a população de Serra Negra, que em sua maioria é composta por agricultores, não abandonou suas atividades, sendo o turismo, mais uma alternativa econômica, que vem beneficiando os bezerrenses ligados ao comércio e aos serviços. Outros depoimentos servem para ilustrar o exposto.

*Eu acho que o turismo trouxe benefício para quem tem dinheiro. Prejuízo não trouxe; para o povo não! A gente pequeno, não! Só quem tem negócio! Para o pessoal do comércio, é grande coisa para eles! A minha vida não mudou em nada. O Turismo foi bom para a Serra – deu nome à Serra, deu valor à Serra, porque nem mesmo os bezerrenses conhecia a Serra direito! O turismo deu uma parada. Ele ta começando a desenvolver-se novamente. Agora ele deu parada grande! Não sei dizer porque foi, mas, que deu uma parada grande, teve! Não se foi a muda do prefeito, não vou dizê não, que eu não sei a realidade disso. Só que houve uma época com Lucas Cardoso que, Ave Maria! Da sexta para o domingo, a gente para sair de um lado para o outro, tinha que tê cuidado! E deu uma parada muito grande, que teve final de semana que a gente não sabia que tinha turista ou não! (Funcionário público)*

*O turismo, até o presente, com certeza trouxe com certeza benefício. Na minha atividade aumentou 100%. O turismo beneficiou, Graças a Deus, a mim e à população em geral! O turismo beneficia o agricultor, o comerciante, em geral, a todos! A pousada da Serra dá emprego a quem não tinha com que manter a família; hoje já tem! Mansões particulares, que já tem uma meia dúzia, que dá emprego: um caseiro toma conta da casa, outro toma conta do jardim, outro trabalha no campo, outro arruma trabalho de dirigir. Tudo isso aí é desenvolvimento! Depois que Lucas faleceu, regrediu um pouco, não tanto! Não paro! Diminuiu 50% como sem dúvida! Esperamos que, se Deus quiser, que Dr. Marconi continue para crescer! Mais, antes do turismo, eu vendia cinco, seis grade de cerveja por semana. Hoje, eu posso vendê 15, 20, 25, até 30 grade de cerveja por semana! Antes do turismo, eu vendia um almoço. Depois que o turismo se aproximou, eu cheguei a vendê 150 a 200 almoço por semana! (Comerciante de Serra Negra)*

*O turismo trouxe benefício, valorizou o preço da propriedade, né? Tão vendendo aí do preço que querem! Desenvolveu os ba – faz grande movimento, a população foi beneficiada. No fim de semana, pra vendê leite, é bem melhó. A venda de leite aumentou! Tem dia que, no sábado e domingo, se eu tivesse 50, 60 litros de leite, eu vendia tudo! É porque eu não tenho essa produção de leite e também não posso comprá ração, porque não é todo dia! O turismo diminuiu depois da morte do Prefeito Lucas! Deu uma parada! Eu achei que deu uma parada! Diminuiu na Serra um pouco, mas continua! Tem corretor aqui ganhando dinheiro memo, vendendo as propriedade aí! Na minha vida, melhora. Vendo leite, queijinho de coalha que e também vendo! Vendo à população e ao turista pelo mesmo preço! (Pecuarista e comerciante de laticínios)*

Destas percepções depreende-se existir divergência quanto aos benefícios que o turismo trouxe para Serra Negra, onde alguns ramos de

atividades foram beneficiados e outros continuam inalterados. Este fato demonstra que não existe a dependência econômica do turismo. Percebe-se também a falta de apoio governamental, pois os moradores de Serra Negra foram unânimes em afirmar a queda do turismo com a mudança do Prefeito.

A demanda turística, do ponto de vista econômico, depende de cinco principais fatores:

- a) Preço dos produtos turísticos – quanto maior for o preço do produto turístico, menor será a quantidade demandada;
- b) Preço de outros bens e serviços concorrentes – quanto maior o preço dos produtos concorrentes, maior será a demanda para o produto turístico;
- c) Preço de produtos complementares – quanto maior o preço dos produtos complementares, menor será a demanda pelo produto turístico;
- d) Nível de renda dos turistas – quanto maior a renda, maior será o consumo do produto turístico;
- e) Gostos dos turistas – uma mudança de gostos afeta a demanda do produto turístico.

O ecoturismo em Serra Negra trouxe alguns empregos diretos, como os funcionários da Pousada Canto da Serra, bem como os funcionários que trabalham no Pólo Cultural.

Quanto às atividades ligadas ao comércio relativo a bares, quiosques e artesanatos, elas também são beneficiadas pelo turismo.

Dentre os eventos, que atraem um maior número de visitantes, para o qual até mesmo os comerciantes do Município instalam barracas para atender à demanda, citam-se o Serra Negra Festival, o São João na Serra e, mais recentemente, o mês dos esportes radicais.

O turismo tem nos seus atrativos, o principal componente do produto, portanto o patrimônio natural e cultural passa a ser mais preservado na medida em que haja interesse turístico.

Além de promover o acesso a bens, serviços, empregos e conservação do patrimônio natural e cultural, o turismo também tem apresentado impactos negativos de monta.

O turismo sempre provoca uma maior concentração próxima a massas de água, que pode interferir na paisagem, com a presença de hotéis, restaurantes, residências secundárias, como pode provocar outros impactos, como a concentração de despejos de esgotos em determinadas localidades, fazendo com que a qualidade da água se torne inadequada para o consumo, atuando como fator de risco para a transmissão de doenças.

A concentração turística pode exercer outros impactos físicos negativos, dentre eles: quando ocorre em localidades sem saneamento básico adequado; na construção de hotéis e residências secundárias em locais como encostas de morro; a visitação maciça em micro-ambientes frágeis e o excesso de lixo largado pelos turistas. Estes e outros impactos espaciais do turismo tornaram-se motivo de preocupação de seus planejadores, que passaram a defender um modelo de desenvolvimento sustentado.

Em Bezerros, percebe-se a questão do impacto espacial despertar inquietação entre os moradores, tal como foi verbalizado por uma das entrevistadas na presente pesquisa.

*A conscientização das pessoas com relação à natureza talvez ainda não esteja completa e a procura de pessoas, que estão investindo e loteando a Serra Negra, talvez venha a trazer prejuízo no futuro! A gente já sente que está havendo desmatamento por conta das construções inadequadas, que descaracteriza o meio ambiente. Pode haver outras coisas que podem prejudicar, como até o afastamento das abelhas, o que já está acontecendo, devido a essa procura tão grande desses lotes. Dessas coisas, vai só afetar! (Instrutora de turismo rural de Bezerros).*

Coelho (2004, p. 36 e 37), afirma:

A ocupação temporária ou permanente, no núcleo urbano de Serra Negra, está se dando de forma tão rápida que se torna preocupante. Apesar disso, é sabido que a vila ainda não tem

estrutura para receber grande fluxo. Em visita de campo, podemos constatar junto a representantes do Pólo Cultural que já superam o número de 90 indivíduos almoçando em Serra Negra nos finais de semana, principalmente aos domingos.

Apesar dessas inquietações, não existe, de maneira concreta, a intervenção do governo local para solucionar ou, no mínimo, controlar tal ocupação.

Quanto à ocupação de Serra Negra, tem sido feita de uma maneira desordenada. Após a inserção do turismo na região, com a divulgação na mídia e, principalmente, no boca a boca, pessoas vindas de Recife têm procurado adquirir imóveis em Serra Negra.

Segundo informação do Sr. Jorge, responsável pelo cartório de registro de imóveis de Bezerros, a demanda aumentou; os proprietários valorizaram seus imóveis, caracterizando-se, portanto, as especulações imobiliárias, comuns nos locais em que o turismo se insere. Todavia o Sr. Jorge enfatizou que as vendas de propriedades não têm implicado em êxodo da comunidade local; essas propriedades já estavam desocupadas e, após a inserção do turismo, passaram a despertar o interesse de compradores procedentes de outras cidades, para se constituírem em residência secundária.

Conforme o levantamento físico das edificações, Coelho (2004, p. 29) conclui que:

(...) 98,9% da população vive em casas de alvenaria ou tijolos com piso de cimento (88%) e cobertas por telha de barro (90,5%), demonstrando condições mínimas de moradia. Em média, vivem em domicílio três a quatro pessoas, com predominância do chefe da família, cônjuge, filho e, em menor escala, outro parente, agregado ou pensionista. Quando associamos a média de pessoas em domicílio com seu número de cômodos, podemos concluir que há pouca incidência de tensão social, uma vez que 39,6% dos domicílios possuem cinco cômodos, 17,6% possuem seis e 15,4% possuem quatro. Destes 96,88%, tem iluminação elétrica, 93,3% tem rádio, 90,1% possuem televisão e 52,7% possuem geladeira.

Verifica-se a presença de moradias modestas, o que normalmente não irá atender às exigências dos novos proprietários, que poderão alterar o meio ambiente, fato que deve ser controlado pela Prefeitura do Município.

Outro fato que pode trazer impacto negativo é a quantidade de veículos trafegando em Serra Negra, principalmente nas ocasiões das festividades.

Segundo a Secretária de Turismo do Município, já existe uma lei de ordenação espacial de Serra Negra, que determina o local onde se pode construir, quantos metros quadrados, área que tem que ser preservada, para que a Serra Negra não se torne uma área de êxodo rural e fique sendo ocupada só por visitantes. Esse fato é confirmado por um funcionário da Prefeitura, o qual complementa: *A lei existe, mas não é cumprida!*

## **2.4 Impactos culturais**

Há uma infinidade de aspectos, todos eles possíveis de serem explorados para a atração de visitantes. A arte, a música, a dança, o artesanato, o folclore, a gastronomia, as manifestações religiosas, a agricultura tradicional, a história da comunidade local e até mesmo o desenvolvimento científico de uma região são fortes atrativos para o turismo.

No entanto, sua exploração turística também pode, eventualmente, produzir impactos que nem sempre são desejáveis. Um dos impactos negativos do turismo cultural é processo de aculturação.

Ignarra (2002, p. 122) afirma:

Existe um comportamento psicossocial em que as comunidades mais tradicionais, ao terem contatos com povos de países mais desenvolvidos, procuram imitá-los. O jovem da cidade pequena do interior, ao se deparar com muitos jovens turistas vindos das cidades grandes, tem a tendência de procurar imitar suas roupas, suas músicas, seus hábitos, enfim.

Dessa forma, a visitação massiva de turistas pode levar a uma alteração de valores culturais tradicionais.

Outro aspecto negativo refere-se ao artesanato que, muitas vezes, para atender à demanda, abdica da qualidade, característica que depende exatamente da utilização dos métodos tradicionais de produção. Ocorre também a padronização do artesanato de acordo com a maior demanda existente, ou seja, o mesmo artesanato é encontrado em diversas regiões do Brasil. Esse fato não ocorre em Serra Negra, que mantém sua originalidade em artesanato.

O turismo pode impactar negativamente sobre o folclore e a arquitetura tradicional do local. A demanda turística costuma vir acompanhada de uma grande especulação imobiliária, que, às vezes, expulsa os moradores locais.

Em Serra Negra, observa-se que a população local permanece em seu cotidiano, sem se deixar influenciar pelos hábitos dos visitantes, até nos eventos de maior proporção.

Como o pólo cultural, onde acontecem as atividades, fica um pouco afastado do núcleo urbano do povoado, os moradores mantêm o hábito de se recolherem no início da noite; reclamam inclusive do barulho que os visitantes fazem à sua saída ao término das festividades. Em respeito à comunidade e exatamente para não incomodá-la, a Prefeitura determina que os *shows* sejam realizados no máximo até as 24 horas.

## **2.5 - Turismo como fator de desenvolvimento socioespacial**

Os aspectos, que tornam o fenômeno turístico economicamente produtivo, em todas as fases do processo de sua múltipla efetivação, se manifestam pelos meios e recursos que o turismo utiliza, pelos resultados que o turismo produz e pelas características econômicas do fenômeno, nas seguintes formas:

- 1) *Pelos meios e recursos que utiliza, o turismo:*

- a) Faz com que os bens naturais e culturais se tornem atrativos e objeto do fenômeno, sem desgastes sistemáticos ou consumação total;
- b) Colabora para a produção de bens e prestação de serviços pela ativação do contingente de mão-de-obra especializada;
- c) Necessita de bens de capital e de capital de giro para garantir o sucesso das aplicações e a maior rentabilidade dos empreendimentos.

2) *Pelos resultados que produz, o turismo:*

- a) É lucrativo aos indivíduos e às empresas que se dedicam à produção de bens e à prestação de serviços;
- b) Permite boa captação de divisas na balança de pagamentos, nas atividades turísticas de natureza receptiva a nível internacional;
- c) Recolhe impostos, contribuições e taxas diversas em todos os tipos de operação que realiza;
- d) Propicia a valorização dos recursos naturais e artificiais e os equipamentos à disposição.
- e) Incentiva o progresso econômico local, regional e nacional pelo desenvolvimento empresarial, que garante o emprego de número significativo de profissionais, dos vários setores de produção e dos diferentes segmentos sociais.

3) *Por suas características econômicas, o turismo:*

- a) Cria meios para formação de recursos para empresas envolvidas na produção de bens e serviços;
- b) Promove o intercâmbio entre todo conjunto produtivo no setor específico e nos setores correlatos;
- c) Estimula a formação de redes de hotéis, lojas, casas de espetáculos e de artes, criando meios que permitam concorrência e

promoções que valorizem a oferta e atraiam maior demanda.

O turismo, sem dúvida, contribui para o crescimento econômico, vem alcançando patamares privilegiados na dinâmica econômica dos lugares. Todavia, existem divergências de opiniões entre os estudiosos quanto ao turismo ser fator de desenvolvimento socioespacial.

No artigo “Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local?”, Souza (2002, p. 19) faz uma importante distinção entre desenvolvimento e desenvolvimento econômico.

O desenvolvimento econômico é resultante do crescimento econômico, mensurável por meio do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e da modernização tecnológica. Esta supersimplificação era típica da Teoria da modernização e do crescimento, que teve seu apogeu em 1960, na qual os efeitos sociais positivos do desenvolvimento econômico eram vistos como conseqüências naturais dos processos de crescimento e de modernização, sem se admitir a necessidade de implementação de política de distribuição da riqueza e de combate à pobreza. Todavia, para quem leva a sério o termo desenvolvimento, é necessário recusar o reducionismo embutido nessa idéia de desenvolvimento econômico.

O ângulo pelo qual Souza (2002, p. 18) tem considerado a questão do desenvolvimento é o do desenvolvimento socioespacial, o qual deve designar um processo de superação de problemas sociais em cujo âmbito uma sociedade se torne para seus membros, mais justa e legítima.

Rodrigues (2002b, p. 57) faz uma análise dos problemas econômicos enfrentados pelos países com a globalização, demonstrando que, no Brasil, o maior contingente de desempregados corresponde a trabalhadores do sexo masculino, com cerca de 40 anos de idade, com baixo nível de instrução, portanto com grande dificuldade de uma nova inserção num mercado seletivo, altamente competitivo.

No Brasil já existe uma política voltada para o incentivo de microempresas, incentivos fiscais, na tentativa de melhorar o mercado formal de trabalho. A autora defende a inserção do mercado informal como uma das

únicas opções para a sobrevivência do exército de desempregados existente no país, e apresenta algumas estratégicas em escala municipal, pensando no desenvolvimento em escala local, no mercado formal e informal e no incentivo a microempresas:

- Criação de um sistema de informações para microinvestidores;
- Incentivo à formação de viveiros de microempresas, contando com parceria das Universidades, nos seus programas de extensão, através das pesquisas-ações;
- Apoio técnico para a abertura de microempresas e cooperativas;
- Apoio a projetos de criação de novas escolas de formação profissional, notadamente técnicas, de nível médio;
- Apoio à economia informal em parceria com a Associação Comercial e Associação de Sindicatos de Economia Informal e outras entidades representativas do comércio ambulante.

O turismo surge como uma alternativa para o desenvolvimento local, visando atender às necessidades locais, com projetos alternativos de turismo como: ecoturismo, turismo rural, turismo de saúde, turismo religioso, oportunizando ocupação para a população local, uma vez que, a autora, tal como Souza (2002), entende que para haver desenvolvimento é necessário que as necessidades humanas sejam atendidas, não bastando apenas o crescimento econômico da região.

Benevides (2002) apresenta questionamentos na tentativa de fornecer elementos para elaboração de um marco teórico-conceitual, que orientasse a análise sobre as possibilidades do turismo constituir um fator significativo ou não do desenvolvimento. Na visão do autor o desenvolvimento deve equalizar cinco objetivos: preservação/conservação ambiental; identidade cultural; geração de ocupação produtiva e de rendas; desenvolvimento

participativo e qualidade de vida. Após analisar os questionamentos levantados, Benevides (2002) considera a viabilidade econômica e social para o turismo alternativo, mas não acredita que seja a superação das situações substantivas.

Voltando a Souza (1996, p. 10), afirma-se que cada situação concreta acarretará uma interpretação e um julgamento diferente. O autor apresenta elementos metodológicos para a reflexão sobre o significado do turismo para o desenvolvimento. É necessário saber quem ganha ou tende a ganhar e quem perde ou pode perder, com a atividade turística? Assim ele estabelece três grupos principais de indivíduos:

1. A população da área de origem dos turistas: a rigor, não tende nem a ganhar, nem a perder. Deixa de ganhar o dinheiro dos cidadãos que viajaram a turismo, mas se beneficia com o fato de que esses turistas não realizam impactos negativos em seu local de origem;
2. Os turistas: eles ganham com o turismo. Caso contrário, não teriam nenhuma motivação para empreender essa atividade;
3. A população da área de destino dos turistas: Do ponto de vista socioeconômico, essa população é muito heterogênea, portanto é preciso uma análise mais complexa, onde alguns grupos podem lucrar e outros serem seriamente prejudicados. É necessário identificar em cada caso, os diversos grupos de interesse, manifestos ou latentes e divisar seus objetivos e estratégias.

A análise aprofundada deste terceiro grupo é fundamental em realidades de regiões subdesenvolvidas.

O autor ressalta ainda que além desses aspectos, para se entender o turismo como fator de desenvolvimento socioespacial, faz-se necessário considerar mais duas dimensões de análise:

A questão da autonomia: o desenvolvimento socioespacial pressupõe que uma coletividade tenha autonomia para gerir os seus destinos. Portanto, para que o turismo possa trazer desenvolvimento socioespacial, é necessário que a maioria da população participe livremente da gestão dos recursos sócio-espaciais de seu Município;

Há graus de complexidades diferentes: se um grupo de turistas se dirige para um local onde o poder aquisitivo, a cultura, etc, são semelhantes aos dos turistas e do espaço de origem deles, os impactos negativos tendem a serem absorvidos, mas, se os turistas advêm de uma realidade superior, com grande poder de compra, buscando o prazer, pode gerar direta ou indiretamente, muitas distorções entre uma população mais pobre, estimulando o nível de preços dos produtos ofertados no local e agredir a cultura da população mais pobre, gerando problemas sociais-psicológicos.

Não há uma resposta universal para a questão de como o turismo contribui para o desenvolvimento socioespacial, porém na medida em que o turismo contribuir de algum modo para minorar as disparidades, preconceitos e heteronomia no local onde se inserir, ele estará sendo um fator que poderá levar ao desenvolvimento socioespacial dos lugares.

No entanto a mera atenuação das disparidades, dos preconceitos e da heteronomia não constitui a concretização do desenvolvimento socioespacial, mas pode indicar o processo de concretização desse desenvolvimento, no seu acontecer.

Dai retorna-se à questão fundamental da presente pesquisa, ou seja, em que medida a atenuação das disparidades, dos preconceitos e da heteronomia já está acontecendo em Bezerros, rumo à concretização do desenvolvimento socioespacial pela inserção do turismo?

## **CAPÍTULO 3 – ECOTURISMO E DESENVOLVIMENTO**



## CAPÍTULO 3 – ECOTURISMO E DESENVOLVIMENTO

No contexto do mundo contemporâneo, o ecoturismo representa uma forma mais flexível de turismo, um tipo de turismo alternativo. Segundo Torres (2002, p. 88),

*In an uncanny reflection of contemporary evolution in the industrial sector, several researchers have suggested a recent paradigmatic shift in tourism production and consumption towards more post-Fordist forms of specialized, individualized, small scale and flexible tourism.*<sup>3</sup>

O turismo alternativo é um termo genérico que engloba toda uma série de estratégias, que têm o propósito de oferecer uma alternativa mais benigna do que o turismo convencional de massa. Como turismo alternativo podem-se citar: o turismo ameno, o turismo responsável, o turismo campestre, o ecoturismo e o turismo verde.

O segmento do turismo alternativo, que tem apresentado maior crescimento em escala mundial, é o ecoturismo, o qual se acha em análise na presente pesquisa.

Segundo Fennell (2002, p. 41), Ceballos-Lascurain foi o primeiro a usar o termo ecoturismo. Em 1981, começou a usar o termo espanhol turismo ecológico para designar essa forma de turismo. Em 1983, o termo se reduziu para ecoturismo que, segundo Ceballos-Lascurain, podia tornar-se uma ferramenta muito importante para a conservação.

---

<sup>3</sup> (Tradução Nossa) “Numa reflexão incomum da evolução contemporânea do setor da indústria, vários pesquisadores sugeriram uma nova relação paradigmática entre a produção do turismo e o consumo, voltada a outras formas pós-Fordistas de turismo especializado, individualizado, em pequena escala e flexível.”

O termo apareceu escrito pela primeira vez na edição de março/abril de 1984 da *American Birds*, como propaganda de uma atividade turística, dirigida por Ceballos-Lascurain. A definição do termo apareceu pela primeira vez em 1987, em um documento intitulado “O futuro do ecoturismo”, que foi reproduzido no *Mexico Journal*, em sua edição de 27 de janeiro de 1988.

Ceballos-Lascurain identificou o ecoturismo como uma forma de viagem na qual o ambiente natural é o foco principal. Todavia outras formas de turismo enfocam o ambiente natural em alguma medida, turismo natural, turismo inóspito, turismo de baixo impacto e turismo sustentável. Embora alinhados e relacionados estreitamente com o ecoturismo, esses adjetivos devem ser distintos do ecoturismo (WEARING, NEIL, 2001, p. 6).

O ecoturismo abarca quatro elementos fundamentais, para sua definição: a noção de movimento, atividades baseadas na natureza, indução de conservação e papel educativo.

- a noção de movimento ou viagem de um lugar para outro

Essa viagem deve ser restrita a áreas naturais, relativamente tranquilas ou protegidas.

- desenvolvimento de atividades baseadas na natureza

As atividades, como viagens de negócios, viagens para cidades, férias convencionais na praia e viagens esportivas, não podem ser consideradas ecoturismo, já que o foco principal dessas experiências não está na vivência do ambiente natural da área visitada.

- indução de conservação

Em terceiro lugar, o ecoturismo é indutor de conservação. O ecoturismo visa levar pequenos grupos de pessoas a áreas naturais ou de proteção, com um mínimo de impacto sobre os ambientes físicos, social e cultural, pois os ecoturistas estão, de uma maneira geral, mais preocupados com os impactos ambientais do que os turistas de massa.

- papel educativo

A quarta idéia a ser considerada na definição do ecoturismo é o seu papel educativo. Geralmente, o ecoturista expressa um forte desejo de aprender sobre a natureza em suas viagens. Assim sendo, faz-se necessário que os operadores de ecoturismo forneçam um nível apropriado de explicação ambiental e cultural, através de guias adequadamente qualificados. Esse papel educativo se refere não somente aos próprios turistas, mas também aos operadores da indústria e às comunidades locais envolvidas (WEARING, NEIL, 2001, p. 10-12).

Verifica-se que não é simples chegar a uma definição de ecoturismo. Para Oxinalde (1994, p. 26):

El ecoturismo seria aquel interesado en visitar espacios naturales protegidos, Parques Naturales, Parques Nacionales, reservas..., y conocer la flora y la fauna (la .....en general) de los países o comarcas visitadas.

Segundo Pires, a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) conceitua o ecoturismo com os seguintes termos:

Ecoturismo é o turismo desenvolvido em localidades com potencial ecológico, de forma conservacionista, procurando conciliar a exploração turística com o meio ambiente, harmonizando as ações com a natureza, bem como oferecer aos turistas um contato íntimo com recursos naturais e culturais de uma consciência ecológica racional (EMBRATUR, 2002, p. 150).

O grupo de trabalho interministerial em ecoturismo, composto pelo Ministério da Indústria, Comércio e Turismo (MICT), pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA), além da EMBRATUR, do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e de empresários e consultores, em diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo (EMBRATUR/IBAMA, 1994), dá a seguinte conceituação:

Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas.

Para Quintão (1990, p. 33):

O ecoturismo deve ser entendido como a atividade de lazer voltada para a valorização do ócio, em que o homem busca, por necessidade e por direito, a revitalização da capacidade interativa e do prazer lúdico nas relações com a natureza.

Para Fennell (2002, p. 52):

Ecoturismo é uma forma sustentável de turismo baseado nos recursos naturais, que focaliza principalmente a experiência e o aprendizado sobre a natureza; é gerido eticamente para manter um baixo impacto; é não predatório e localmente orientado (controle, benefícios e escala). Ocorre tipicamente em áreas naturais e deve contribuir para a conservação ou preservação destas.

Para a União Internacional para Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais Removíveis (IUCN):

Ecoturismo ou turismo ecológico consiste em viagens ambientalmente responsáveis com visitas a áreas naturais relativamente sem distúrbios, para desfrutar e apreciar a natureza, juntamente com as manifestações culturais do passado ou do presente, que possam existir. Ao mesmo tempo, promove a conservação e proporciona baixo impacto pelos visitantes, contribuindo positivamente para o envolvimento sócio-econômico ativo das populações locais (PIRES, 2002, p. 157).

Ressalte-se que nos debates sobre ecoturismo, verifica-se a ausência de um consenso em torno da sua definição e, principalmente, da sua prática. Existem vários conceitos e definições de ecoturismo, todavia essa última definição adotada pela IUCN se tornou referência mundial, devido à

atuação destacada dessa entidade ambientalista no campo da conservação, na qual se inclui a preocupação com o desenvolvimento do ecoturismo.

Wearing e Neil (2001, p. 13) apresentam princípios básicos de ecoturismo, tomando como base, a Conferência Global 90, corrente turística, estratégia de ação, adotada em Vancouver, Canadá. São eles:

- ◆ O ecoturismo estimula a compreensão dos impactos do turismo sobre o meio natural, cultural e humano;
- ◆ O ecoturismo assegura uma distribuição justa dos benefícios e custos;
- ◆ O ecoturismo gera emprego local, tanto diretamente no setor de turismo como em diversos setores da administração de apoio e de recursos;
- ◆ O ecoturismo estimula as indústrias locais rentáveis – hotéis e outras instalações de alojamento, restaurantes e outros serviços de alimentação, sistemas de transporte, produção de artesanato e serviços de guia;
- ◆ O ecoturismo gera divisas estrangeiras para o país e injeta capital e dinheiro novo na economia local;
- ◆ O ecoturismo diversifica a economia local, particularmente nas áreas rurais, onde o emprego agrícola pode ser esporádico ou insuficiente;
- ◆ O ecoturismo busca a tomada de decisões em todos os segmentos da sociedade, inclusive nas populações locais, de modo que o turismo e outros usuários dos recursos possam coexistir. O ecoturismo incorpora o planejamento e o zoneamento, assegurando o desenvolvimento turístico apropriado para a capacidade de sustentação do ecossistema;
- ◆ O ecoturismo estimula a melhoria do transporte, da comunicação e de outros elementos da infra-estrutura comunitária local;
- ◆ O ecoturismo cria instalações recreativas que podem ser usadas pelas comunidades locais, pelos visitantes domésticos e internacionais. Também estimula, auxiliando seu custeio, a

preservação dos sítios arqueológicos e de edifícios e bairros históricos;

- ◆ O turismo natural estimula o uso produtivo das terras marginais para a agricultura, permitindo que grandes áreas conservem sua cobertura de vegetação natural;
- ◆ O turismo cultural aumenta a auto-estima da comunidade local e proporciona a oportunidade de maior entendimento e comunicação entre pessoas de diversas origens;
- ◆ O turismo ambientalmente sustentável demonstra a importância dos recursos naturais e culturais para o bem-estar econômico e social da comunidade, podendo ajudar a preservá-los;
- ◆ O ecoturismo monitora, avalia e administra os impactos do turismo, desenvolve métodos confiáveis de contabilidade ambiental e calcula qualquer efeito negativo.

Existe um princípio que Rodrigues (2003, p. 31-2) considera fundamental, que aparece identificado em documentos da WTO (*World Travel Organization*), o qual reza o seguinte:

Geralmente, mas não exclusivamente, o ecoturismo deve ser organizado para pequenos grupos, por pequenos empreendedores locais (embora reconhecendo que operadores estrangeiros também operam e comercializam o ecoturismo). Também a UNEP (United Nations Environment Programs), adota como um dos componentes do ecoturismo, uma oferta para pequenos grupos, empreendida por pequenas empresas.

A UNEP contempla ainda dois princípios básicos: o ecoturismo requer o menor consumo possível de recursos não renováveis e fortalecem as oportunidades de negócios, particularmente para a população rural. Estes dois princípios da UNEP baseiam-se na concepção orientada por padrões de sustentabilidade.

Tais princípios constituem instrumentos fundamentais que podem ser mobilizados na busca do desenvolvimento socioespacial: preocupação com a inclusão social, adoção de uma postura ética para com o meio ambiente e envolvimento incondicional dos atores interessados.

Na perspectiva do desenvolvimento socioespacial, o ecoturismo se faz interessante, portanto, na medida em que pode promover uma diversidade econômica, gerando mais empregos. Conscientiza a comunidade para a preservação e conservação e valorização de sua cultura.

O ecoturismo em Bezerros contempla diversos princípios básicos elencados, bem como negligencia outros, porém essa discussão será abordada no próximo capítulo.

### **3.1 Principais segmentos e interesses sociais envolvidos**

#### **Setor ambientalista**

Costuma situar-se na comunidade ambientalista a necessidade de desenvolver novos modelos de desenvolvimento que sejam economicamente viáveis e ecologicamente sustentáveis, conforme princípios conhecidos do chamado desenvolvimento sustentável. Há uma tendência conhecida no âmbito das Organizações não Governamentais (ONGs) que é simpática à idéia de ecoturismo com o fito de atingir a sonhada sustentabilidade.

Observa-se também uma corrente contrária que manifesta sua preocupação quanto às experiências empreendidas no segmento, reconhecendo no mesmo também uma tendência para a exploração econômica *tout court*. Segundo uma pesquisa realizada em meados da década passada com 104 membros da UICN, quase a metade de representantes sul-americanos está envolvida em projetos de ecoturismo.

Em Bezerros, o projeto para o desenvolvimento do ecoturismo em Serra Negra, apesar de ter sido elaborado pela Prefeitura Municipal de Bezerros com a participação da Universidade Federal Rural de Pernambuco, contemplando, em um de seus subprojetos, a educação ambiental, ainda não foi implantado.

## **Setor empresarial**

O setor empresarial está muito atento aos movimentos do mercado, observa as mudanças que a clientela apresenta nos seus gostos, planeja e diversifica as ofertas. Na última década, algumas operadoras e agências turísticas têm reconhecido a importância de direcionar seus negócios para o ecoturismo, considerado-o como um dos segmentos que mais cresce em escala mundial. Os folhetos vendem imagens paradisíacas de vegetação exuberante, inesgotáveis mananciais, pássaros exóticos, mamíferos em extinção, flores raras, comunidades indígenas “quase” intocadas, bem como a existência de rico e criativo artesanato.

Também são de referência obrigatória às iguarias de boa mesa, em que nomes indígenas de pratos locais com temperos exóticos, sorvetes de frutas tropicais e bebidas afrodisíacas aguçam muitos apetites: pirarucu, tucunaré, tambaqui, sopa de piranha, licor de jenipapo, sorvete de açaí, pato no tucupi, só para citar alguns.

Tudo isto se conjuga para atrair o turista, principalmente aqueles dos países centrais do capitalismo, como norte-americanos, europeus e japoneses, cujas populações concentram-se em áreas metropolitanas densamente urbanizadas. Só pelo crescimento desmesurado deste segmento dá para perceber que os paradigmas do ecoturismo, principalmente aquele que aconselha a recepção de pequenos grupos de turistas interessados em apreciar a natureza e valorizar a cultura local, não pode condizer com a realidade.

Em Bezerros, o setor empresarial ligado à atividade turística foi o que mais cresceu. Pode-se exemplificar esse fato ao identificar que, até 1997, só havia uma pousada no Município, enquanto que hoje, a rede hoteleira é composta por quatro hotéis, duas pousadas e três motéis, representando um aumento efetivo de 800%.

## **O Estado**

Não se pode esquecer que o Estado continua a ser o maior parceiro nos projetos de ecoturismo e de outros rotulados de turismo com base local. Frente aos programas com iniciativas de ONGs parece haver uma indiferença dos deveres do Estado, isto quando não se desencadeia um conflito. O esforço das ONGs, em que pese suas diferentes intenções e ações, é em muitos casos uma forma alternativa de controle social, que tende a ser vista pelo Estado não como complementar, mas como substitutiva, isentando-o de seus deveres.

Essa tendência é facilmente perceptível em quase todos os projetos exitosos de desenvolvimento com base local alavancados ou não pelo turismo. Assim as ONGs têm que trabalhar para reivindicar junto ao Estado a assunção dos seus deveres, nunca trabalhar só como forma subsidiária, nem se colocar contra ele. O Estado pode ser cobrado através de movimentos sociais organizados, onde se exerce a cidadania com clareza e objetividade, evitando-se confrontos sempre desgastantes.

O que o Estado pode fazer, além das suas atribuições básicas? Baseando-nos em Rodrigues (2003, p. 34), com algumas adaptações, um Estado politicamente progressista deve em princípio:

- ◆ Criar um espaço político no qual as reivindicações da sociedade organizada possam ser ouvidas;
- ◆ Mediar e tentar resolver situações de conflitos;
- ◆ Remover obstáculos legais e outros ao desenvolvimento local;

- ◆ Promover novos instrumentos jurídicos, sempre que necessários, para facilitar o processo de desenvolvimento autocentrado;
- ◆ Oferecer apoio amplo, total e irrestrito aos esforços da comunidade no sentido do seu fortalecimento;
- ◆ Proporcionar um quadro administrativo que apóie o desenvolvimento autocentrado.

Assim o Estado tem que essencialmente permitir, facilitar e apoiar sempre a comunidade, não se isentando das suas obrigações fundamentais.

Em Bezerros, inicialmente o Estado, através da EMPETUR, agiu como facilitador, orientador, realizando com o apoio do governo municipal as oficinas para capacitação dos multiplicadores e monitores do turismo na região. Contribuiu para divulgação da inserção do turismo em Bezerros.

No entanto, atualmente, conforme informações colhidas em pesquisa de campo, o Estado não tem contribuído para o exercício do conjunto das atribuições anteriormente mencionadas no sentido do desenvolvimento da atividade turística no município. Não há, por outro lado, cobrança por parte da comunidade, uma vez que, não existem movimentos sociais organizados em Bezerros para fazer valer o exercício daquele conjunto de atribuições.

## **As populações locais**

Um dos princípios do ecoturismo, como já referido, é o benefício das comunidades locais. Há unanimidade dos autores quanto à participação da comunidade no processo de planejamento da atividade turística.

Em Bezerros, quando da implantação do Programa Nacional de Municipalização do Turismo, houve envolvimento das populações da cidade e da Serra Negra com o turismo. Havia agentes multiplicadores, que faziam um trabalho de conscientização com a comunidade, promovendo sua participação

principalmente nos eventos festivos. Todavia, dada sua interrupção, a população deixou de se beneficiar com a atividade turística.

Segundo a Secretária de Turismo do Município de Bezerros, especialista em planejamento de turismo pela Universidade de Madrid, que foi monitora do PNMT, a população de Serra Negra ainda não se beneficia do turismo, porque lhes falta a compreensão da forma pela qual se pode aproveitar o fluxo de turistas e estudiosos na região. Apenas uma pequena fatia da população da Serra Negra conseguiu voltar seu ganho com a agricultura para o turismo, mas a maior parte da população não sobrevive do turismo, pois ainda não o entende como uma atividade economicamente viável. Para que se alcance esse objetivo, é necessário haver vontade política para empreender a mobilização dos cidadãos, vencendo o medo que a população tem de investir. Um exemplo disso é o fornecimento de bebidas e comidas nos eventos: como os cidadãos de Serra Negra não se envolvem com turismo, são aqueles da cidade de Bezerros que para lá se dirigem, suprimindo essas necessidades dos turistas. Assim, os moradores da Serra Negra deixam de se beneficiar.

## **O ecoturista**

O perfil do turista que busca um produto rotulado de ecoturístico é alguém que tem atração pela natureza. Em pesquisas realizadas em vários países do mundo os turistas apontam, em mais da metade das entrevistas, que se interessam em visitar uma área natural protegida. Porém, pode-se perceber que este segmento de demanda também apresenta nuances, que permitem classificá-lo em subgrupos. Excluímos desta classificação as pessoas que se interessam especificamente pelo contato com grupos culturais residuais. Apresentamos, a seguir, uma classificação que adaptamos do WRI (*WORLD RESOURCES INSTITUTE*):

- ◆ Pesquisadores ecoturistas – com fortes tendências ecologistas, altamente especializados, comprometidos com ONGs ou com

instituições acadêmicas, que além de investigadores participam das pesquisas como turistas;

- ◆ Ecoturistas pesquisadores – pessoas interessadas em participar de grupos de pesquisa em áreas de rica biodiversidade, encaixando-se pontualmente em experiências científicas;
- ◆ Ecoturistas naturalistas – pessoas interessadas em viajar para áreas ricas em biodiversidade, a fim de observar a natureza ou alguns aspectos singulares movidos por interesses específicos. É o caso dos observadores de aves (*watching birds*), um segmento muito expressivo nos EUA e Canadá, incluindo desde mochileiros até milionários que viajam em aviões particulares.
- ◆ Ecoturistas casuais – que são movidos por interesses em participar de experiências ecoturísticas, sem um interesse específico. Grupos de estudantes em experiências pedagógicas enquadram-se nesta categoria.

Segundo estudos realizados sobre a demanda ecoturística, os dois últimos grupos são os mais numerosos. Não são muito exigentes quanto ao luxo das acomodações, porém não abrem mão da higiene e da segurança dos lugares visitados.

Em Bezerros, especificamente em Serra Negra, o perfil do turista que predomina é o dos ecoturistas casuais. Salienta-se, todavia, a presença também dos ecoturistas pesquisadores, representados por grupos da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que realizam pesquisas na área.

A constatação dos interesses dos ecoturistas na área de Serra Negra pode tornar-se um importante trunfo da sociedade local, no sentido de cobrar a concretização do ecoturismo na perspectiva do desenvolvimento socioespacial.

## **As instituições de ensino**

As instituições de ensino devem estar comprometidas com as iniciativas comunitárias, destacando-se as Universidades e suas atribuições de ensino, pesquisa e extensão. As pesquisas básicas são importantes, porém em áreas carentes de recursos econômicos as pesquisas aplicadas são fundamentais, devendo receber todo o apoio das agências de fomento. As investigações que aliam a pesquisa à extensão cumprem duas funções: pesquisa e ação.

É muito difícil encontrar um município brasileiro onde hoje não haja preocupações com o ambiente e onde não haja condições de desenvolver algum projeto de cunho ambientalista, iniciando-se a partir do envolvimento com a comunidade local. Se não for especificamente para turismo, há que pensar também no lazer, a começar pelo tratamento das áreas verdes urbanas. Um micro-espço de planejamento do uso público de uma praça pode ser um excelente laboratório para pesquisa-ação.

No Brasil, o ecoturismo é discutido desde 1983, porém nem os esforços governamentais, nem os privados foram suficientes para ultrapassar as barreiras, até hoje existentes, entre a teoria, principalmente em relação aos modelos nacionais e à prática do ecoturismo. Entre essas barreiras temos a ausência do consenso sobre a conceituação do segmento, a falta de critérios, regulamentações e incentivos que orientam empresários, investidores e o próprio Governo, no estímulo e na exploração do potencial das belezas naturais e valores culturais disponíveis, no mesmo tempo em que promova a sua conservação.

Em consequência, o ecoturismo praticado no Brasil é uma atividade ainda desordenada, impulsionada, quase que exclusivamente, pela oportunidade mercadológica, deixando a rigor, de gerar os benefícios socioeconômicos e ambientais esperados e comprometendo, não rara, o conceito e a imagem do produto ecoturístico brasileiro nos mercados interno e externo.

Essas razões motivaram o Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo e o Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal a instituir, pela Portaria Interministerial nº 001, de 20 de abril de 1994, o Grupo de Trabalho integrado por representantes desses ministérios, do IBAMA e da EMBRATUR, para desenvolver e propor uma política e um Programa Nacional de Ecoturismo. Esse documento procura assegurar:

- ◆ À comunidade do lugar: melhores condições de vida e reais benefícios;
- ◆ Ao meio ambiente: uma poderosa ferramenta que valorize os recursos naturais;
- ◆ À nação: uma fonte de riquezas, divisas e geração de empregos;
- ◆ Ao mundo: a oportunidade de conhecer e utilizar o patrimônio natural dos ecossistemas para onde convergem a economia e a ecologia, para o conhecimento e uso das gerações futuras;

Conforme as diretrizes para uma política nacional de ecoturismo, o Brasil possui um grande potencial ecoturístico, uma vez que a superfície territorial brasileira abriga diferentes ecossistemas<sup>4</sup>.

As diretrizes para uma política nacional de ecoturismo também elencam os impactos negativos e positivos que poderão advir da atividade de ecoturismo estão, a princípio, relacionados a danos potenciais ao meio ambiente e à comunidade e, por outro lado, aos benefícios socioeconômicos e ambientais, esperados aos níveis regional e nacional.

Com efeito, a fragilidade dos ecossistemas naturais, muitas vezes, não comporta um número elevado de visitantes e, menos ainda, suporta o tráfego excessivo de veículos pesados. Por outro lado, a infra-estrutura necessária, se não atendidas as normas de controle pré-estabelecidas, pode

---

<sup>4</sup> Dentre esses ecossistemas, destacam-se a Floresta Amazônica, a Mata Atlântica, o Cerrado, o Pantanal, a Caatinga ou Semi-árido, a Floresta de Araucárias, os Campos do Sul, os Manguezais e as Áreas Costeiras e Insulares. Bezerros acha-se situado no ecossistema da caatinga, ou semiárido.

comprometer de maneira acentuada o sistema hídrico e a conservação dos recursos naturais florísticos e faunísticos.

Em Serra Negra, verifica-se um excesso de veículos quando se promove algum evento, que poderá vir a impactar negativamente o ecossistema futuramente.

O alijamento das populações locais se configura, também, como outro risco, pois a presença de operadores, quase sempre sem nenhuma relação orgânica com a região, pode gerar novos valores incompatíveis com os comportamentos locais, ocasionando conflitos de ordem cultural e de outras ordens.

Em contrapartida aos riscos ambientais e comunitários, o ecoturismo apresenta significativos benefícios econômicos, sociais e ambientais, tais como:

- ◆ Diversificação da economia regional, através da indução do estabelecimento de micronegócios e pequenos negócios;
- ◆ Geração local de empregos;
- ◆ Fixação da população no interior;
- ◆ Melhoramento das infra-estruturas de transporte, comunicações e saneamento;
- ◆ Criação de alternativas de arrecadação para as Unidades de Conservação;
- ◆ Diminuição do impacto sobre o patrimônio natural e cultural;
- ◆ Diminuição do impacto no plano estético-paisagístico;
- ◆ Melhoria nos equipamentos das áreas protegidas.

O ecoturismo em Bezerros é uma alternativa de diversificação da economia local, que vem gerando empregos, dinamizando os setores ligados a essa atividade, além de ser um veículo para a conservação ambiental.

A compatibilidade do ecoturismo com o dimensionamento do número de visitantes e do fluxo de transportes, a adoção de parâmetros para

implantação da infra-estrutura, o respeito e valorização da cultura local são condições básicas e imprescindíveis para o desenvolvimento harmônico da atividade no Brasil.

Com base nos problemas identificados durante a realização da oficina e planejamento de Goiás Velho, os esforços a serem empreendidos na implementação de uma política para o desenvolvimento de ecoturismo no Brasil devem ser direcionados ao atendimento dos seguintes objetivos básicos:

- ◆ Compatibilizar as atividades de ecoturismo com a conservação de áreas naturais;
- ◆ Fortalecer a cooperação interinstitucional;
- ◆ Possibilitar a participação efetiva de todos os segmentos atuantes no setor;
- ◆ Promover e estimular a capacitação de recursos humanos para o ecoturismo;
- ◆ Promover o aproveitamento do ecoturismo como veículo de educação ambiental.

Para a consecução dos objetivos básicos foram identificadas diversas ações, cada uma com estratégia própria de execução que, integradas, resultaram num elenco de realizações prioritárias, cuja responsabilidade de implementação alcança diversos setores governamentais e o segmento do setor privado voltado ao ecoturismo, sem prejuízo da colaboração das organizações não-governamentais e da comunidade diretamente envolvida. São elas:

- ◆ Ação 1 - regulamentação do ecoturismo, que tem como objetivo dotar o segmento de ecoturismo de estrutura legal própria harmonizada com as esferas federal, estadual e municipal, e de critérios e parâmetros adequados;

- ◆ Ação 2 – fortalecimento e interação interinstitucional, que tem como objetivo promover a articulação e o intercâmbio de informações e de experiências entre órgãos governamentais e entidades do setor privado;
- ◆ Ação 3 – formação e capacitação de recursos humanos, tendo como objetivo fomentar a formação e a capacitação de pessoal para o desempenho de diversas funções pertinentes à atividade de ecoturismo;
- ◆ Ação 4 – controle de qualidade do produto ecoturístico, tendo como objetivo, promover o desenvolvimento de metodologias, modelos e sistemas para acompanhamento, avaliação e aperfeiçoamento da atividade de ecoturismo, abrangendo os setores público e privado;
- ◆ Ação 5 – gerenciamento de informações, que tem como objetivo realizar o levantamento de informações, a nível nacional e internacional, visando a formação de um banco de dados e a obtenção de indicadores para o desenvolvimento do ecoturismo;
- ◆ Ação 6 – incentivos ao desenvolvimento do ecoturismo, tendo como objetivo promover e estimular a criação e a adequação de incentivos para o aprimoramento de tecnologias e de serviços, a ampliação da infra-estrutura existente e a implementação de empreendimentos ecoturísticos;
- ◆ Ação 7 – implantação e adequação de infra-estrutura, tendo como objetivo promover o desenvolvimento de tecnologias e a implantação de infra-estrutura nos destinos ecoturísticos prioritários;
- ◆ Ação 8 – conscientização e informação do turista, tendo como objetivo divulgar aos turistas atividades inerentes ao produto ecoturístico e orientar a conduta adequada nas áreas visitadas;
- ◆ Ação 9 – participação comunitária, tendo como objetivo buscar o planejamento das comunidades localizadas em destinos ecoturísticos, potenciais e existentes estimulando-as a identificar no ecoturismo uma alternativa econômica viável.

Quanto aos fatores diretamente envolvidos nesse segmento do turismo, as diretrizes não deixam dúvidas. O ecoturismo, por se tratar de uma atividade econômica e dinâmica, sobre a qual incidem múltiplos interesses, requer ações interinstitucionais articuladas, coordenadas e descentralizadas dos poderes públicos e a efetiva participação do setor privado no encaminhamento das decisões políticas e administrativas pertinentes ao segmento, incluindo, nesse contexto, as organizações não governamentais e as comunidades envolvidas.

Assim caberá precipuamente ao governo estabelecer a normatização da atividade, incentivar e promover a capacitação de recursos humanos; melhorar e viabilizar a necessária infra-estrutura nas áreas de destino e adaptar os incentivos existentes para estimular a implantação de empreendimentos ecoturísticos.

As ações a serem empreendidas pelo governo, mediante a atuação de diversos órgãos setoriais, suas entidades subordinadas e vinculadas, deverão funcionar como indutoras dos investimentos privados e sociais, com vistas ao desenvolvimento do ecoturismo.

Iniciativas similares, no âmbito dos governos estaduais e municipais, harmonizadas e integradas com as ações do Governo Federal, serão fundamentais para estimular o ecoturismo regional.

O setor privado, por meio da atuação do empresariado, será parte preponderante na consolidação do ecoturismo como instrumento de crescimento econômico, cabendo promover as medidas indispensáveis à qualidade dos serviços a serem prestados, além de, em resposta aos esforços do Governo, contribuir na melhoria da infra-estrutura e na capacitação de recursos humanos.

As organizações não governamentais, representantes da sociedade civil, têm desempenhado no Brasil e no mundo um papel de fundamental importância na produção e publicação de expressiva parcela da literatura existente sobre ecoturismo como alternativa de desenvolvimento sustentado.

As comunidades, muito mais do que meros beneficiários desta atividade, são, na verdade, atores importantíssimos no processo, portanto elementos que devem ser integrados ao desenvolvimento do ecoturismo desde seu estágio mais preliminar de planejamento até sua implementação e operação.

A magnitude e a importância das ações previstas e a complexidade das interações à incorporação do ecoturismo, como uma atividade capaz de gerar no País benefícios sócio-econômicos e de conservar o meio ambiente, pressupõem que a promoção das articulações interinstitucionais seja centralizada.

Dessa forma, sem prejuízo das atribuições e iniciativas dos demais órgãos setoriais federais, caberá ao Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo e ao Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, observados os limites de suas competências, a função de articular as ações para a implantação de uma política nacional para o ecoturismo, dispondo, para tanto, das estruturas técnico-administrativas da EMBRATUR e do IBAMA.

Todas as proposições contidas nas diretrizes nacionais para uma política nacional do ecoturismo objetivam ordenar o ecoturismo, harmonizando a atividade com a conservação do meio ambiente, de forma a alcançar a mais abrangente gama de benefícios que dele possam decorrer.

Assim sendo, na perspectiva de concretização do desenvolvimento socioespacial, o ecoturismo possui o papel de promover a integração sócio-territorial, buscando não só a preservação do patrimônio natural e cultural da sociedade, como a garantia da melhoria das condições de vida da população local, na busca da mudança social efetiva.

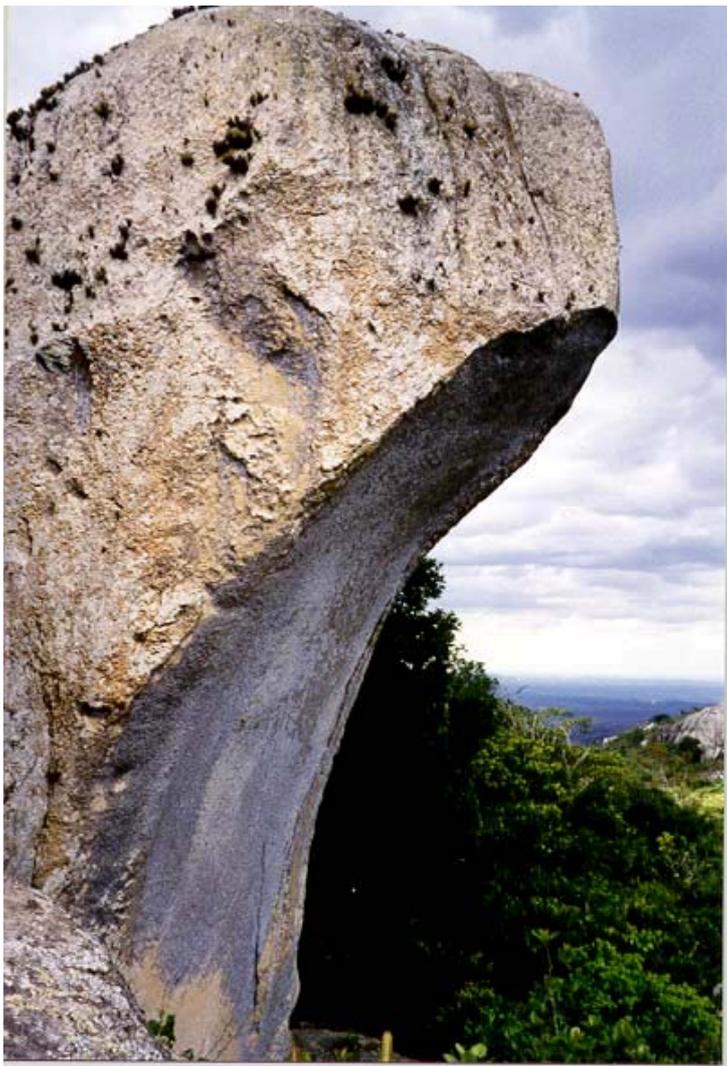
Conforme alerta Yázigi (1999, p. 137):

O turismo preservacionista não pode ser um ato individual, mas tem que ser um padrão social, cultural e econômico, assumido pelas administrações, empresários, população em geral. É a educação cívica que tem de englobar a "ecologia". O turismo preservacionista não se dá nas trilhas ou banhos de cachoeira, mas

em todo o território, em toda a vida, em todos os modos de produção.

Assim sendo, o ecoturismo só poderá ser um fator de desenvolvimento socioespacial se houver a integração de todos os segmentos envolvidos, para que possa alcançar o objetivo principal da promoção do bem estar social.

**CAPÍTULO 4 – O TURISMO EM SERRA NEGRA E  
AS PERSPECTIVAS CONCRETAS  
DO DESENVOLVIMENTO  
SOCIOESPACIAL**



## **CAPÍTULO 4 - O TURISMO EM SERRA NEGRA E AS PERSPECTIVAS CONCRETAS DO DESENVOLVIMENTO SOCIOESPACIAL**

### ***4.1 Uma breve visão sobre as ações governamentais do turismo no Brasil***

O turismo no Brasil teve início no final do Século XIX. A partir de 1930, o Governo Federal começou a tomar medidas em prol da atividade turística e do desenvolvimento de políticas públicas de turismo<sup>5</sup>.

Em 1958, cria-se a Comissão Brasileira para o Desenvolvimento do Turismo (COMBRATUR), a qual funcionou até 1962. Tinha como finalidade coordenar, planejar e supervisionar a execução da política nacional de turismo, com o objetivo de facilitar o crescente aproveitamento das possibilidades do País, no que diz respeito ao turismo interno e internacional<sup>6</sup>.

Em 1962, a COMBRATUR é substituída pela Divisão de Turismo e Certames (DTC) que, ligada ao Ministério de Indústria e Comércio, instala o Conselho Nacional de Turismo (CNT). Em 1966, o Governo Federal substitui a DTC pela Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), que cria o Fundo Geral do Turismo (FUNGETUR), como instrumento para captação de recursos para realização de investimentos diretos nas áreas que apresentam potencial turístico (BECKER, 1995).

Do final dos anos 60 ao início dos anos 90, do século passado, foram criados e extintos diversos órgãos de turismo, não havendo uma política consolidada e consistente para o setor.

---

<sup>5</sup> 1930 - Funda-se o Touring Club do Brasil

1932 – Decreto-Lei – implanta a temporada de turismo no Distrito Federal

1934 – Governo Federal cria a Comissão Permanente para as Exposições e Feiras (CASTILHO, 1999, p. 32)

1937 – Legisla-se a proteção do patrimônio histórico e cultural

<sup>6</sup> Dec. de nº 44863 de 19 de abril de 1960, artigo 2.

Com as constantes crises econômicas, fez-se necessária uma mudança no gerenciamento das administrações urbanas. Em um colóquio realizado em *Orléans*, em 1985, onde se reuniram acadêmicos, homens de negócios e políticos de oito grandes cidades de sete países de capitalismo avançado, chegou-se a um consenso de que:

Os governos urbanos tinham que ser muito mais inovadores e empreendedores, abertos para explorar diferentes meios para aliviar suas condições miseráveis e assim assegurar um futuro melhor para suas populações (HARVEY, 1996, p. 49).

A partir do ano de 1990, o turismo torna-se uma atividade de grande destaque na busca de alternativa às crises. Seguindo a tendência mundial e procurando inserir o país no mundo globalizado, o governo brasileiro implanta por meio da EMBRATUR, o Plano Nacional do Turismo (PLANTUR), visando à promoção da regionalização da política do turismo no país.

Em 1996, é implantada a Política Nacional de Turismo (PNT) – um conjunto de diretrizes, objetivos, estratégias e ações, formulado e executado pelo Estado, através do Ministério da Indústria, Comércio e Turismo (MICT) e EMBRATUR. Esta PNT tem como finalidade promover e incrementar o turismo como fonte de renda, de geração de emprego e de desenvolvimento socioeconômico do país.

A PNT possui 25 programas, que congregam as ações direcionadas ao turismo no Brasil. Dentre tais programas destaca-se o Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), que foi criado pela Portaria nº 130 de 30 de março de 1994, por determinação do MICT, para ser implantado e implementado pela EMBRATUR, a partir de metodologia desenvolvida e adotada pela Organização Mundial do Turismo (OMT).

O PNMT foi e tem sido o principal programa de ação mediante o qual o Município de Bezerros tem se inserido como lugar turístico no Brasil, fazendo uso de elementos inovadores e criativos, inerentes às especificidades locais.

## **4.2 PNMT em Bezerros**

O PNMT constituiu um programa de fomento ao turismo nos diversos Municípios que apresentavam potencial turístico no Brasil, deixando espaço para o desenvolvimento de experiências inovadoras e criativas que viessem a se concretizar em qualquer lugar, que o utilizasse de modo conseqüente.

Segundo a EMBRATUR (1999):

O Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT) é um programa desenvolvido e coordenado pela EMBRATUR, mediante a adoção de Metodologia da Organização Mundial do Turismo (OMT), adaptada à realidade brasileira, com o propósito de implementar um novo modelo de gestão da atividade turística, simplificado e uniformizado, para os Estados e Municípios, de maneira integrada, buscando maior eficiência e eficácia na administração da atividade turística, de forma participativa. Como instrumento de mobilização, sensibilidade e capacitação, o PNMT apóia as funções gerenciais de planejamento, tomada de decisão e controle operacional, abrangendo os órgãos da Administração Pública, sejam eles da administração direta ou indireta, como autarquias, fundações e empresas públicas e privadas.

Foram objetivos do PNMT:

1. Fomentar o desenvolvimento turístico sustentável dos municípios, com base na sustentabilidade econômica, social, ambiental, cultural e política;
2. Conscientizar e sensibilizar a sociedade para a importância do turismo como instrumento de crescimento econômico, geração de empregos, melhoria da qualidade de vida da população e presença de seu patrimônio natural e cultural;
3. Descentralizar as ações e planejamento, coordenação, execução, acompanhamento e avaliação, motivando os segmentos organizados do município a participar da formulação e da co-gestão do plano de Desenvolvimento Sustentável do Turismo Municipal;
4. Disponibilizar aos municípios brasileiros, com potencial turístico, condições técnicas, organizacionais e gerenciais para o desenvolvimento da atividade turística;

5. Estimular o fortalecimento das relações dos diferentes níveis do poder público com a iniciativa privada, visando ao estabelecimento de parcerias para discutir os problemas e buscar soluções junto à comunidade, em benefício da atividade turística;

6. Elevar os níveis de qualidade, eficiência e eficácia da prestação dos serviços voltados para as atividades turísticas. (EMBRATUR, 1999).

Para o PNMT, são cinco os princípios que devem nortear as estratégias de planejamento e gestão da atividade turística nos Municípios:

- Descentralização - consiste em transferir para os governos locais parte das decisões políticas que tradicionalmente são tomadas pelo Governo Federal;
- Sustentabilidade em suas ações - o PNMT procura difundir a idéia de que o turismo deve promover o desenvolvimento sustentável das regiões onde foi implantado, atendendo equilibradamente às demandas econômicas, sociais, ambientais, culturais e políticas;
- Parcerias – o PNMT procura estimular o estabelecimento de parcerias entre os setores organizadores da comunidade local e instituições, que possam contribuir para o desenvolvimento do turismo;
- Mobilização – para o PNMT, o envolvimento das comunidades locais no desenvolvimento do turismo é fundamental, pois, além de conferir legitimidade ao processo, é uma maneira de garantir que a comunidade de fato participe de seus resultados;
- Capacitação – é fundamental preparar os agentes locais para o exercício de suas atribuições. São eles que dão vida à filosofia do PNMT; deles depende o sucesso do programa.

Para que o PNMT pudesse ser implantado, foi necessário inventariar o potencial turístico brasileiro já instalado. Para tanto, a EMBRATUR realizou a identificação de municípios prioritários para o desenvolvimento do turismo em todo o país, por meio de um questionário denominado Roteiro de Informações Turísticas (RINTUR), processo esse que adquiriu periodicidade, subsidiando o planejamento continuado.

A concretização do inventário do potencial turístico de Pernambuco só foi possível em 1995, graças à parceria firmada entre a Empresa Pernambucana de Turismo (EMPETUR) e o Serviço Brasileiro de Apoio a Pequenas e Médias Empresas (SEBRAE), com o apoio também da extinta Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e das prefeituras dos 82 Municípios inventariados. Dentre estes Municípios se achava o de Bezerros, objeto dessa pesquisa (EMPETUR, 1998).

A dinâmica de capacitação adotada pelo PNMT geralmente se desenvolveu em oficinas, a partir de três fases:

- 1ª fase – conscientização – capacitação dos agentes multiplicadores nacionais, estaduais e dos monitores municipais, para a mobilização, sensibilização e conscientização da comunidade.

O Município de Bezerros implantou o PNMT em junho de 1997. Por iniciativa da Prefeitura Municipal de Bezerros e da EMBRATUR, a primeira oficina para treinamento dos monitores foi realizada no Centro Municipal de Atenção à Criança e ao Adolescente (CEMAIC), no período de 05 a 07 de junho de 1997, contando com 59 participantes, representantes dos setores, público e privado, envolvidos em atividades turísticas do município. Os trabalhos, desenvolvidos sob a orientação do moderador Mardônio Botelho Filho, foram fundamentados na metodologia de exposição visualizada e dialogada e no enfoque participativo, norteado por perguntas feitas pelo moderador. No final da primeira oficina, as linhas de ação programadas foram estabelecidas (PNMT, 1997).

- 2ª fase – capacitação – qualificação dos agentes multiplicadores nacionais, estaduais e dos monitores municipais, para a orientação dos diversos segmentos da comunidade, com vistas à constituição do Conselho Municipal do Turismo e do Fundo Municipal do Turismo.

O Município de Bezerros realizou a segunda oficina entre 21 e 23 de setembro de 1997, com a participação de 60 representantes pertencentes a diversos segmentos

públicos e privados, envolvidos nas atividades turísticas do município. Além do moderador Mardônio Botelho Filho, a quem coube nortear os trabalhos por meio de perguntas, duas representantes da EMBRATUR atuaram no desenvolvimento das quatro sessões temáticas: 1) avaliação – o que foi realizado após a primeira oficina e analisadas as dificuldades para realizar as ações programadas; 2) A percepção do que vem a ser um Plano de Desenvolvimento Turístico e dos passos para montar o Plano de Desenvolvimento Turístico de Bezerros; 3) Definição das pessoas para formação do Conselho Municipal de Turismo e busca de sua legalização; 4) Discussão sobre o que é o Fundo de Desenvolvimento Municipal de Turismo, bem como da sua finalidade, dos passos necessários para a sua constituição e das alternativas de fontes de recursos para a sua constituição.

Com as respostas construídas nesta sessão, os segmentos representados estabeleceram as linhas de ação para a segunda fase (PNMT, 1997).

- 3ª fase – planejamento – capacitação dos agentes multiplicadores nacionais, estaduais e dos monitores municipais, como facilitadores na metodologia simplificada de elaboração da estratégia municipal de desenvolvimento sustentável do turismo.

A oficina relativa a esta fase foi realizada no Hotel Brisa da Serra, no período de 03 a 07 de dezembro de 2001 e contou com 21 participantes; no entanto, de forma integral, somente 18 participaram, sendo dois multiplicadores estaduais, 15 monitores municipais e o moderador. O roteiro metodológico da oficina, adotado pelo PNMT, foi baseado no método ZOPP (*Ziel Orientiert Projekt Planung*) – planejamento de projetos orientado por objetivos, que é desenvolvido de forma gradual, em etapas lógicas, sucessivas e interligadas, com ênfase nos instrumentos do

enfoque participativo, visualização e moderação. Os objetivos dessa oficina foram: ampliar os conhecimentos sobre técnicas e métodos de planejamento, no enfoque participativo; iniciar o processo de capacitação dos monitores municipais, em planejamento turístico, no enfoque participativo; motivar os participantes a trabalharem como facilitadores de oficinas de planejamento turístico, no âmbito do PNMT.

Na avaliação final, realizada individualmente pelos participantes, concluíram que os objetivos da oficina, as expectativas dos participantes e a metodologia de trabalho foram atendidos (EMBRATUR, 2002).

Após a implementação das três fases do PNMT no Município de Bezerros, houve uma compreensão do turismo como atividade econômica, levando ao planejamento de potencialidades locais, o que pode ser constatado pelo crescimento do fluxo turístico carnavalesco em torno de 80%, além de um aumento de cerca de 50% na visitação, fora do período de festas (EMBRATUR, 2002, p. 117).

Foi criada a Associação dos Artesãos de Bezerros e deu-se estímulo às atividades de dança, que levaram a cidade a se aperfeiçoar neste aspecto e a obter reconhecimento em âmbito nacional, pela beleza e originalidade das máscaras de papangu. Destaca-se a formação de grupo de dança – Balé Popular Papanguar – a criação da oficina de música Papan-música, além de uma significativa melhora da intra-estrutura para as atividades ligadas ao turismo no povoado de Serra Negra.

### **4.3 Potencialidades e atrativos turísticos do Brejo de Serra Negra**

Segundo a EMPETUR, o Município de Bezerros encontra-se incluso na “Rota do Forró” - projeto que objetiva dotar os municípios, localizados no percurso Recife/Caruaru, de atividades culturais e de animação, durante todo o ano, o que representa uma potencialidade turística para o Município.

Como já foi abordado no capítulo 2, o Município de Bezerros possui potenciais em dois segmentos: no turismo cultural, já descrito, e no turismo ecológico em Serra Negra, que é o espaço central desta pesquisa.

Em Serra Negra, os atrativos são uma reserva ecológica com açudes, fontes minerais, grutas, mirantes (Foto 5), formações rochosas, trechos de Mata Atlântica e diversas opções de trilhas ecológicas, como a Trilha da Gruta do Vino, Trilha da Pedra do Padre Cícero, Trilha da Pedra Pintada, Trilha do Mirante da Gruta do Deda (Foto 6), Trilha do Mirante São Francisco e Trilha do Parque Ecológico.



**Foto 5 – Mirante Padre Cícero**  
FONTE: EMPETUR (1998)



**Foto 6 – Furna conhecida popularmente como Gruta do Deda**  
FONTE: Foto da autora

A partir do planejamento realizado nas oficinas do PNMT e das potencialidades de Serra Negra, os Governos Estadual e Municipal passaram a investir na divulgação, na infra-estrutura cultural e no acesso à região. Divulgaram-na em jornais, folhetos, fitas de vídeo para agências de turismo e *sites* na *Internet*. Construíram um pólo cultural em Serra Negra, estrutura física composta por: um anfiteatro, um centro de convivência para os idosos (CCI) e o Parque Ecológico. Delimitaram uma área para reserva ecológica e calçaram em paralelepípedo as áreas mais íngremes do acesso a Serra Negra.

O centro de convivência para os idosos é uma casa ampla, composta por uma área, onde são expostos os artesanatos confeccionados pelos artistas locais; um auditório, utilizado para a realização de palestras, cursos, seminários, encontros; área onde os idosos se encontram para recreação; banheiros e uma área de lazer, à frente da edificação, na qual se realizam pequenos eventos, principalmente com os jovens (Fotos 7 e 8). Ao lado do CCI, há um quiosque, que serve como restaurante (Foto 7).



**Foto 7 – Pólo cultural de Serra Negra**

Observa-se quiosque, à esquerda da foto, e Centro de Convivência de Idosos, à direita.  
FONTE: Foto da autora



**Foto 8 = Apresentação folclórica feita por jovens, na frente do CCI**

FONTE: Foto da autora

O anfiteatro, inicialmente, tinha cinco camarins, dezoito banheiros e capacidade para 3.000 pessoas, lotação que posteriormente foi ampliada (Fotos 9 e 10).



**Foto 9 – Anfiteatro**

FONTE: Foto da autora



**Foto 10 – Localização do anfiteatro em relação ao quiosque e ao CCI**

FONTE: Foto da autora

O Parque Ecológico, situado a três quilômetros do pólo cultural, possui uma área de seis hectares, é uma reserva de floresta tropical, com vestígio de Mata Atlântica, onde se encontram atrativos como: a gruta do Amor, o Pau Santo Casamenteiro, o Mirante da Escada e a Pedra Cortada (Foto 11).



**Foto 11 – Entrada do Parque Ecológico**

FONTE: Adaptado de Pernambuco (2003, p. 55)

A área delimitada para reserva de floresta tropical e de vestígios da Mata Atlântica, denominada Fazenda Vertente, ocupa seis hectares. Embora tenha sido planejada com essa finalidade, tem sido devastada para criação de gado bovino.

Tudo isso permitiu investimentos na área privada, constituídos por quiosques, que dinamizaram o comércio local, e uma pousada rural, denominada Pousada Canto da Serra, dotada de 14 cômodos e 29 leitos, *playground*, salão de jogos, horta orgânica, casa de farinha, produção de queijo caseiro, produção de artesanato em barro, tudo em ambiente rústico e confortável.

Esses empreendimentos em Bezerros não se desvinculam do processo de espetacularização do espaço, no sentido de atrair fluxos de investimentos e pessoas (turistas) ao local “turistificado” (HARVEY, 1998, p. 92).

No entanto, em Bezerros esta espetacularização tem significado positivo para a população local, na medida em que se torna uma alternativa de ocupação, vindo a beneficiar a população.

#### **4.4 Aspectos socioeconômicos do Brejo de Serra Negra**

Segundo dados extra-oficiais da Prefeitura Municipal de Bezerros, em 2000 a população de Serra Negra era de 1.854 habitantes, cuja principal atividade econômica é a agricultura de subsistência na zona rural.

Como não existem dados estatísticos do IBGE relativos ao povoado de Serra Negra, a exposição dos aspectos socioeconômicos baseou-se no trabalho de Coelho (2004), cujo levantamento foi feito a partir de pesquisa local em todas as casas do núcleo urbano do Brejo, onde foram levantados vários aspectos, por meio de questionários próprios, criados para a vila, em forma de BIC (Boletim de Informação Cadastral).

Este levantamento foi realizado no período de janeiro a junho de 2002, por estagiários das mais diversas áreas de conhecimento, participantes de um projeto na área de desenvolvimento humano e social, apoiado pelo Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social (NUSP), em parceria com o Projeto Universidade Solidária. Salienta-se que os dados, a seguir, referem-se ao núcleo urbano do povoado de Serra Negra, que reflete a realidade local.

A população divide-se quase que igualmente por sexo: 50,8% do sexo feminino e 49,2% do sexo masculino. A distribuição etária está composta por: 6,12% de 0 a 5 anos; 26,2% de 6 a 18 anos; 35,38% de 19 a 45 anos; 27,94% de 46 a 70 anos e 4,36% com mais de 71 anos.

Os níveis educacionais observados no povoado apontam que 60,1% dos moradores sabem ler e escrever; 50% freqüentam a escola, destes, 84,6% estão cursando o primeiro grau. Dos 50% que não estão na escola, 89,5% já freqüentaram a escola e destes, 18,7% cursaram a terceira série do primeiro grau, 17,4% fizeram a segunda série do primeiro grau e 13,5% fizeram a primeira série do primeiro grau.

Em Serra Negra, dentre os adultos trabalhadores, 61% dos casos iniciaram a labuta quando tinham de 6 a 12 anos, o que aponta para um número considerável de trabalho infantil. Segundo Marcus (1998, p. 21), geralmente as crianças são levadas a trabalhar em razão da pobreza e da sua relação com a desigualdade

estrutural, pois ... ainda que a contribuição de uma criança no rendimento ou na produção familiar pareça insignificante, poderá ser vital como proteção contra a vulnerabilidade, por exemplo, para manter um rendimento contínuo em tempos difíceis.

Esse argumento, de certa forma, pode ser aplicado à realidade do Povoado, quando se verifica a situação da renda mensal. A renda mensal, por pessoa que possui um posto de trabalho, em 62,5% dos casos, é de até um salário mínimo e 25,7% percebem um salário mínimo, o que demonstra o baixo rendimento disponível para prover as necessidades básicas de uma família.

As ocupações em maior atividade são: agricultura (59,5%), doméstica (19%) e auxiliar de serviços gerais (7,6%). Dos que estão em pleno exercício profissional, 30,5% têm de um a 10 anos de profissão, 27,9%, 11 a 20 anos de profissão e 13,5%, 21 a 30 anos de profissão.

Quanto às condições de trabalho, 30,2% das pessoas que trabalham não têm carteira assinada; 23,6% são crianças, estudantes e 11,6% são aposentados e pensionistas. Quando indagados sobre a profissão que gostariam de exercer, 49% responderam que gostariam de ser: babá, comerciante, culinária, empregada doméstica, eletricista, mecânico, padeiro, professor, turismo e vendedor. Todavia 20% continuariam na agricultura e 9% gostariam de ser auxiliar de serviços gerais.

Conforme Rodrigues (2002a, p. 63):

Considerando-se o imenso rol de excluídos, aqueles que o mercado de trabalho não absorve pela baixa ou nenhuma escolaridade – profissionalização –, percebe-se que eles podem inserir-se em projetos de geração de renda, não necessariamente vinculados ao mercado formal de trabalho. Estes projetos podem se concretizar para a faixa de crianças e adolescentes em idade escolar, através de programas de educação pelo turismo dentro da própria escola e voltados para a comunidade.

A autora continua afirmando que outra alternativa é a inserção no mercado informal, que se configura como uma das únicas opções para a

sobrevivência com certa dignidade. Este mercado informal é alimentado pelo turismo.

A realidade do povoado de Serra Negra aponta para a existência de uma beleza exótica na área, mas com uma população carente que vê, no turismo, uma possibilidade concreta de inclusão social. Todavia de uma inclusão que ainda não é completa, visto que as condições sociais não lhes garantem a cidadania plena, o que, para Yázigi (1999, p. 59), é uma condição social para o turismo.

Nestes aspectos e considerando as condições de vida do povoado, o ecoturismo se apresenta como um passo significativo na busca do desenvolvimento socioespacial, entendendo-se que este desenvolvimento poderá não atingir a população local em sua totalidade, mas beneficiará direta ou indiretamente alguns cidadãos do local.

**CAPÍTULO 5 – CONTEXTO ATUAL DO TURISMO  
EM SERRA NEGRA – DISCUSSÃO  
E CONCLUSÕES**



## **CAPÍTULO 5 – CONTEXTO ATUAL DO TURISMO EM SERRA NEGRA – DISCUSSÃO E CONCLUSÕES**

### ***5.1 Contexto atual do papel do turismo em Serra Negra***

#### **Método de coleta de dados da pesquisa de campo**

Para investigar o contexto do turismo no Município de Bezerros e em especial em Serra Negra, foram entrevistados 146 bezerrenses, cujas atividades econômicas podiam estar voltadas para atender ao turismo e, mais especificamente, ao ecoturismo.

Com uma amostragem proporcional à distribuição dos setores econômicos do Município, 146 bezerrenses, habitando zona urbana e rural, desenvolvendo atividades de comércio, serviços, indústria, agropecuária e turismo, que voluntariamente aceitaram participar da pesquisa de campo, foram submetidos, por pessoal treinado pela pesquisadora, a entrevista estruturada, com perguntas abertas e fechadas, em seu local de origem.

O protocolo de entrevista esteve dividido em duas partes. A primeira parte foi destinada à identificação do entrevistado, ao seu tempo de habitação na área e avaliação pessoal do entrevistado quanto aos dados populacionais de seu local de habitação. Na segunda parte, para cada setor de atividade, investigaram-se os dados referentes à produção de bens e serviços e à influência do turismo nessa atividade.

## O contexto turístico atual segundo a pesquisa de campo

Foram pesquisados 146 bezerrenses, com tempo médio de moradia igual a  $30,45 \pm 15,08$  anos, variando entre um ano e 72 anos, dos quais 118 (80,8%) eram naturais do Município e 28 (19,2%), de outras localidades. Os locais de habitação estão expressos na Tabela 15.

O maior quantitativo de bezerrenses entrevistados no Centro do Município reflete a própria distribuição das atividades econômicas, pois nesse local concentram-se indústrias, atividades de venda de bens e serviços e turismo, enquanto que na Serra Negra, estão as atividades de comércio, agropecuária e turismo, em menor quantidade em relação ao Centro, mas mais numerosas quando comparadas às localidades rurais, como Sapucarana, Sítio dos Remédios e Sítio Pitombeira. A localidade de Encruzilhada de São João tem como característica a atividade de turismo, representada por restaurantes situados à margem da rodovia BR-232, e o comércio, voltado a essa clientela em trânsito (Tabela 15).

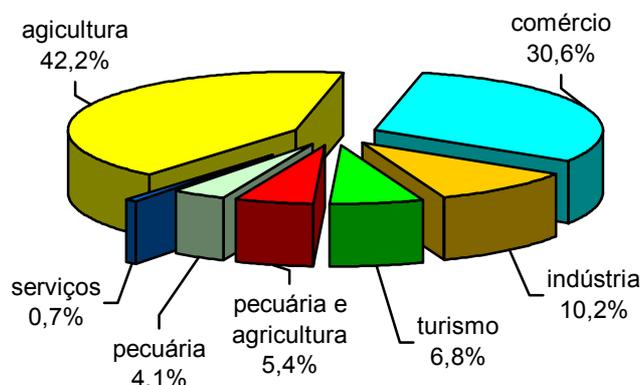
**Tabela 15 – Distribuição do local de habitação dos 146 cidadãos pesquisados – Bezerros – setembro 2004**

<i>LOCAL DE HABITAÇÃO</i>	<i>Freqüência</i>	<i>Percentual</i>
Centro	54	37,0
Serra Negra	39	26,7
Sítio dos Remédios	18	12,3
Sapucarana	17	11,7
Sítio Pitombeira	11	7,5
Encruzilhada de São João	6	4,1
Não informa	1	0,7
Total	146	100,0

FONTE: Dados da autora

A presente pesquisa permitiu identificar que dentre os bezerrenses envolvidos nos diversos setores da economia do Município, independentemente do local de residência, predominam os nativos, com tempo de moradia longo, portanto capazes de melhor aquilatar as eventuais mudanças populacionais. Por outro lado, como foram contempladas, nesta pesquisa, área urbana e rural, é de supor que as informações espelhem com fidedignidade a realidade local, em relação às influências do turismo.

Buscou-se também amostrar as principais atividades econômicas desenvolvidas no Município, tal como se observa no Gráfico 1. Esses resultados confirmaram sua tendência histórica econômica, com predominância da agropecuária, principalmente de subsistência, e as atividades de comércio.



**Gráfico 1 – Distribuição das atividades econômicas desenvolvidas pelos entrevistados – Bezerros – setembro 2004**

Questionados quanto à alteração da população da localidade em que residiam, 105 (71,9%) entrevistados julgaram ter havido aumento, 29 (19,9%) declararam que ela não se modificou com o tempo e 11 (7,5%) afirmaram ter havido redução, dos quais 9 (81,8%) residiam na área rural e 2 (18,2%) na urbana.

Os 105 entrevistados, que afirmaram ter havido aumento da população de Bezerros, detalharam ter sido mais freqüente em: fevereiro, período carnavalesco; dezembro, época das festividades de final de ano; em junho, festas juninas e festa do Padroeiro de Bezerros (Tabela 16).

**Tabela 16 – Distribuição dos períodos de aumento da população do Município de Bezerros segundo informação de 105 entrevistados – Bezerros – setembro 2004**

<i>PERÍODOS DE AUMENTO DA POPULAÇÃO DE BEZERROS</i>	<i>Freqüência</i>	<i>Percentual</i>
Período carnavalesco	93	68,0
Festas de final de ano	47	33,3
Festas Juninas	34	24,1
Festa do Padroeiro	17	12,1
Janeiro	8	5,7
Abril	3	2,1
Setembro	1	0,7

NOTA: Percentuais calculados com base no total de 105 entrevistados, já que cada um pode informar mais de um mês.

FONTE: Dados da autora

O Município de Bezerros, apesar de sua localização privilegiada, desde a época da sua ocupação, conforme visto no primeiro capítulo, não havia se destacado economicamente de modo tão intenso como nos últimos anos.

Com efeito, desde a chegada do turismo no Município e a implantação do PNMT, em 1997, que Bezerros vem melhorando economicamente e tornando-se conhecido nacionalmente, tendo sido apontado como modelo de desenvolvimento turístico (EMBRATUR, 2002, p. 117).

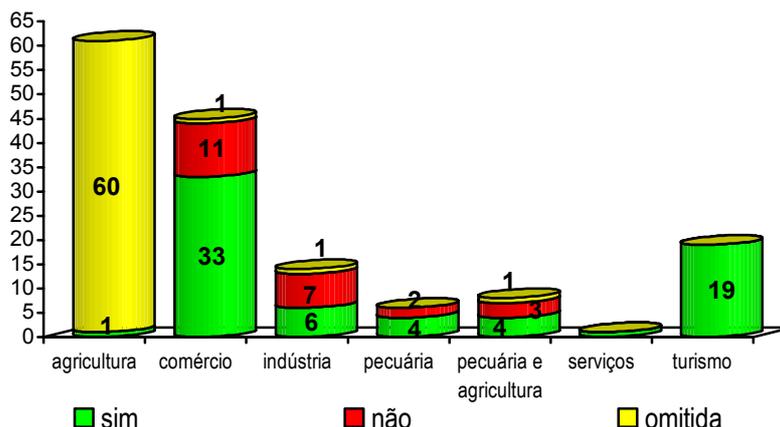
A constatação de que a maioria dos entrevistados percebeu um aumento da população no Município, independente de seu local de residência, poderia levar à suposição de tratar-se apenas do crescimento vegetativo populacional, porém dois fatores embasam a negação dessa hipótese. Em primeiro lugar um crescimento vegetativo populacional não é tão intenso a ponto de se fazer notar no intervalo de um ano, tempo tomado como referência no questionário utilizado para levantamento de dados do presente trabalho.

Em segundo lugar, esse crescimento foi localizado em determinados meses ou eventos realizados no município, o que caracteriza uma variação flutuante, sazonal, de caráter turístico.

Os entrevistados do setor de turismo, no qual estiveram incluídos nove estabelecimentos, sendo quatro hotéis, duas pousadas e três motéis, identificaram os períodos de maior aumento da população de Bezerros como de maior demanda por serviços turísticos, nos quais houve também insuficiência de acomodações.

Quanto à influência do turismo nos setores de atividade do Município de Bezerros, dentre os 146 entrevistados, 59 (40,4%) julgaram existir; 23 (15,8%) declararam estar ausente e 63 (43,2%) omitiram essa informação.

Detalhando a percepção dessa influência segundo o setor de atividade a que pertencia cada um dos entrevistados, observou-se que a afirmação de influência predominou nos setores de turismo (100%) e comércio (73,3%), enquanto que a omissão de resposta ocorreu quase que exclusivamente entre os agricultores (60 respostas  $\Rightarrow$  95,2%) (Gráfico 2).



**Gráfico 2 – Distribuição dos 146 entrevistados segundo percepção da influência do turismo nos setores de atividade da cidade – Bezerros – setembro 2004**

Internamente, pode-se verificar o aumento da rede hoteleira, que, em 1998 contava com uma pousada e, em 2004, oferece aos visitantes duas pousadas, quatro hotéis e três motéis, cujos proprietários unanimemente julgaram que o turismo influenciou no aumento da demanda por acomodações, a ponto de, nos períodos de carnaval, festas juninas, e festas de final de ano, não conseguir atender à demanda.

Nos setores do comércio e serviços, também houve aumento considerável. Conforme demonstrado na Tabela nº 4 do capítulo 1, no período de 1997 a 2002, o número de empregados aumentou em 155,2% e 282,2%, respectivamente nos setores de comércio e serviços.

Serra Negra tem sido importante para que o turismo continue se expandindo em Bezerros. Os maiores fluxos de turistas são nos períodos de carnaval, São João e festas de final de ano. Todavia o aumento do número de hotéis, por exemplo, não permaneceria para atender apenas aos fluxos de pessoas para estas festividades. O afluxo de turistas dá-se em número reduzido, porém constante durante todos os meses do ano, devido, principalmente, à visita às belezas naturais de Serra Negra. Essa afirmação foi corroborada pelos resultados do presente trabalho, já que para os proprietários de estabelecimentos da rede de hotéis não houve mês em que turistas não tivessem se hospedado, ou seja, fizeram-no ao longo de todo o ano.

Não existe um controle oficial do número de turistas que circulam em Bezerros durante o ano. No pólo cultural, existe um livro que o turista assina, de maneira espontânea. Mesmo sem ser uma informação precisa, verificou-se no último ano, no período de setembro de 2003 a setembro de 2004, a passagem de 4.047 visitantes em Serra Negra (os que assinaram), significando uma média de 337 visitantes por mês. Verificou-se um pico no mês de junho, com 783 visitantes, tendo o mês de dezembro apresentado apenas 113 visitantes.

Quanto à procedência dos visitantes do pólo cultural, no registro identificou-se ter sido de Recife, na maioria dos casos, seguindo-se de Gravatá e de Caruaru. Outros estados do Brasil foram citados, porém em proporção reduzida.

Esta informação foi confirmada pelos registros dos hóspedes da Pousada Canto da Serra, cuja procedência mais freqüente é de Recife, principalmente nos finais de semana, quando a pousada fica lotada. Todavia, diferente dos registros do pólo cultural, na Pousada, os turistas estrangeiros não só se hospedam, mas habitualmente permanecem por mais tempo.

Vale ressaltar que o custo da hospedagem na Pousada Canto da Serra é relativamente alto. Como Serra Negra não possui outras opções de hospedagem com um custo menor, os turistas visitam-na durante o dia e buscam outras opções, na sede do Município, beneficiando-o de maneira direta.

Através da pesquisa realizada na área, observa-se que, dos agricultores que responderam ao questionário, 100% acham que o turismo existente em Serra Negra não interfere em suas atividades. Quanto aos comerciantes locais, todos responderam que o turismo melhorou suas vendas, seja no ramo de bares e restaurantes seja em artesanato, venda de mel, etc..

Constatar que foram os agricultores da Serra Negra que mais freqüentemente omitiram a informação referente à influência do turismo nos setores de atividade da cidade parece confirmar que o turismo realmente não interferiu no seu cotidiano, fato que não se verificou entre os entrevistados dos setores de turismo, comércio e indústria. Talvez pelo baixo nível cultural desses agricultores, os mesmos não percebiam que o turismo influencia indiretamente sua atividade, pois a rotina de comercialização de seus produtos na feira livre

não mudou. Todavia, devido ao maior número de restaurantes, hotéis, e hóspedes, maior foi a demanda de produtos agrícolas, embora não tenha sido percebida pelos agricultores.

Segundo Ignarra (2002, p. 122):

Existe um comportamento psicossocial em que as comunidades mais tradicionais, ao terem contatos com povos de países mais desenvolvidos, procuram imitá-los. (...) Assim, a visitação massiva de turistas pode levar a uma alteração dos valores culturais tradicionais.

Tais alterações são mais comuns quando a comunidade receptora e os turistas pertencem a países em condições econômicas opostas, ou seja, central e periférica. Em Bezerros, o número de turistas internacionais é limitado e a maioria dos visitantes é oriunda de cidades próximas, que vivem uma mesma realidade socioeconômica, o que pode explicar a não verificação dos impactos sócio-culturais, considerados como um ponto negativo do turismo.

O fato dos agricultores permanecerem fiéis aos seus hábitos, a ponto de interferirem nos horários dos eventos culturais em Serra Negra, como já referido anteriormente, mantendo a agricultura tradicional, a forma de tratar a terra, o modo de vida rural, promoveu a conservação da paisagem e dos costumes locais, que se constituem em recursos importantes para que o ecoturismo continue a ser explorado na área.

Na pesquisa de campo, dentre os 59 cidadãos que informaram ter o turismo influenciado os setores de atividade da cidade, 51 (86,4%) identificaram aumento de vendas, desenvolvimento econômico da cidade como um todo, desenvolvimento cultural, da indústria e agropecuário, ou aumento de renda, como consequência do turismo (Tabela 17).

**Tabela 17 – Caracterização da influência exercida pelo turismo nos setores de atividades da cidade, segundo 51 entrevistados – Bezerros – setembro 2004**

<i>INFLUÊNCIA EXERCIDA PELO TURISMO NOS SETORES DE ATIVIDADES</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Aumento de vendas	25	49,0
Desenvolvimento econômico	15	29,4
Aumento de renda	9	17,6
Aumento de empregos	2	4,0
<b>TOTAL</b>	<b>51</b>	<b>100,0</b>

FONTE: Dados da autora

Mesmo considerando que o número de respostas ao item de caracterização da influência do turismo sobre os setores da economia no Município de Bezerros foi pequeno, a coerência dessa informação, independentemente da atividade exercida pelos entrevistados, faz supor que o turismo acarretou benefícios socioeconômicos, representados pelo aumento de vendas, de renda, de empregos e pelo crescimento econômico.

A associação dos resultados à história econômica do Município remete à reflexão da proposta chave do presente trabalho. Constatou-se um aumento significativo do número de empregados no comércio e no setor de serviços, no período de 1997 a 2002; a população local pesquisada identifica um aumento sazonal de pessoas na cidade coincidindo com as festividades e com os eventos promovidos localmente; a única atividade incrementada nesse período foi o turismo e, especificamente, aquele de Serra Negra, que os entrevistados perceberam como fator de desenvolvimento econômico. A esses fatos, deve-se ainda acrescentar o de que a região tem dois atrativos: o cultural e o ecoturismo.

Esse encadeamento de idéias e constatações não permite descartar a hipótese de que o turismo local, em especial o ecoturismo, já que foi o principal impulsor, tenha exercido um papel importante no desenvolvimento do Município, sem, contudo, exercer um impacto negativo relevante sobre o modo de vida dessa sociedade.

Há que se reconhecer, todavia, que o processo tem se tornado lento pela falta de harmonização das políticas públicas municipais referentes ao turismo, que tem sido tratado mais como objeto de barganha política do que como fator de desenvolvimento.

Desse modo, não se tem um real desenvolvimento socioespacial, apesar de já ter havido algumas orientações nesse sentido, como bem descreveu a instrutora de turismo rural do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), que participou desde o início da inserção do turismo em Bezerros:

Houve uma valorização da potencialidade local, da cultura, o resgate realmente das coisas que estavam adormecidas; um incentivo nas escolas, inclusive com inserção da disciplina de turismo até as oitavas séries; as capacitações de diversas áreas do

turismo, como qualidade no atendimento e outras coisas ligadas ao turismo, para que as pessoas pudessem trabalhar nos espaços, em que os empresários estavam investindo, até criação de grupos como Papanguar, incentivo à banda de pifanos já existente, as bandinhas de forró, criação do Pangu Perna de Pau e outros grupos folclóricos, que houve realmente uma valorização cultural e houve uma capacitação para que eles pudessem desenvolver seu trabalho.

Quando indagada sobre o benefício que o turismo trouxe para a população de Serra Negra, prosseguiu afirmando:

A população se beneficiou no sentido de ficar mais bem qualificada para receber o turista. Com a venda de artesanatos, como tinha uma procura muito grande, eles começaram a vender seus produtos, não só artesanato, como produtos agrícolas mesmo e mel de abelha, agroindústrias como doces, que as donas de casa faziam, a própria tapioca e outras coisas que, quando tem uma procura, sempre ganham um dinheirinho a mais. Hoje, com o fechamento do pólo cultural, esse número diminuiu bastante e as pessoas estão vendendo suas terras para pessoas que não estão com a educação ambiental esclarecida e isso pode vir a prejudicar muito à população.

A gente já sente que está havendo desmatamento, por conta dessas construções inadequadas, que descaracterizam o meio ambiente e que podem prejudicar.

Alguns desses benefícios já tinham sido constatados pela autora em 2001, quando de sua pesquisa monográfica do curso de especialização, ocasião em que registrou algumas dessas atividades, como a população trabalhando no Centro de Convivência dos Idosos e a venda de artesanatos (Foto 12), bem como a apresentação de grupos folclóricos (Foto 8). Esses fatos despertaram seu interesse pelo tema dessa dissertação.

Todavia o que a presente pesquisa traz de novo é o questionamento do papel do turismo no processo de desenvolvimento socioespacial efetivo em Bezerros.



**Foto 12 – Exposição no CCI de artesanato, produzido pelos moradores da Serra Negra, a ser vendido**

FONTE: Foto da autora

## **5.2 Conclusões e considerações finais**

O questionamento, que norteou toda a presente pesquisa, foi o seguinte: em que medida a inserção do ecoturismo em Serra Negra pode ser considerada uma proposta concreta de desenvolvimento socioespacial?

Considerando que o desenvolvimento socioespacial deve estar relacionado a uma melhor condição de vida da população, e que, necessariamente, não precisa englobar todos os moradores de Serra Negra, do ponto de vista da autora, a hipótese foi confirmada, conforme os dados obtidos por meio da pesquisa de campo e os aspectos abordados, demonstrando que a população local já começa a se beneficiar de maneira concreta com o ecoturismo.

No período de 1997 a 2001, o trabalho desenvolvido na Serra Negra atendia às exigências do turismo sustentável, ou seja, foi precedido de uma conscientização do que é e qual a importância do turismo para o Município de Bezerros, por meio do envolvimento da população local.

Realizaram-se cursos para a capacitação de guias turísticos. Criaram-se o Pólo Cultural e o Espaço Papangu. Foi construído pelo governo estadual o Centro de Artesanato do Agreste, para funcionar como centro de referência da arte popular pernambucana. O Pólo Cultural passou a ficar a serviço da população local para atender aos turistas. À infra-estrutura física, acresceu-se o elemento humano, na pessoa de funcionários, a quem coube informar o turista dos atrativos locais; dos artesãos que ali expunham seu trabalho e o comercializavam; dos idosos, que participavam de jogos e recreações, e dos jovens, a quem cabia apresentar o folclore local. A cultura era valorizada, o que permitiu à população descobrir sua identidade, recebendo, inclusive, o nome de Terra do Papangu e o Prêmio Selo de Ouro, concedido pelo PNMT.

Além dos espaços físicos, a Prefeitura promovia eventos culturais e de lazer, nos quais a população era envolvida e deles atuava como partícipe desde o planejamento, pois era chamada para expor seus produtos à venda, até a execução, pois desfrutava do lazer, recebendo de alguma maneira algum benefício. Esse processo despertou na população real interesse de que a atividade turística se desenvolvesse.

As atividades turísticas refletiram-se na expansão da rede hoteleira, que experimentou crescimento significativo, representado pelo aumento do número de hotéis e de pousadas, assim como pela ampliação de acomodações dos hotéis existentes inicialmente.

A partir de 2002, porém, houve mudanças radicais na dinâmica política do Município de Bezerros. A sucessão do gestor municipal trouxe como consequência a desvirtuação do turismo, pois este passou a ser tratado como assunto de contenda pelo poder.

Era necessário por isso descaracterizar todos os projetos turísticos e atividades a ele relacionadas, promovidas pelo antecessor, o que mostra que a concretização das propostas de gestão municipal não teve sustentabilidade.

A atual gestão do Município promoveu um concurso público, por exigência do Tribunal de Contas do Estado, e todos os contratados foram submetidos a ele, alertados de que se fossem aprovados, continuariam no exercício de sua função; caso contrário seriam afastados. O concurso aconteceu em junho de 2004 e até o mês de novembro do mesmo ano os classificados não haviam sido empossados.

Como os funcionários do Pólo Cultural e do Espaço Papangu não obtiveram classificação no concurso, foram afastados, ficando uma única funcionária responsável apenas pela higienização do local. O Espaço Papangu foi fechado, apesar de ser referência municipal.

É importante ressaltar que esse comportamento administrativo correto foi adotado com parcialidade, em prejuízo do turismo. Enquanto os funcionários de turismo foram afastados e essas atividades prejudicadas ou quase impossibilitadas de ocorrer de forma adequada e benéfica para o Município, em outras áreas da Administração Municipal, os funcionários não aprovados permaneceram exercendo suas funções. O fato caracteriza a pouca importância do turismo para as autoridades municipais atuais constituídas.

Outras medidas administrativas causaram impacto negativo para o ecoturismo. A Prefeitura passou a cobrar taxa para a colocação de qualquer ponto comercial nos eventos locais, em valores muito elevados para a renda dos bezerrenses da Serra Negra. Em resposta, a população já não demonstra interesse em participar dos eventos, uma vez que não tem poder aquisitivo para arcar com os custos de aluguel do espaço nas ruas.

Os projetos de desenvolvimento cultural, por meio da realização de eventos como recitais e apresentação de orquestras sinfônicas, não tiveram continuidade, não foram concretizados e as atividades foram descaracterizadas. O turismo deixou de receber atenção por parte dos gestores municipais. Em entrevista nos órgãos estaduais e municipais, ficou claro que o turismo não tem a mesma dinâmica que teve durante a gestão anterior devido, sobretudo, à rivalidade política.

A introdução do ecoturismo, que é um turismo alternativo baseado na preservação do ambiente e na participação da comunidade local, em Serra Negra, nesse contexto histórico, no passado representou fator de desenvolvimento socioespacial, tal como percebido pelos entrevistados na

presente pesquisa, embora atualmente tenha perdido parte dessa característica.

Em primeiro lugar porque trouxe aumento de renda, de vendas e, em menor escala, de empregos, segundo os entrevistados. Considerando que, do ponto de vista socioeconômico, é uma comunidade carente que necessita de qualquer tipo de ocupação para melhoria de renda, o ecoturismo atuou efetivamente como uma dessas alternativas.

Por outro lado, em Serra Negra o ecoturismo não chegou a predominar como atividade econômica, portanto permitiu o convívio harmonioso entre o turismo e a agricultura, que ainda é a principal atividade da região. A população não se deixou influenciar pelos hábitos culturais dos visitantes; os agricultores declararam não perceber qualquer alteração derivada do turismo na região.

Não se pode deixar de reconhecer que a concretização da proposta de desenvolvimento socioespacial se tem feito de forma lenta em Serra Negra, exigindo uma mudança quanto à sustentabilidade da estratégia de ação dos gestores estaduais e municipais.

Mesmo considerando que a lentidão, com que as ações voltadas ao desenvolvimento do ecoturismo têm sido implementadas, pode ser salutar, na medida em que permite maior reflexão dos aspectos técnicos a serem obedecidos na implantação de ecoturismo sustentável, necessita-se de mudanças políticas, com a visão empreendedora independente de quem tenha iniciado a atividade.

Deve-se criar um regulamento para que, mesmo havendo mudança de prefeitos, o trabalho seja contínuo, principalmente considerando o término do PNMT e o início da regionalização do turismo, da qual Bezerros faz parte da Rota Agreste, juntamente com Moreno, Gravatá, Caruaru, Bonito e Garanhuns. Não poderá haver essa dependência ou entrave por conta dos gestores municipais.

Deve haver a preocupação de desenvolver a atividade turística obedecendo a critérios técnico-científicos, para viabilizar a melhor maneira de utilização do espaço urbano, bem como as vias de acesso às condições que garantirão o desenvolvimento socioespacial.

Para isso, é preciso que as populações locais percebam a importância da atividade, valorizando-a e pressionando à concretização de ações que a desenvolvam de fato. É uma questão de cidadania.

### 5.3 Referências Bibliográficas

ANDRADE, G. O.; LINS, R. C. Introdução ao estudo dos “brejos” Pernambucanos. UR. ICT. **Arquivos**, n. 2, p. 23-33, 1964.

ANDRADE, J. V. **Turismo, fundamentos e dimensões**. 3ª ed. São Paulo: Ártica, 1997. 213p.

ANDRADE, M. C. **A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. 6ª ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998. 305p.

BARRETO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 11ª ed. São Paulo: Papyrus, 2001. 157p.

BARROS, N. C. C. **Manual de geografia do turismo, meio ambiente, cultura e paisagem**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998. 108p.

BECKER, B. C. **Levantamento e avaliação da política federal de turismo e seu impacto na região costeira**. Brasília: Ministério do Meio ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, 1995.

BENEVIDES I. P. **Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local**. In: RODRIGUES, A. B. **Turismo e desenvolvimento local**, 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 23-41.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 4ª ed. São Paulo: Senac, 2001.

BRASIL. Ministério da Agricultura Indústria e Comércio. Rio de Janeiro: TYP de Estatística. **Recenseamento do Brasil**. 1926.

BRASIL. Ministério da Indústria Viação e Obras Públicas. Rio de Janeiro. **Oficina Estatística**. 1991.

\_\_\_\_\_. **Recenseamento do Brasil**. Rio de Janeiro. 1982.

CASTILHO, C. J. M. O Discurso do turismo e a difusão da globalização em uma metrópole de região subdesenvolvida. **Revista de Geografia. Recife: UFPE/DCG-NAPA**, v. 16, n. 1, p. 67-112, 2000.

\_\_\_\_\_. Turismo: uma prática sócio-espacial que se redefine e uma nova perspectiva de análise do espaço geográfico. **Revista de Geografia. Recife: UFPE/DCG-NAPA**, v. 15, n. 1, p. 21-47, 1999.

COELHO, R. N. **Ordenação espacial de Serra Negra, Bezerros, PE**. 2004. 91 f. Monografia (Arquiteto Urbanista) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Trabalho final de graduação. Recife – PE.

COUTINHO, A. M. A. Considerações sobre a conceituação geográfica dos brejos do Nordeste Brasileiro. **Boletim Recifense de Geografia**, n. 6, p. 38-45, 1982.

EMBRATUR. **Diretrizes do Programa Nacional de Municipalização do Turismo**. Brasília, EMBRATUR, 1999.

\_\_\_\_\_. Ministério do Esporte e Turismo. Instituto Brasileiro de Turismo. **Oficina de 3ª fase. Passo 2. Monitores municipais. Bezerros – PE**. 2001. p. 65.

\_\_\_\_\_. Ministério do Esporte e Turismo. Instituto Brasileiro de Turismo. **Retratos de uma caminhada. Estratégia e gestão: PNMT 8 anos**. 1ª ed. Brasília: EMBRATUR, 2002. 156p.

\_\_\_\_\_. Ministério do Esporte e Turismo. Instituto Brasileiro de Turismo. **Anuário Estatístico EMBRATUR**. v. 30, p. 13, 2003.

EMBRATUR/IBAMA. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília: MICT/MMA, 1994.

EMPETUR. **Inventário do potencial turístico de Pernambuco**. 1998.

FENNELL, D. A. **Ecoturismo, uma introdução**. São Paulo: Contexto. 2002. 280p.

FIDEPE. **Anuário estatístico de Pernambuco**. Recife: FIDEPE. 1980.

FURTADO, J. S. **Produtividade na indústria brasileira: padrões setoriais e evolução – 1975/80**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1990.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 7 ed., São Paulo: Loyola, 1998. 349 p.

\_\_\_\_\_. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. **Espaço & Debates**, n. 39, p. 48-65, 1996.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**. 2000.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do turismo**. 2ª ed. São Paulo: Thomson-Pioneira. 2002. 208 p.

LIMA, A. R. F.; CAVALCANTI, A. O. Estudo sobre a posição dos brejos no sistema Pernambucano. **Rev Pernamb Desenv Recife**, v. 2, n. 1, p. 29-53, 1975.

LINS, R. C. **Áreas de execução do agreste de Pernambuco**. Recife: SUDENE/PSU/SER, 1989. 402p.

MARCUS, R.; HARPER, C. **Mãos pequenas: as crianças no mundo do trabalho**. Recife: Save the Children, 1998. n. 16. 79p.

MELO E SILVA, S. D. C. **Turismo e Desenvolvimento em Bezerros – Pernambuco: A expansão da educação turística numa perspectiva de resgate da cidadania**. 2002. Dissertação (Mestrado em Gestão Ambiental) Pós-Graduação em Gestão e Políticas Ambientais da Universidade Federal de Pernambuco. 2002. p. 108.

MELO, M. J. G. **Serra negra de Bezerros: de espaço agrícola a pólo turístico**. Monografia (Título de especialista em Geografia). Universidade de Pernambuco (UPE). Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata. Gerência de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão. Departamento de Geografia e História. I Curso de Especialização em Geografia do Mundo Tropical: Ensino Fundamental e Médio. 2001. Universidade de Pernambuco, 2001. 64p.

OXINALDE, M. R. **Ecoturismo. Nuevas formas de turismo en el espacio rural**. Bosh – Casa Editorial S/A – comité d’Urgil. Barcelona. 1994. cap. 1, p. 12-93.

PERNAMBUCO. **Municípios da Mesorregião do Agreste Pernambucano**. Disponível em: [ww.brasilchannel.com.br](http://ww.brasilchannel.com.br). Acesso em 15/07/2004.

\_\_\_\_\_. **Relatório final de apresentação da Planta Diretora do Município dos Bezerros elaborada pelo Instituto de Planejamento e Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico e Científico – IPAD, através de contrato de prestação de serviços FIDEM 002/2002, como parte da estratégia do Programa Governo nos Municípios, do Governo do Estado de Pernambuco, a partir do convênio de cooperação firmado entre a Fundação de Desenvolvimento Municipal - FIDEM e a Prefeitura Municipal dos Bezerros, com participação da sociedade civil e demais atores diretos ou indiretos do cenário municipal**. Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Social – SEPLANDES, Fundação de Desenvolvimento Municipal – FIDEM, Prefeitura do Município dos Bezerros, Instituto de Planejamento e Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico e Científico – IPAD, 2003. 91 p.

\_\_\_\_\_. **Regiões**. Disponível em: [www.pernambuco.gov.br](http://www.pernambuco.gov.br). Acesso em 113/05/2004.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Planejamento. Fundação de informações para o desenvolvimento de Pernambuco/FIDEPE. **Série Monografias Municipais. Bezerros**. 1982. 74p.

PIRES, P. S. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: Senac. 2002. 258p.

PNMT. Programa Nacional de Municipalização do Turismo. Relatório da oficina. **Treinamento de monitores municipais. Bezerros – PE. 1ª fase**. 1997. 38p.

\_\_\_\_\_. Relatório da oficina. **Treinamento de monitores municipais de Bezerros – PE. 2ª fase**. 1997. 46p.

QUINTÃO, A. S. F. Ecoturismo: uma alternativa do novo modelo de desenvolvimento. **Brasil Florestal**, v. 69, p. 33-38, 1990.

RODRIGUES, A. B. Ecoturismo. Limites de eco e da ética. In: **Ecoturismo no Brasil. Possibilidades e limites**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 29-45.

\_\_\_\_\_. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2001. 158p.

\_\_\_\_\_. Turismo local: oportunidades para inserção. In: RODRIGUES, A. B. **Turismo e desenvolvimento local**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002a. p. 55-64.

\_\_\_\_\_. **Turismo, modernidade e globalização**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002b. 218p.

SANTOS, M. **A Natureza do espaço. Técnica e tempo. razão e emoção**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 308p.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. **Técnica, espaço, tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998. 190p.

SCARLATO, F. C. População e urbanização brasileira. In: ROSS, J. L. S. **Geografia do Brasil**. 4ª ed. São Paulo: EDUSP. 2003. cap. 7, p. 381-463.

SOUZA, M. J. L. Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local? In: RODRIGUES, A. B. **Turismo, modernidade e globalização**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 18-22.

\_\_\_\_\_. **Urbanização e desenvolvimento no Brasil atual**. São Paulo: Editora Ática, 1996. cap. 1, p. 6-86.

TORRES, R. Cancun's tourism development from a Fordist spectrum of analysis. **Tourist Studies**, v. 2, n. 1, p. 87-116, 2002.

WEARING, S.; NEIL, J. **Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades**. 1ª ed. São Paulo: Manole Ltda. 2001. 235p.

WTTC. World Travel Tourism Council. **Relatório sobre viagens e turismo no Brasil**. Philadelphia: EUA, 1993.

YÁZIGI, E. **Turismo: uma esperança condicional**. 2ª ed. São Paulo : Global. 1999. 190p.

## **APÊNDICES**

**PROTOCOLO DE LEVANTAMENTO DE DADOS EM CAMPO**

**Pesquisa de campo da Dissertação de Mestrado**

**A INSERÇÃO DO TURISMO NO BREJO DE SERRA NEGRA/BEZERROS/PE: UMA PROPOSTA  
CONCRETA DE DESENVOLVIMENTO SOCIOESPACIAL?**

Maria José Gonçalves de Melo

ENTREVISTADO: \_\_\_\_\_

ATIVIDADE DESENVOLVIDA: pecuária  agricultura  indústria  serviços  comércio   
turismo

LOCALIDADE: \_\_\_\_\_

Mora no local há: \_\_\_\_\_ anos Nasceu em Bezerros? sim  não

1. Dados populacionais

1.1 Em relação ao ano passado, a população local aumentou  é a mesma  diminuiu

1.2 Há algum período do ano em que o número de pessoas na cidade aumenta? sim  não

1.3 **Se sim, pergunte:** em que meses isso ocorre? jan  fev/  mar  abr  maio  jun   
jul  ago  set  out  nov  dez   
carnaval  São João  Natal  Ano Novo  festa do padroeiro

2. Agricultura – Em relação ao ano passado

2.1 o senhor plantou: mais  a mesma quantidade  menos

2.2 o senhor plantou: as mesmas lavouras  outras lavouras

2.3 **Se mudou o que planta, pergunte:** o que o senhor passou a plantar? \_\_\_\_\_

2.4 O senhor plantou: a mesma área  uma área maior  uma área menor

2.5 O que o senhor planta? \_\_\_\_\_

2.6 Lavoura: de subsistência  comercial

2.7 **Se for comercial, pergunte:** A quem a senhor vende? \_\_\_\_\_

3. Pecuária Em relação ao ano passado

3.1 o senhor criou: mais cabeças  a mesma quantidade  menos cabeças

3.2 o senhor criou: gado bovino  gado caprino  gado ovino  gado suíno   
gado eqüino  gado assinino  muar  galinhas  peru   
pato  codorna

3.3 **Se mudou o que cria, pergunte:** o que o senhor passou a criar? \_\_\_\_\_

3.4 Quanto à área usada para pasto, o senhor utilizou: a mesma área  uma área maior   
uma área menor

3.5 Pecuária: de subsistência  comercial de corte  comercial de leite

3.6 **Se for comercial, pergunte:** A quem a senhor vende? \_\_\_\_\_

3.7 Houve melhoramento de raça nos seus animais? sim  não

3.8 O senhor importou animais? matrizes  animais jovens  machos reprodutores

3.9 Utilizou reprodução por inseminação? sim  não

3.10 O senhor acha que o turismo tem influenciado a indústria local? sim  não

3.11 **Se sim, pergunte:** em que tem influenciado? \_\_\_\_\_

**PROTOCOLO DE LEVANTAMENTO DE DADOS EM CAMPO**

**Pesquisa de campo da Dissertação de Mestrado**

**A INSERÇÃO DO TURISMO NO BREJO DE SERRA NEGRA/BEZERROS/PE: UMA PROPOSTA  
CONCRETA DE DESENVOLVIMENTO SOCIOESPACIAL?**

Maria José Gonçalves de Melo

ENTREVISTADO: \_\_\_\_\_

ATIVIDADE DESENVOLVIDA: pecuária  agricultura  indústria  serviços  comércio   
turismo

LOCALIDADE: \_\_\_\_\_

Mora no local há: \_\_\_\_\_ anos Nasceu em Bezerros? sim  não

1. Dados populacionais

1.1 Em relação ao ano passado, a população local aumentou  é a mesma  diminuiu

1.2 Há algum período do ano em que o número de pessoas na cidade aumenta? sim  não

1.3 **Se sim, pergunte:** em que meses isso ocorre? jan  fev/  mar  abr  maio  jun   
jul  ago  set  out  nov  dez   
carnaval  São João  Natal  Ano Novo  festa do padroeiro

2. Indústria Em relação ao ano passado

2.1 O senhor produziu: mais  a mesma quantidade  menos

2.2 O que o senhor produz? \_\_\_\_\_

2.3 O senhor mudou o que produz? sim  não

2.4 **Se mudou o que produz, pergunte:** o que o senhor passou a produzir? \_\_\_\_\_

2.5 **Se mudou o que produz, pergunte** Por que? \_\_\_\_\_

2.6 Quanto à área usada para produção, o senhor utilizou: a mesma área  uma área maior   
uma área menor

2.7 Produção: apenas para o comércio local  para outras localidades

2.8 A quem o senhor vende? \_\_\_\_\_

2.9 O senhor acha que a indústria local mudou? sim  não

2.10 **Se sim, pergunte:** por que? \_\_\_\_\_

2.11 O senhor acha que o turismo tem influenciado a indústria local? sim  não

2.12 **Se sim, pergunte:** em que tem influenciado? \_\_\_\_\_

**PROTOCOLO DE LEVANTAMENTO DE DADOS EM CAMPO**

**Pesquisa de campo da Dissertação de Mestrado**

**A INSERÇÃO DO TURISMO NO BREJO DE SERRA NEGRA/BEZERROS/PE: UMA PROPOSTA  
CONCRETA DE DESENVOLVIMENTO SOCIOESPACIAL?**

Maria José Gonçalves de Melo

ENTREVISTADO: \_\_\_\_\_

ATIVIDADE DESENVOLVIDA: pecuária  agricultura  indústria  serviços  comércio   
turismo

LOCALIDADE: \_\_\_\_\_

Mora no local há: \_\_\_\_\_ anos Nasceu em Bezerros? sim  não

1. Dados populacionais

1.1 Em relação ao ano passado, a população local aumentou  é a mesma  diminuiu

1.2 Há algum período do ano em que o número de pessoas na cidade aumenta? sim  não

1.3 **Se sim, pergunte:** em que meses isso ocorre? Jan  fev  mar  abr  maio  jun   
jul  ago  set  out  nov  dez   
Carnaval  São João  Natal  Ano Novo  Festa do padroeiro

2. Comércio RAMO DO COMÉRCIO restaurante  artesanato  roupas   
feira ambulante

Outros: \_\_\_\_\_

2.1 Em relação ao ano passado o senhor vendeu: mais  a mesma quantidade  menos

2.2 O que o senhor vende? \_\_\_\_\_

2.3 O senhor mudou o que vende? sim  não

2.4 **Se mudou o que vende, pergunte:** o que o senhor passou a vender? \_\_\_\_\_

2.5 **Se mudou o que vende, pergunte** Por que? \_\_\_\_\_

2.6 Seu estabelecimento tem: a mesma área  uma área maior  uma área menor

2.7 Vende: apenas para o comércio local  para outras localidades

2.8 **Se vende para outras localidades, pergunte:** A quem o senhor vende? \_\_\_\_\_

2.9 O senhor acha que o comércio local mudou? sim  não

2.10 **Se sim, pergunte:** por que? \_\_\_\_\_

2.11 O senhor acha que o turismo tem influenciado o comércio local? sim  não

2.12 **Se sim, pergunte:** em que tem influenciado? \_\_\_\_\_

2.13 **Se sim, pergunte:** em que meses isso ocorre? jan  fev  mar  abr  maio  jun   
jul  ago  set  out  nov  dez   
Carnaval  São João  Natal  Ano Novo  Festa do padroeiro

**PROTOCOLO DE LEVANTAMENTO DE DADOS EM CAMPO**

**Pesquisa de campo da Dissertação de Mestrado**

**A INSERÇÃO DO TURISMO NO BREJO DE SERRA NEGRA/BEZERROS/PE: UMA PROPOSTA  
CONCRETA DE DESENVOLVIMENTO SOCIOESPACIAL?**

Maria José Gonçalves de Melo

ENTREVISTADO: \_\_\_\_\_

ATIVIDADE DESENVOLVIDA: pecuária  agricultura  indústria  serviços  comércio   
turismo

LOCALIDADE: \_\_\_\_\_

Mora no local há: \_\_\_\_\_ anos Nasceu em Bezerros? sim  não

**1. Dados populacionais**

1.1 Em relação ao ano passado, a população local aumentou  é a mesma  diminuiu

1.2 Há algum período do ano em que o número de pessoas na cidade aumenta? sim  não

1.3 **Se sim, pergunte:** em que meses isso ocorre? jan  fev  mar  abr  maio  jun   
jul  ago  set  out  nov  dez   
Carnaval  São João  Natal  Ano Novo  Festa do padroeiro

**2. Turismo ESTABELECIMENTO Nome:** \_\_\_\_\_

2.1 Tipo: hotel  pousada  motel  outro: \_\_\_\_\_

2.2 Que atividades seu estabelecimento oferece aos turistas? descanso  passeio a cavalo   
horta natural  casa de farinha  fabricação de queijo  produção de artesanato   
Outros \_\_\_\_\_

**2.3 Por favor, preencha os dados do quadro abaixo (ou peça o relatório mensal que ele manda para a EMPETUR)**

DADOS	2002	2003
Número de leitões		
Número de hóspedes		
Número de refeições		
Taxa de ocupação média		
Idade média dos hóspedes		
Número de empregados		

2.4 Em que meses sua ocupação é maior? Jan  fev  mar  abr  maio  jun   
Jul  ago  set  out  nov  dez   
Carnaval  São João  Natal  Ano Novo  Festa do padroeiro

2.5 Em que meses sua ocupação é menor? Jan  fev  mar  abr  maio  jun   
Jul  ago  set  out  nov  dez   
Carnaval  São João  Natal  Ano Novo  Festa do padroeiro

2.6 Em que meses sua ocupação não é suficiente para atender as solicitações dos turistas?  
Jan  fev  mar  abr  maio  jun  Jul  ago  set  out  nov  dez   
Carnaval  São João  Natal  Ano Novo  Festa do padroeiro

O pessoal que trabalho no estabelecimento:

2.7 tem curso profissionalizante sim  não

2.8 tem treinamento no estabelecimento? sim  não

2.9 permanece no emprego por: temporada  com carteira assinada por mais de um ano   
com carteira assinada por menos de um ano

2.10 Quantos empregados nasceram no Município? \_\_\_\_\_

2.11 Quantos empregados moram no Município? \_\_\_\_\_